

AQUILES TESCARI NETO

**ADVPs DE ASPECTO HABITUAL
COMO MODALIZADORES
INERENTES:
UM ESTUDO TRANSLINGÜÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem (Universidade Estadual de Campinas), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Lingüística. Área de concentração: Gramática – Sintaxe Gerativa das Línguas Naturais.

Orientadora: prof.^a Dr.^a Sonia Maria Lazzarini Cyrino.

CAMPINAS

2008

**UNICAMP – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

Aquiles Tescari Neto

**AdvPs de aspecto habitual como modalizadores inerentes: um estudo
translingüístico**

Bolsa CNPq (Processo 130287/2006-7)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Gramática

Linha de pesquisa: Sintaxe Gerativa das Línguas Naturais

Composição da banca examinadora:

Prof.a Dr.a Sonia Maria Lazzarini Cyrino (IEL/UNICAMP)
(Orientadora)

Titulares:

Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi (UFRGS)

Prof.a Dr.a Charlotte Marie Chambelland Galves (IEL/UNICAMP)

Suplentes:

Prof. Dr. Carlos Miotto (UFSC)

Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar (IEL/UNICAMP)

Campinas, 29 de fevereiro de 2008.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

T281a

Tescari Neto, Aquiles.

AdvPs de aspecto habitual como modalizadores inerentes : um estudo translingüístico / Aquiles Tescari Neto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

Orientador : Sonia Maria Lazzarini Cyrino.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. AdvPs de aspecto habitual (Lingüística). 2. Modalização (Lingüística). 3. Advérbios modalizadores. 4. Teoria dos especificadores funcionais (Lingüística). 5. Sintaxe gerativa. I. Cyrino, Sonia Maria Lazzarini. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

oe/iel

Título em inglês: Habitual aspect AdvPs as inherent modals: a crosslinguistic study ilbilis.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Habitual aspect adverbs (Linguistics); Modality (Linguistics); Modal adverbs; Functional-specifiers theory (Linguistics); Generative Syntax.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Mestre em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino (orientador), Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi, Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves. Suplentes: Prof. Dr. Carlos Mito e Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar..

Data da defesa: 29/02/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.



A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, em sessão pública realizada em 29 de fevereiro de 2009, considerou **aprovado** o candidato **Aquiles Tescari Neto**.

BANCA EXAMINADORA:

Sônia Maria Lazzarini Cyrino

Charlotte Marie Chambelland Galves

Sérgio de Moura Menuzzi

Carlos Mito

Juanito Ornelas de Avelar

IEL/UNICAMP

2008

*À memória de minha mãe,
dona Regina Aparecida Marciano Tesconi*

Equívocos

*Palavras vãs
machucam...
A alma triste...
chora!*

*Por que não entendes?
Por que não aceitas?*

*Que o amor escolhe caminhos
diferentes para se realizar.
Que o que sinto verdadeiramente
nenhum mal pode a você causar.*

*Palavras vãs
esqueça-as
Porque a alma triste...
perdoa.*

(Rosana Rogeri, amiga e poetisa)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar – e será um agradecimento *bastante mais* especial – à prof.a Dr.a Sonia Cyrino, por ter-me aceitado, em junho de 2006, como seu orientando. Desde o início, a prof.a Sonia mostrou interesse pela minha proposta. Sempre esteve disposta a me ajudar nas reuniões *semanais* de orientação, em que ela discutia comigo os rumos da pesquisa. A professora Sonia deu-me a liberdade necessária para estudar o efeito modalizador dos advérbios que aqui discuto, apoiando-me sempre nos resultados que as investigações traziam à luz e questionando a validade de cada um dos dados. Sou imensamente agradecido por ter tido a oportunidade de ser orientando da prof.a Sonia.

Agradeço à minha família: meu pai, Luiz, e minhas irmãs Clarice e Laura. Apesar da distância – a Clarice não: estava próxima, via *msn!* –, sempre estiveram a meu lado e apoiaram a minha vinda a Campinas. Todas as palavras de agradecimento a meu pai e a minhas irmãs são poucas...

Ao Instituto de Estudos da Linguagem da ‘nossa’ UNICAMP, que me acolheu como aluno de mestrado. Eu trazia desde o início da graduação o interesse em estudar Linguística Formal neste instituto. O ingresso tornou possível não só o contato com teorias formais da linguagem, bem como a realização de minha pesquisa em *Sintaxe Gerativa das Línguas Naturais*, uma área que sempre me causou um certo fascínio, desde a época de estudante de Iniciação no *Funcionalismo*.

Aos funcionários do IEL, especialmente os da sessão de pós-graduação (todos) e da biblioteca (todos), por toda a paciência e profissionalismo.

Ao pessoal do *bandejão*, especialmente à Val! O bandejão teve um papel essencial nesses dois anos. Deixo aqui registrada a qualidade da comida, que me fará sentir falta e saudade! A alimentação do bandejão, rica em nutrientes, *proteínas*, etc., foi essencial para as minhas atividades físicas diárias e para o tratamento dos advérbios modalizadores especificadores.

À prof.a Dr.a Ruth Lopes que, desde a disciplina LL195 (“Gramática e Aquisição da Linguagem”), no segundo semestre de 2006, pacientemente arrumou-me textos interessantes para a pesquisa. Agradeço também as suas contribuições na avaliação do trabalho final de sua disciplina, no encontro de Teoria da Gramática da ANPOLL, no SETA 2007 e na minha qualificação.

Ao prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar pelas críticas, questões e sugestões muito bem-vindas no Colóquio de Sintaxe e na minha qualificação.

Aos professores Anna Bentes, Sergio Menuzzi e Rodolfo Ilari pelas ajudas no início do mestrado, no primeiro semestre de 2006.

À Regiane, psicóloga do SAPPE, e Roseli, psicóloga do CECOM. E à doutora Renata, do CECOM, por todo o apoio e incentivo.

À Chris P., que, desde o início de 2006, se reunia conosco – estudantes iniciantes em Sintaxe Gerativa – para as leituras dos manuais introdutórios de teoria sintática. A Christine é uma sintaticista ‘de mão cheia’ e foi muito bom poder ter aprendido com ela.

Aos amigos da Sintaxe: Dri Gazola – quantas risadas, embora poucas no bandeirão! –, Lari, Fernanda, Aroldo e Aline Bu Gravina. Aos companheiros-estudantes de pós: Renato, Rita, Fábio A.D. L.A. da Silva L.C. Fortes e Pri Toneli (tantos foram os almoços nas tardes de domingo, em 2006, depois da aula de inglês britânico do Fábio Fortes).

Aos meus caros informantes e aos professores que discutiram as propostas da minha pesquisa, muitas vezes, via e-mail (sou *imensamente* grato a todos eles): à professora Heiko Narrog (*Tohoku University*) pela dedicada atenção que me deu no ano passado. Agradeço imensamente não apenas aos dados do japonês que me forneceu (e foram tantos! Eram e-mails e mais e-mails – enormes em termos de extensão – que eu enviava à professora Narrog, com dúvidas sobre pontos particulares da sintaxe do japonês), mas também pela discussão profícua, também via e-mail, de sua definição de modalização, que estendi aos advérbios de aspecto habitual. Grato também pelos textos que me enviou.

Ao Prof. Guglielmo Cinque (*Università degli Studi Ca' Foscari di Venezia*) pela atenciosa discussão do plano inicial de pesquisa e julgamento de sentenças do italiano, bem como aos questionamentos. À prof.a Artemis Alexiadou (*Un. Stuttgart*) não só pelos dados do grego moderno, mas também pela discussão da minha proposta e pelas sugestões. Ao Prof. Jon Ortiz de Urbina (*Universidad Deusto*) pelos dados do basco, pelos e-mails trocados, pelas sugestões e questionamentos em relação à minha proposta e por toda a atenção dispensada. Ao Prof. Eric Potsdam (*University of Florida*) pela discussão de dados do inglês e da proposta (de adjunção) de T. Ernst. Ao Prof. Ian Roberts (Cambridge) por dados do inglês e pelos questionamentos à proposta do efeito modalizador dos advérbios habituais e da Condição “Tau”. Os questionamentos foram muito bem-vindos no sentido de terem lançado muitas luzes para o aperfeiçoamento da proposta. Aos professores Zohar Livnat (*Bar-Ilan University*) e Shlomo Izre’el (*Tel Aviv University*) pelos dados do hebraico e discussão desses dados. À Prof. Ljiljana Progovac (*Wayne State University*) por dados do bósnio/servo-croata. À Prof.a L. J. Xu (*U. Toronto*), a Wei-wen Roger Liao (*Univerity of Southern California*) e a Zhang Jianbo (DL-USP) pelos dados do chinês. Aos professores Didier Demolin (DL-USP) e Charlotte Marie Chambelland Galves (DL-UNICAMP) por dados do francês. À colega

Tomoko Sakuma (*Un. Texas* – e IEL/UNICAMP em 2006 –) e ao Prof. Yuki Mukai (UnB, IEL/UNICAMP) pelos dados do japonês e pelas sugestões bem-vindas. A Lou-Ann Kleppa (DL-UNICAMP) e Eva-Maria Roessler (DL-UNICAMP) pelos dados do alemão. À Prof.a Safa Alferd Abou Chahla Jubran (Depto. Línguas Orientais-USP) pelos e-mails trocados e pela dedicada atenção em me receber e me ajudar com os questionamentos relativos ao efeito modalizador dos meus advérbios habituais no árabe. A Neslihan Yumrutas (*Boğaziçi University*) por dados do turco e a Archna Bhatia (*University of Illinois at Urbana-Champaign*) por dados do hindí, sugestões e discussão da proposta.

Agradeço também aos informantes “não-lingüistas” que amolei para a ‘captura’ dos dados e julgamentos de sentenças. Começo com um agradecimento especial a Silvia Giorgi – filósofa de formação (mas com uma intuição lingüística ‘apura::::::::::da’) –, informante do italiano. *Ma preferisco ringraziarla in italiano: Silvia, mi hai aiutato molto nel 2006-2007 con i tuoi dati e con i tuoi giudizi. Quelle volte che, dopo aver “bandejato”, ti annoiavo con delle frasi in italiano, chiedendoti dei giudizi che, lo so, probabilmente ti lasciavano abbastanza stanca. Qui ti lascio un ringraziamento speciale, e lo faccio in italiano!. A Claudio Bellini, pelos dados do dialeto napolitano; a Cristiano Riggi, dialeto romano. Ao Hong (Hong Gi Lim) pelos dados do coreano. Ao Syed Badshah pelos dados do pashto (acho que ele gostou do *capuccino* que lhe ensinei a fazer). Ao Kisala (Muposo Luan Kisala), que um dia parei na saída do bandejão, e que gentilmente me atendeu na Engenharia Mecânica para passar os dados do lingala.*

Desnecessário agradecer aos amigos brasileiros (lingüistas e não-lingüistas) que tantas vezes amolei, pedindo julgamentos das minhas sentenças.

Aos professores Dagmar Haumann (*Universitaet Erfurt*) e Josef Bayer (*Universität Konstanz*) pelo envio de material teórico. Ao prof. Seung Hwa Lee (UFMG) pela indicação bibliográfica e glosas de sentenças do coreano. E à professora Eliana Langer (FFLC-USP) pelas ajudas e glosas de sentenças do hebraico.

Aos meus amigos: Rosana Rogeri – (agora, ela é poetisa!) que desde 2002 *sempre* esteve ao meu lado nas decisões *mais importantes* que tomei (como, por exemplo, fazer a pós no IEL). A amizade dela é muito importante para mim –, Leandro – tantos foram os filmes, bandejões e capuccinos neste ano de 2007 –, Marcão Cintra – e seus conselhos acadêmicos –, Ricardo Sobreira – que também ajudou com o *abstract* –, Rodrigo, Giuliano Orsi – tantas tardes! –, R. Dumbra – e a pulguenta Vicky –, Douglinhas, Lúcio Fábio, R. Marchesi, Gabi Imbernom, Lívia Femina, Valmir – e seu jantar vegetariano –, Kely KCB (“sss”), Bruno & Fer(nanda) Veloso, Glauber, tia Walmir, Nanna e Marília Caselatto, Dani

Pescuma, Ro Niero, Dr. Germano Arruda e dona Márcia Arruda – pessoas importantes na minha vida, na época de Mirassol! – e o Andão, caríssimo amigo escondido em TuriúRba.

À Ilse Paschoal (lê-se /pasxoal/, com “x”) Moreira, Roberta Landucci Ortale e Neide Barbosa, por me terem amigavelmente acolhido em Campinas. Aprendi muito sobre a língua italiana com a Ilse.

À amiga e prof.a Fernanda Landucci Ortale (UNESP/SJRP), minha professora de Lingüística Aplicada e Língua Italiana na graduação. Ela me ajudou muito em minha vinda a Campinas e, nesses dois anos de mestrado, *sempre* esteve presente.

Aos amigos da ‘rep’: Du Marafon – grande amigo! (e tantas foram as noites em que ele ouvia as minhas lamentações) –, Kristerson Re(g)inaldo Lun(l)a Frei(tas) – o arroz não queima mais –, Ju Cortez, Klecia, Heron e Coelho-Pontes. À Dona Maria por esse ano de 2007 e pelas suas carinhosas palavras de mãe. À vó Mena que me abençoava. Às amigas dos amigos republicanos: Kaline, Hérica, Marianinha e Gal, que se tornaram minhas amigas.

Ao CNPq pela bolsa de estudos nestes dois anos. Sem esse apoio financeiro, entregar a dissertação no prazo teria sido praticamente impossível.

A Deus, por toda a Sua ajuda. Sempre!

RESUMO

O estudo da modalização na literatura lingüística tem excluído do grupo dos advérbios modalizadores os que indicam aspecto habitual (como “normalmente” e “geralmente”, em português; “usually” e “generally”, em inglês; “tongchang”, em chinês; “sinithos”, em grego; etc.). Esta dissertação propõe, ao assumir a Teoria dos Especificadores Funcionais, uma abordagem formal de sintaxe adverbial (Cinque, 1999, 2004), que advérbios habituais constituem, nas línguas do mundo, um subgrupo de modalizadores de descomprometimento do falante, como os epistêmicos (“provavelmente”), os irrealis (“talvez”) e os aléticos de possibilidade (“possivelmente”), considerados os representantes dos AdvPs modais. AdvPs habituais, a exemplo dos outros AdvPs modalizadores, tornam a proposição indeterminada em relação a seu estatuto factual (definição de modalidade proposta em Narrog (2005)). Com base na agramaticalidade de sentenças envolvendo, no espaço IP, advérbios habituais e advérbios modalizadores tradicionais, propomos que os advérbios de aspecto habitual são modalizadores inerentes, por reagirem à presença dos outros modalizadores. Para tanto, formulamos a Condição τ (“tau”), que bloquearia as sentenças com itens funcionais de mesmo traço em um XP funcional (CP, IP ou DP estendidos). Evidência adicional para o reconhecimento dos advérbios habituais como modalizadores vem do comportamento também modalizador do núcleo de aspecto habitual, em línguas que o expressam morfofonologicamente, como o grego, o coreano e o basco. Nesse sentido, não apenas os adverbiais aspectuais habituais são modalizadores; o aspecto habitual como um todo instanciará modalização.

Palavras-chave: AdvPs de aspecto habitual, modalização, advérbios modalizadores, teoria dos especificadores funcionais, descomprometimento do falante, sintaxe gerativa.

ABSTRACT

The study of modality available in general Linguistics literature has excluded from the group of modal adverbs those which indicate habitual aspect, such as “normalmente” and “geralmente”, in Portuguese; “usually” and “generally”, in English; “tongchang”, in Chinese; “sinithos” in Modern Greek, etc. By acknowledging the Functional-Specifiers Theory, a formal approach to adverbial Syntax (Cinque, 1999, 2004), this thesis proposes the idea that habitual aspect adverbs are indeed modal ones, such as the epistemic (“probably”), irrealis (“perhaps”) and alethic of possibility (“possibly”) adverbs, usually considered as the representatives of modal AdvP classes. Habitual adverbs, as the traditional modal adverbs, make the proposition undetermined with respect to its factual status (Narrog (2005)’s definition of modality). Based on the ungrammaticality of sentences which have habitual adverbs and traditional modal ones in the extended-IP space, we will propose that habitual aspect AdvPs are inherent modals: they cannot co-occur with another modal adverb, as a consequence of “ τ (tau) Condition”, which we have formulated to account for the ungrammatical sentences which have more than one functional item (Spec or Head) in the same functional XP domain (extended CP, IP or DP). Additional evidence for the modal status of habitual aspect adverbs comes from the modal behavior of the habitual aspect head in some languages which express morphophonologically the habitual aspect, such as Modern Greek, Korean and Basque. In this sense, Habitual Aspect as a whole, not only habitual aspect adverbs, would express modality in the languages of the world.

Keywords. *Habitual aspect adverbs, modality, modal adverbs, functional-specifiers theory, uncommitment of the speaker, Generative Syntax.*

ÍNDICE

FICHA CATALOGRÁFICA	iii
FOLHA DE APROVAÇÃO	iv
DEDICATÓRIA	v
EPÍGRAFE	vi
AGRADECIMENTOS	vii
RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
ÍNDICE	xiii
INTRODUÇÃO	16
Um olhar sobre os dados coletados	21
CAPÍTULO I – O PROBLEMA	23
0. Introdução	23
1. AdvPs de aspecto habitual na literatura do assunto	24
2. AdvPs modalizadores na literatura do assunto	25
3. O efeito modalizador dos AdvPs de aspecto habitual	26
4. Sumário	30
CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA	32
0. Introdução	32
1. Entendendo a modalização	33
1.1. As definições de modalidade: Modalidade e ‘atitude do falante’	34
1.2. As definições de modalidade: Modalidade e a bipartição da sentença	36
1.3. As definições de modalidade: Modalidade e factualidade	37
2. A categoria semântica aspecto	42
2.1. Aspecto habitual vs aspecto iterativo/freqüentativo	43
3. AdvPs na literatura formalista: um campo de investigação problemático	45
4. A teoria dos especificadores funcionais	48
4.1. Aprofundando na proposta de Cinque (1999)	50
4.2. A ‘árvore’ de Cinque	52

4.2.1.	XP Ato de fala	55
4.2.2.	XP Modo Avaliativo	55
4.2.3.	XP Modalidade Evidencial	56
4.2.4.	XP Modalidade Epsitêmica	56
4.2.5.	XP Modalidade <i>irrealis</i>	58
4.2.6.	XPs de Modalidade alética (de necessidade e de possibilidade)	59
4.2.7.	Projeções sob o escopo de $Asp_{\text{Frequentative}P(I)}$	61
4.3.	Sobre a alocação dos AdvPs em Spec	64
4.4.	A natureza funcional dos AdvPs	67
4.5.	Três motivos para se assumir Cinque (1999)	68
5.	Teorias de adjunção	71
6.	Sumário	74
CAPÍTULO III – POSIÇÕES PARA ADVÉRBIOS SENTENCIAIS		76
0.	Introdução	76
1.	AdvPs de aspecto habitual como AdvPs de sentença	77
2.	A distribuição dos advérbios altos no espaço IP	79
3.	<i>Slots</i> para atuação de AdvPs sentenciais: evidências a partir de dados translingüísticos	82
4.	AdvPs (sentenciais) em posição final e em inserções parentéticas	88
5.	Sumário	91
CAPÍTULO IV – SOBRE A NATUREZA INERENTEMENTE MODALIZADORA DOS ADVÉRBIOS DE ASPECTO HABITUAL: UMA FORMALIZAÇÃO EM TERMOS DE TRAÇOS		94
0.	Introdução	94
1.	Os XPs de Cinque e seus traços (semânticos) característicos	96
1.1.	A questão dos traços funcionais no Programa Minimalista	96
1.2.	Os traços funcionais dos X^0 s da árvore de Cinque	100
1.2.1.	Assimetrias na hierarquia de Cinque: a questão dos traços adicionais	102
1.2.2.	A Condição τ	104
1.2.3.	O descomprometimento do falante e os advérbios modalizadores de descomprometimento	108
1.3.	O traço μ	109

2.	Advérbios aspectuais habituais: uma nova subclasse de modalizadores?	110
3.	Alguns aparentes contra-exemplos	113
3.1.	Quando um AdvP μ é um focalizador	114
3.2.	Quando um AdvP está na posição de Spec de um outro AdvP	115
3.3.	Quando a Sintaxe de uma língua particular dispõe apenas de adverbiais para a marcação formal do aspecto	117
3.4.	Quando se cria um contexto que legitime apenas a leitura aspectual do AdvP	118
4.	AdvPs de <i>aspecto habitual</i> > <i>AdvPs de freqüência</i>	123
5.	A natureza sintática do valor modalizador dos AdvPs aspectuais habituais	128
5.1.	A assimetria AdvPs e APs correlatos.....	129
5.2.	Construções AdvPs μ (+ COMP) no pashto	131
6.	X ⁰ s de aspecto habitual: um núcleo também modalizador?	132
7.	Sumário	135
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
	APÊNDICE	142
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145

INTRODUÇÃO

"Os advérbios são um sistema rico e ainda inexplorado. Qualquer coisa que dissermos sobre eles deve ser considerada absolutamente como tentativa." (N. Chomsky, Aspects, 1965, p. 219).

É comum encontrarmos nos manuais introdutórios de lingüística chomskyana a apresentação dos objetivos da teoria gerativa. Um deles é a caracterização do conhecimento do falante sobre a sua língua, conhecimento este que lhe permite relacionar significados a estruturas nunca antes vistas.

Chama muito a atenção o fato de uma criança adquirir esse conhecimento ainda em uma fase de sua vida em que as outras habilidades intelectuais estão se desenvolvendo. E, mais do que isso, as crianças facilmente adquirem a linguagem, ainda que o *input* que recebem (os *dados lingüísticos primários*) seja 'pobre', se comparado à gramática particular que geram como *output*.

A resposta dada por teorias chomskyanas à 'rápida aquisição' desse conhecimento tem suas raízes na Gramática Universal (doravante UG), um sistema de pré-condições *inatas* que são acionadas com a exposição da criança a uma dada língua.

As teorias gerativistas buscam a caracterização dessa UG. Desde o início, a Gramática Gerativa tem buscado responder ao *problema de Platão*: em que sentido a linguagem é parte da herança biológica humana, já que as crianças sabem tantas coisas em tão pouco tempo.

Ao descrever teoricamente um fenômeno da gramática de uma língua particular ou de línguas particulares, o objetivo subjacente é o desenvolvimento de uma teoria mais geral, capaz de explicar se o conhecimento de uma língua individual resulta da interação de certas propriedades específicas da linguagem.

Nossa pesquisa de mestrado procura contribuir em algum sentido com essa inventiva. Nosso objetivo principal é um estudo translingüístico de alguns advérbios (doravante *adv*s) conhecidos na literatura pelo nome de *adv*s de *aspecto habitual*. Esses *adv*s têm sido tratados pela literatura lingüística por essa função, a de atuarem na composicionalidade semântica da categoria *aspecto*. Há trabalhos que mencionam o efeito quantificador desses *adv*s (Lewis, 1975). Mas, salvo engano, a literatura *não conta com trabalhos que tratem do efeito modalizador gerado por esses itens*. Este é o objetivo principal de nossa dissertação: propor, com base em dados translingüísticos, que os *adv*s de *aspecto habitual* são *inerentemente* modalizadores, como os outros *adv*s que a literatura pós-Bellert (1977) tem tratado como tal:

os epistêmicos, do tipo de *provavelmente*, os *irrealis*, como *talvez*, e os aléticos de possibilidade (*possivelmente*).

Em Tescari Neto (2004; 2005), o trabalho com os advs-satélites¹ de nível três (modalizadores) em *corpora* do português brasileiro (PB) e do português europeu, nos pôs em contato com os problemas gerados por advs habituais. Na ocasião, reconhecíamos intuitivamente um valor modalizador emergente no uso desses advs. Amadurecemos a idéia que se concretizou em projeto de pesquisa para o mestrado e nos levou a levantar as seguintes questões:

- 1) AdvS habituais aspectuais habituais (AdvPs Asp_{Hab}) são inerentemente modalizadores?
- 2) O fenômeno da modalização adverbial gerada por AdvPs Asp_{Hab} é universal ou seria uma idiosincrasia do PB ou das línguas românicas?
- 3) O efeito modalizador dos AdvPs Asp_{Hab}S pode ser capturado e tratado por uma teoria sintática?
- 4) O núcleo de aspecto habitual (Asp_{Hab}⁰) é também gerador de modalização nas línguas naturais?

Parte dessas questões surgiram com as nossas intuições sobre sentenças do tipo de (1):

- (1) *Normalmente*, os brasileiros são boas pessoas.

Diante de uma ocorrência como essa, qualquer falante nativo do PB não encontraria dificuldade alguma para reconhecer intuitivamente que o adv *normalmente* gera um efeito de indeterminação da verdade expressa no conteúdo proposicional. O sentido que emerge pelo emprego do adv é o de um certo descomprometimento do falante em relação ao que ele diz na proposição: é como se, devido ao fato de poder existir, no universo de brasileiros, uma pessoa que não fosse boa, o falante, para não se comprometer, sinalizasse isso via adv habitual.

Assumimos que o efeito de *normalmente*, em (1), seria muito próximo, nesse sentido, ao efeito que geram os advs reconhecidamente modalizadores pela literatura lingüística (*provavelmente*, *talvez* e *possivelmente*, em PB, e os correspondentes nas demais línguas do mundo):

- (2) *Provavelmente/talvez/possivelmente*, os brasileiros são pessoas boas.

¹ Na teoria funcionalista de Dik (1997), enfoque teórico de que nos valemos naquela oportunidade, satélite é o nome utilizado para se referir a advs e adverbiais. É importante lembrar que, diferentemente de Cinque (1999; 2004), Alexiadou (1997), dentre outros, Dik (1997) (cf. também Dik et al. (1990)) considera os advs (satélites) como mecanismos *lexicais opcionais* que transmitem informações adicionais, não como itens *funcionais* (ou “operadores”, naquela teoria).

Se em (2), o uso de *provavelmente*, *talvez* ou *possivelmente* gera um efeito de descomprometimento do falante em relação ao que diz no conteúdo proposicional, cuja factualidade fica indeterminada, em (1), igualmente, o adv *normalmente* gera esse mesmo efeito, o que o faz também atuar como modalizador, não obstante seu valor aspectual habitual.

Embora intuitivamente não seja uma tarefa difícil reconhecer os advs aspectuais habituais como modalizadores, como se pôde demonstrar nos parágrafos anteriores, este ponto tem estado fora das descrições e investigações dos lingüistas que se têm dedicado aos estudos da modalização adverbial e dos advs (aspectuais) quantificadores.

Se um dos objetivos dos estudos de Sintaxe Gerativa é a explanação formal de fenômenos (sintáticos) universais, a nossa opção pelo *Programa Minimalista* da Teoria de Princípios e Parâmetros, apresentado em Chomsky (1995) e realizado na esteira deste, justifica a busca pela explanação do fenômeno sintático da modalização gerada pelos advs de aspecto habitual em língua natural, a partir da comparação de dados em diversas línguas. Baseamo-nos na *teoria dos especificadores funcionais* (Cinque, 1999; 2004), para a formalização e explanação do nosso problema.

Cinque (1999) apresenta uma teoria sintática consistente para a análise dos sintagmas adverbiais (AdvPs). Com base em dados translingüísticos, o autor propõe não somente uma hierarquia universal de ordenação de AdvPs, mas uma hierarquia universal de projeções funcionais, estendendo ainda mais o espaço-IP, ao reconhecer nesse domínio a existência de cerca de 32 XPs *funcionais*, cada um de uma natureza semântica distinta, para hospedar os AdvPs por ele também considerados *funcionais*.

A proposta de Cinque ficou conhecida na literatura pelos nomes *location-in-Spec*, *teoria dos especificadores funcionais* e *teoria dos advs especificadores* (esses termos serão aqui utilizados sinonimamente). Nesta teoria, um AdvP de determinada distinção funcional é hospedado no Spec do XP de mesma distinção, cujo núcleo é da mesma natureza semântica que o adv: AdvP, em Spec, checa traços com o núcleo funcional.

Para propor que os AdvPs integram a estrutura funcional da oração, Cinque compara as classes de AdvPs e os núcleos funcionais: os advs correspondem em número, tipo e posição na árvore aos núcleos à direita.

Assume-se ainda, em Cinque (cf. 1999, p. 132), que os fatos da hierarquia universal são válidos em termos de *princípios*, não estando sujeitos à variação paramétrica. Assim, as distinções funcionais ali identificadas e a ordenação proposta são de validade universal.

Nossa opção por Cinque se explica em virtude de uma série de fatores (cf. capítulo II, seção 4.5). Um deles tem a ver com o fato de Cinque ter sido um dos primeiros sintaticistas a

formalizar, em termos de projeções funcionais, categorias como a modalização, marginalmente tratadas pelos estudos em sintaxe gerativa até então.

Trabalhos da literatura têm considerado a *modalização* uma categoria *semântica* (Lyons, 1977; Narrog, 2005; Busmann, 2006).² Cinque traz para os estudos da Sintaxe a possibilidade de tratar da *modalização* em termos de posições sintáticas (posições em um marcador sintagmático, a *árvore*), já que a modalização se manifesta sintaticamente.

Este tem sido um dos desafios da lingüística gerativa atual: tratar sintaticamente de categorias em interface com os níveis mais altos. Speas (2004), p.ex., na esteira de Cinque (1999), propõe que é possível tratar sintaticamente de categorias que a literatura tem considerado ‘pragmáticas’ como a *evidencialidade* e a *logoforicidade*.

Nosso trabalho, ao reconhecer como modalizadores os AdvPs Asp_{Hab} , se insere nesse conjunto de propostas que buscam dar um tratamento sintático a categorias gramaticais que a literatura tem reconhecido como pertencentes a níveis mais altos.

Já que, em Cinque (1999), os fatos da sintaxe adverbial têm validade universal, nossa busca por um estudo translingüístico dos AdvPs Asp_{Hab} fica, pois, justificada. Se, de fato, os habituais forem modalizadores em PB, deverão sê-lo em todas as línguas. Para se chegar a tal conclusão, faz-se necessário, portanto, um trabalho de empiria.

Um dos pontos cruciais na teoria de Cinque (1999) diz respeito à relação simétrica entre os advs especificadores e os núcleos funcionais da mesma distinção, com os quais os AdvPs checam os traços. Sendo assim, um adv de ato de fala (*honestamente*), compartilha traços com $Mood_{SpeechAct}^0$; um adv epistêmico, com $Mod_{Epistemic}^0$, e assim por diante. Se de fato os AdvPs Asp_{Hab} forem modalizadores nas línguas naturais, uma conseqüência teórica esperada será encontrar Asp_{Hab}^0 s que gerem esse valor. A seção 6 do cap. IV apresenta dados translingüísticos que corroboram essa hipótese. Na realidade, $Asp_{Hab}P$ seria uma projeção modalizadora.

Além de propor as evidências necessárias à postulação dos AdvPs habituais como advérbios modalizadores, nossa dissertação visa a contribuir com o debate *sintaxe vs. semântica adverbial*, no sentido de propor evidências de que um tratamento sintático dá conta de resolver questões de posicionamento, interpretação e licenciamento de AdvPs: na seção 5 do capítulo IV, via comparação do comportamento de sintagmas adverbiais (AdvPs) e sintagmas adjetivais (APs) correlatos em sentenças, vamos mostrar que um tratamento semântico poderia encontrar sérios problemas para tentar explicar a assimetria nos

² Categoria aqui é empregada como sinônimo de nível de análise: fonética-fonologia, morfologia, sintaxe e semântica.

juízos de gramaticalidade envolvendo dois AdvPs modalizadores – que reagem entre si – e os APs correspondentes em outra sentença – gramatical –.

Para oferecer as razões que nos levam a considerar os AdvPs Asp_{Hab} como modalizadores, nosso trabalho seguirá o seguinte percurso: o cap. I apresenta a hipótese-problema de nossa pesquisa (cf. Introdução e seção 3). Situaremos nossa proposta no panorama geral de estudos sobre os advs quantificadores (seção 1) e sobre os advs modalizadores (seção 2).

O capítulo II apresenta os pressupostos teóricos aqui assumidos. A seção 1 é dedicada a discussões teóricas sobre a *modalização* e à introdução da definição de Narrog (2005) sobre essa categoria. A seção 2 trata do aspecto, com especial interesse ao habitual. Em 3, situamos os estudos de sintaxe adverbial na teoria gerativa. A proposta de Cinque (1999; 2004) é apresentada e discutida na seção 4. Apresentaremos desde os pressupostos básicos da teoria à formalização dos 32 novos XPs no marcador sintagmático. A seção 5 apresenta algumas notas sobre a abordagem concorrente da *adjunção* (embora não a assumamos em nossa análise).

Valemo-nos de dados translingüísticos sobre advs sentenciais para, no capítulo III, propor uma revisão da teoria de Cinque (1999), no que diz respeito aos critérios utilizados para o reconhecimento de um adv sentencial. Argumentaremos, *contra* Cinque, que os habituais são, na realidade, advs de sentença (quando gerados no espaço IP), e não advs de predicado.

O cap. IV é aquele em que ofereceremos as razões para se considerar os AdvPs Asp_{Hab} como modalizadores. Com base em dados do PB, alemão, árabe, basco, bósnio/servo-croata, chinês, coreano, dialeto napolitano, dialeto romano, francês, grego, hebraico, hindi, inglês, italiano, japonês, lingala, pashto e turco, vamos propor que esses advs geram um efeito de modalização, que denominaremos *modalização* μ , modalização esta também gerada por AdvPs epistêmicos (*provavelmente*), *irrealis* (*talvez*) e aléticos de possibilidade (*possivelmente*). A modalização μ vai ser definida como decorrente de dois requisitos: (i) indeterminação da factualidade da proposição; e (ii) descomprometimento do falante em relação ao que diz na proposição.

Em Cinque (1999), cada distinção funcional é caracterizada por um traço (semântico-lexical) *específico*. Esses traços, que se somam aos testes de co-ocorrência entre AdvPs e à observação da ordenação dos núcleos funcionais em diversas línguas (que contam com realização morfofonológica nuclear explícita) justificam os 32 novos XPs incluídos em IP.

Uma assimetria da hierarquia de Cinque (1999) diz respeito ao fato de advs de (algumas) projeções funcionais distintas não poderem co-ocorrer entre si. Se a hierarquia universal é determinada a partir dos testes acima mencionados – e independentemente

corroborada pelos traços específicos de cada XP –, esperar-se-ia a inexistência de tais assimetrias. Uma delas envolve os advs aspectuais habituais, que não podem co-ocorrer com os outros advs modalizadores acima mencionados. Diante desse quadro, vamos propor, no cap. IV (cf. seção 1.2.2), que há uma condição operante no *Sistema Computacional da Linguagem Humana* (C_{HL}), a *condição τ* , que bloqueia sentenças com itens funcionais de mesmo traço em um mesmo XP funcional (CP estendido (de Rizzi, 1997), IP estendido (de Cinque, 1999) e DP estendido): é bastante intuitivo que uma sentença não possa ter dois verbos modais, dois *tempos*, etc. É sobre isso que se trata essa condição. Assim, AdvPs modalizadores de descomprometimento (advs “ μ ”) compartilhariam o traço [μ], que se caracteriza pela indeterminação da factualidade da proposição e pelo descomprometimento do falante, o que explicaria a má formação de sentenças em que co-ocorrem. Este fato será tomado como evidência para a postulação dos advs de aspecto habitual como modalizadores: dois AdvPs μ não podem co-ocorrer, como uma consequência da *condição τ* .

Nas *Considerações finais*, apresentamos uma síntese de nosso trabalho e os problemas em aberto para o desenvolvimento de estudos futuros.

Um olhar sobre os dados coletados

As ocorrências (que não são do PB) apresentadas em nossa dissertação foram fornecidas (e julgadas) pelos nossos informantes ou tomadas de trabalhos da literatura. No primeiro caso, a indicação do informante no corpo do trabalho é opcional. No segundo, apresentamos a fonte, indicada entre parênteses, ao lado da ocorrência ou em espaço oportuno.

Agradecemos de modo especial aos informantes (lingüistas – que indicamos a afiliação acadêmica entre parênteses, a seguir – e não lingüistas):

Prof. Guglielmo Cinque (Università degli Studi Ca’ Foscari di Venezia) – italiano

Prof. Artemis Alexiadou (Un. Stuttgart) – grego

Prof. Eric Potsdam (University of Florida) – inglês

Prof. Ian Roberts (Cambridge) - inglês

Prof. Jon Ortiz de Urbina (Universidad Deusto) – basco

Prof. Zohar Livnat (Bar-Ilan University) – hebraico

Prof. Shlomo Izre’el (Tel Aviv University) – hebraico

Prof. Ljiljana Progovac (Wayne State University) – bósnio/servo-croata

Wei-wen Roger Liao (Univerity of Southern California) – chinês

Prof.a L. J. Xu (U. Toronto) – chinês
Zhang Jianbo (DL-USP) – chinês
Prof. Didier Demolin (DL-USP) – francês
Prof.a Charlotte Marie Chambelland Galves (DL-UNICAMP) – francês
Prof.a. Heiko Narrog (Tohoku University) – japonês
Tomoko Sakuma (Un. Texas) – japonês
Prof. Yuki Mukai (UnB, UNICAMP) – japonês
Lou-Ann Kleppa (DL-UNICAMP) – alemão
Eva-Maria Roessler (DL-UNICAMP) – alemão
Prof.a Safa Alferd Abou Chahla Jubran (Dep. Línguas Orientais-USP) – árabe
Neslihan Yumrutas (Boğaziçi University) – turco
Archna Bhatia (University of Illinois at Urbana-Champaign) – hindi
Silvia Giorgi – italiano
Claudio Bellini – dialeto napolitano
Cristiano Riggi – dialeto romano
Hong Gi Lim – coreano
Syed Badshah – pashto
Muposo Luan Kisala – lingala

Feita a apresentação de nossa proposta, lancemo-nos à ‘aventura’ de entender por que os advs de aspecto habitual (português: *normalmente, geralmente, habitualmente*; alemão: *normalerweise*; árabe: *aadatan*; basco: *normalean*; bósnio/servo-croata: *obično*; chinês: *tongchang, yiban*; coreano: *daetchero, ilbangeok-euro*; dialeto romano: *de solito*; francês: *normalement, ordinairement, habituellement e généralement*; grego: *sinithos*; hebraico: *bederex klal*; hindí: *aadatanusaar*; inglês: *usually, generally, normally, habitually*; italiano: *solitamente, normalmente, generalmente, di solito*; japonês: *hutuu*; lingala: *généralement*; pashto: *amooman*) são inerentemente modalizadores nas línguas naturais.

CAPÍTULO I – O PROBLEMA

“No princípio, era o Verbo...” (Evangelho de São João, cap. 1)

Cinque (1999) reconhece o aspecto habitual como uma distinção funcional. Nesse sentido, em termos de marcador sintagmático, o aspecto habitual, enquanto categoria funcional, encerra uma projeção no espaço-IP.

Essa projeção hospeda, em Spec, AdvPs do tipo de “normalmente”, “geralmente” – e seus correspondentes nas diversas línguas –. Esses advs habituais são os itens de que nos ocupamos nesta dissertação: nosso interesse é investigar em que extensão podemos capturar sintaticamente seu valor modalizador.

Na literatura do assunto, nada se diz sobre um possível efeito modalizador gerado por advs de aspecto habitual. Reconhece-se, nesses trabalhos, apenas um efeito quantificador gerado por esses advs e a atuação desses itens na composicionalidade semântica da categoria aspecto.

O objetivo do capítulo é apresentar o problema central de que nos ocupamos neste trabalho: explicar em que sentido AdvPs de aspecto habitual geram efeitos de modalização nas línguas naturais.

0. Introdução

Estudos em sintaxe-semântica adverbial – gerativistas ou não – têm reconhecido os advs *normalmente* e *geralmente*, em PB (e seus correspondentes nas diversas línguas), como advs aspectuais (Cinque, 1999; Alexiadou, 1997; Lonzi, 1997; Quirk et al., 1972; Ernst, 2007; Ilari et al., 1990; Ilari, 1992; Ilari & Basso, 2003; Castilho, 1993; Chierchia, 1995) e quantificadores (Lewis, 1975; Chierchia, 1995; Ilari e Basso, 2003; Castilho, 1993; Cinque, 1999). O efeito modalizador gerado por esses AdvPs não é mencionado nesses trabalhos.

Trabalhos sobre advs modalizadores (cf. Bellert, 1977; Casteleiro, 1982; Lonzi, 1997; Castilho & Moraes de Castilho, 1992; Kato & Castilho, 1991; Moraes de Castilho, 1991; Castilho, 2003; Cinque, 1999; dentre outros) não incluem, por sua vez, os advs de aspecto habitual em sua discussão. Bellert (1977), Lonzi (1997) e Cinque (1999) identificam como modalizadores os advs epistêmicos (*provavelmente*), os irrealis (*talvez*) e os aléticos de possibilidade (*possivelmente*) – denominados modalizadores μ nesta dissertação (cf. seção 3, a seguir) –. Castilho & Moraes de Castilho (1992), Moraes de Castilho (1991), Kato & Castilho (1991) e Castilho (1993) incluem no grupo dos advs modalizadores, além dos modalizadores tradicionais de Bellert (1977), os atitudinais de atos de fala (*honestamente*), os avaliativos (*felizmente*, *lamentavelmente*), os advs de domínio (*biologicamente*) e os aléticos de necessidade/deônticos (*necessariamente*, *obrigatoriamente*). No entanto, nada dizem sobre um possível aproveitamento modalizador dos advs de aspecto habitual.

Neste capítulo, vamos resumidamente apresentar o problema investigado nesta dissertação, que é a explanação formal do efeito modalizador dos advs de aspecto habitual, valendo-nos da teoria de sintaxe adverbial em Cinque (1999). Na seção 1, fazemos uma resenha de trabalhos relevantes da literatura sobre advs aspectuais habituais. Na seção 2, apresentamos o modo como são tratados os advs modalizadores na literatura. A seção 3 apresenta o problema investigado na dissertação.

1. AdvPs de aspecto habitual na literatura do assunto

Em ocorrências como as seguintes, entendemos que o adv, além de atuar como aspectualizador-quantificador, atua também como modalizador, donde a admissibilidade das paráfrases (1'-3'):

- (1) *Normalmente*, cada grupo de estagiários assume três turmas.
- (2) Os estagiários são *normalmente* recrutados entre os estudantes.
- (3) *Geralmente*, as pessoas de outros países têm uma certa empatia pelo futebol brasileiro.
- (1') De modo geral, cada grupo de estagiários assume três turmas.
- (2') De modo geral, os estagiários são recrutados entre os estudantes.
- (3') De modo geral, as pessoas de outros países têm uma certa empatia pelo futebol brasileiro.

Esse efeito modalizador, que reconhecemos haver nos casos (1-3), explica-se em virtude do fato de, valendo-se de tais advs, o falante, além de quantificar sobre casos (Lewis, 1975) – ao indicar o número de vezes em que esse estado de coisas ou evento ocorre –, o faz atentando-se ao grau de comprometimento que deve assumir perante o que está dizendo. Utilizando esse tipo de adv, o grau de comprometimento em relação ao conteúdo do que diz é menor: o falante não usa um adv de frequência definida (p. ex.: *diariamente*, *duas vezes por semana*, etc.), esquivando-se do comprometimento. E essa escolha revela-se como um exercício de indeterminação da factualidade do conteúdo proposicional (cf. definição de modalização no capítulo II, seção 1.2.3).

As análises disponíveis na literatura entenderiam que em (1-3) o adv desenvolveria uma função de adv aspectualizador (habitual), ao indicar o número de vezes que um determinado estado de coisas ou evento acontece, ainda que de modo 'impreciso' (Ilari, 1992). Para Lewis (1975) – e, na esteira desse autor, para muitos dos trabalhos que constam na literatura (cf. Chierchia, 1995; Ilari & Basso, 2003; Ilari, 1992; Castilho, 1993) –, além desse valor aspectual, contaríamos com a emergência de um valor quantificacional dos advs grifados, conforme sugerem as paráfrases (1''), (2'') e (3''):

- (1'') *Na maioria das vezes*, cada grupo de estagiários assume três turmas.
- (2'') Os estagiários são, *na maioria das vezes*, recrutados entre os estudantes.
- (3'') *Na maioria das vezes/na maioria dos casos*, as pessoas de outro país têm uma certa empatia pelo futebol brasileiro.

O aproveitamento de *normalmente* como adv quantificador – cf. as paráfrases acima –, pode ser explicado em termos da quantificação de *vez*. Ilari (1992), ao analisar os advs aspectuais, estuda a *repetição/reiteração*, elaborando os conceitos de *Ve_{z1}* e *Ve_{z2}*. *Ve_{z1}* refere-se a eventos reiterados; tem a ver, portanto, com a reiteração cíclica de adjuntos. Segundo Ilari, o emprego típico desta noção é o que intervém na pergunta ‘quantas vezes’ e que permite distinguir sentenças de predicado *semelfactivo* (uma só vez) e sentenças cujo predicado deve ser interpretado no sentido de expressar reiteração (iterativo). O segundo conceito de *vez* (*Ve_{z2}*) é observado na linguagem corrente e tem um sentido mais genérico, correspondendo a ‘ensejo’, ‘ocasião’, ‘oportunidade’. É este conceito de *Ve_{z2}* que nos interessa, ao estudar os AdvPs de aspecto habitual. Os AdvPs Asp_{Habitual} do tipo de *normalmente* “[...] selecionam mais de um indivíduo no conjunto constituído pela predicação verbal. Os significados iterativos assim gerados apresentam a predicação como que se repetindo não especificamente, indeterminadamente [...]” (cf. Castilho, 1993, p. 110).

Em relação a um possível valor modalizador, desenvolvido pelos advs em questão, as análises aqui citadas não fazem qualquer menção.

2. AdvPs modalizadores na literatura do assunto

Bellert (1977) indubitavelmente seria um dos primeiros trabalhos em lingüística formal a propor um tratamento semântico e distribucional aos advs modalizadores. A autora reconhece como modalizadores advs do tipo de *provavelmente*, *talvez* e *possivelmente*. A noção de modalização adverbial teria migrado deste trabalho de Bellert para os outros trabalhos (Casteleiro, 1982; Ramat & Ricca, 1998; Cinque, 1999; Lonzi, 1997), que, como Bellert, reconhecem como modais os mesmos advs (excluindo desse paradigma os aspectuais habituais).

Lonzi (1997), trabalhando com advs no italiano, inclui *normalmente* e *generalmente* (respectivamente *normalmente* e *geralmente*) no grupo dos *advs de enquadramento* (*avverbi di inquadramento*), que correspondem aos advs de domínio de Bellert (1977) – *lingüisticamente*, *teologicamente*, etc. Embora não trate diretamente da natureza modalizadora dos advs de enquadramento nem os inclua no paradigma dos advs modais, a autora faz uma diferenciação bastante interessante em relação aos valores semânticos desenvolvidos: advs de enquadramento do tipo *normalmente*, *generalmente* etc. se diferenciam dos advs de

evento/acontecimento (p.ex.: *improvisamente* (de repente), *inaspettadamente* (de modo inesperado), *frequentemente* (frequentemente), *raramente* (raramente), etc.), em virtude do fato de os advs de evento serem parafraseáveis com um predicado do tipo *acontecer*.

Castilho & Moraes de Castilho (1992), em seu estudo descritivo sobre advs modalizadores no PB, não trataram de advs do tipo *normalmente* e *geralmente*. Mas incluem no grupo dos modalizadores os advs de ato de fala (*honestamente*), os avaliativos (*felizmente*) e os advs de domínio (*biologicamente*). As análises de Moraes de Castilho (1991), Kato & Castilho (1991) e Castilho (1993) consideram modalizadores os mesmos advs de Castilho & Moraes de Castilho (1992) e não incluem os aspectuais habituais em seu plano de estudo.

Quirk *et al.* (1972; 1985), que denominam os advs habituais de *adjuntos de frequência temporal indefinida* e os incluem no subgrupo *frequência usual*, também não fazem referência à sua natureza modalizadora. Reconhecem, entretanto, que *generally* e *normally*, especialmente quando alocados em posição inicial na sentença e deslocados desta por pausa, podem atuar como *disjunto estilo* (uma espécie de AdvP de ato de fala, em termos de Cinque (1999)), porquanto teriam o mesmo valor que *generally speaking* e *normally speaking*, respectivamente. Greenbaum (1969) – um dos co-autores de Quirk *et al.* (1972) – oferece um tratamento similar a esses advs no inglês.

Os trabalhos aqui mencionados não reconhecem, portanto, o valor modalizador gerado por advs de aspecto habitual. Mesmo assumindo a definição de Lyons (1977) – cf. cap. II, seção 1.2.1 –, Castilho & Moraes de Castilho (1992) (e os demais trabalhos desses autores mencionados acima) não incluem no grupo de modalizadores os aspectuais habituais. A definição de Lyons (1977), que associa modalização à expressão da atitude do falante, também dá margem à consideração dos advs habituais como modalizadores.

3. O efeito modalizador dos AdvPs de aspecto habitual

Quando tomamos uma sentença como (3), apresentada na seção 1 deste capítulo,

- (3) Geralmente, as pessoas de outros países têm uma certa empatia pelo futebol brasileiro.

e a submetemos ao juízo de falantes ‘não-lingüistas’, eles não têm dificuldades para dizer que o efeito de sentido que o AdvP habitual gera em (3) se aproxima do efeito de sentido que emerge pelo uso dos modais *provavelmente*, *talvez* e *possivelmente*, em (4), a seguir, se consideramos a indeterminação da factualidade da proposição e o descomprometimento do falante:

- (4) *Provavelmente/talvez/possivelmente*, as pessoas de outros países têm/tenham uma certa empatia pelo futebol brasileiro.

Conforme se verá no capítulo seguinte, assumimos, com Narrog (2005), que a modalização tem a ver com a indeterminação da factualidade da proposição. Uma proposição está modalizada se nada se pode dizer em relação a sua factualidade. Tanto *geralmente*, em (3), quanto *provavelmente/talvez/possivelmente*, em (4), tornam a proposição indeterminada em relação a seu estatuto factual. Mais do que isso, *geralmente* e *provavelmente/talvez/possivelmente* expressam descomprometimento do falante em relação ao que (ele) diz na proposição. Essa modalização de descomprometimento é aqui denominada modalização μ (cf. para mais detalhes, o capítulo IV, seções 1.2.3 e 1.3).

A modalização μ difere das outras instâncias de modalização reconhecidas pela literatura semântica (Bellert, 1977; Lyons, 1977; Palmer, 1986; Bybee & Fleischmann, 1995; Narrog, 2005) no que diz respeito à expressão desse descomprometimento, motivo por que poderíamos denominá-la de *modalização de descomprometimento*.

Nos trabalhos da literatura (Bellert, 1977; Lyons, 1977; Palmer, 1986; Bybee & Fleischmann, 1995; Cinque, 1999; Narrog, 2005), é comum o reconhecimento dos seguintes subtipos de modalização (adverbial): (i) evidencial: *evidentemente*; *allegedly* (*supostamente* (“diz que”)); (ii) epistêmica: *provavelmente*; (iii) *irrealis*: *talvez*; (iv) alética de necessidade (ou deôntica): *necessariamente*; (v) alética de possibilidade: *possivelmente*. Observamos, no entanto, que AdvPs habituais se aproximam dos epistêmicos, *irrealis* e aléticos de possibilidade em termos do descomprometimento – podemos, então, organizar esses advs num grupo maior, o dos modalizadores μ :

- modalização evidencial
 - *modalização epistêmica*
 - *modalização irrealis*
 - *modalização alética de possibilidade*
 - *modalização de aspecto habitual*
 - modalização alética de necessidade.
- } modalização μ

É interessante, ainda, observar que os modalizadores μ geram sentenças mal formadas se co-ocorrem em uma mesma oração:

- (5) * *Provavelmente/talvez/possivelmente*, os homens primitivos *normalmente/geralmente* caçavam de manhã.

AdvPs de aspecto habitual geram, portanto, efeitos de modalização μ , no sentido de que, além de tornarem a proposição indeterminada em relação a seu estatuto factual, expressam descomprometimento do falante em relação ao que diz. É esperado que, nas diversas línguas, seja reconhecido esse valor modalizador gerado pelo adv habitual,³ já que assumimos, com Cinque (1999), que os advs especificadores checam traços com o núcleo da projeção que os hospeda. Nesse sentido, não só os advs habituais expressam modalização de descomprometimento, mas também o núcleo de aspecto habitual com o qual checam traços (cf. seção 6, capítulo IV).

Normalmente, em uma sentença do tipo de (6), por exemplo,

- (6) *Italiano*
Normalmente i brasiliani sono buona gente
(Normalmente os brasileiros são pessoas boas)

aceita a substituição por *di solito/solitamente* (*geralmente*) ou *quasi sempre* (*quase sempre*). O efeito de descomprometimento do falante perante o que está dizendo é válido em sentenças do tipo de (6), conforme confirmou-nos a informante do italiano. Ela acrescenta que o efeito de atenuação do comprometimento do falante pode ser observado na paráfrase:

- (6a) Potrebbe esserci almeno un brasiliano che non è buono
(Poderia haver pelo menos um brasileiro que não é bom)

A riqueza de um par de dados como o (6-6a) para a análise que aqui se propõe é grande: a informante italiana sintetizou na paráfrase da sentença os dois valores que os advs habituais universalmente geram: o valor modalizador – basta observar o uso do adv modal empregado no *condizionale semplice* (tempo italiano equivalente ao *futuro do pretérito* do português) – e o uso quantificacional (trazido à luz pela expressão *almeno* (*pelo menos*), que expressa quantificação *não universal*).

No PB, as mesmas observações são válidas. De fato, (7)

- (7) Normalmente os brasileiros são pessoas boas.

pode ser parafraseada por:

³ No capítulo IV, oferecemos mais detalhes sobre este tipo de modalização e formalizaremos a hipótese e intuição inicial sobre o valor modalizador dos advs de aspecto habitual. O objetivo desta apresentação é a introdução do problema aqui investigado.

- (7a) Pode ser que tenha pelo menos um brasileiro que não seja bom.⁴

Esse fato evidencia a natureza modalizadora (veiculada por *pode ser que*) do adv, que não anula a sua natureza aspectual e, portanto, quantificadora.

Se a proposta da hierarquia funcional de AdvPs de Cinque (1999) (rígida, fixa e universal) (cf. detalhes no capítulo II, seção 4) estiver correta, o mesmo fato deve ser observado em outras línguas, o que parece ser verdade. Pedimos aos nossos informantes, sem exceção, se as sentenças de sua língua, equivalentes, por exemplo, a:

- (8) Normalmente os homens primitivos caçavam de manhã.

admitiriam uma paráfrase, em inglês, como a seguir:

- (8a) There could be at least one primitive men who didn't use to hunt in the morning.
(Poderia haver pelo menos um homem primitivo que não caçasse de manhã)

Todos os informantes confirmaram a possibilidade dessa paráfrase⁵. Nos casos em que os julgamentos de sentença baseavam-se em outras frases, sugeríamos uma estrutura equivalente a (8a) – em que contamos com um modalizador *could* e um quantificador do tipo de *at least* –, para capturar quer o valor modalizador do aspectual habitual, quer o seu valor quantificador.

Além da ‘comparação’ da sentença envolvendo um modalizador aspectual habitual e da sua paráfrase, em termos de significado, pedíamos ao informante que fornecesse outras paráfrases⁶ de uma sentença de sua língua (envolvendo um adv de aspecto habitual). Um exemplo é a interpretação de (9) (cf. (9a)):

- (9) *Pashto*
Amoman *Brazilíán* *kha* *khálaq* *we.*
normalmente brasileiros boa pessoa ser
(Normalmente os brasileiros são boas pessoas)
- (9a) 90% of sure! There could be at least one Brazilian who is not good.
(90% de certeza. Poderia ter ao menos um brasileiro que não é bom.)

Esse tipo de coleta de dados foi crucial para a confirmação do efeito modalizador gerado por advs habituais. Esses AdvPs parecem ser, de fato, inerentemente modalizadores.

⁴ Poder-se-ia pensar em uma paráfrase com um operador existencial: “Existe pelo menos um brasileiro (no universo de brasileiros) que seja bom”. Preferimos, entretanto, optar pela estrutura (7a), tal qual sugerida pela informante do italiano (cf. (6a)).

⁵ Apenas os informantes do hindi e do bósnio/servo-croata não opinaram sobre a aceitabilidade da paráfrase que propusemos, em inglês, a uma sentença de sua língua, envolvendo um AdvP habitual.

⁶ As interpretações das sentenças foram coletadas em português ou inglês, por meio de entrevistas.

Poder-se-ia argüir contra a validade de se pedir aos informantes paráfrases em inglês ou português e perguntar se corresponderia – em termos de sentido – à sentença de sua língua envolvendo o AdvP habitual. Ao que nos parece, essa metodologia não é incoerente já por se tratar de *pares de sentenças* (sendo a sentença alvo de investigação, a ‘original’, elaborada na língua do informante; a sentença em português ou inglês funcionaria como uma espécie de sentença na ‘metalíngua’), já pelo fato de os informantes serem falantes fluentes em português ou inglês. Investiga-se a sentença-alvo, não a paráfrase ou sentença na ‘metalíngua’.

Para finalizar a discussão, seguem duas sentenças, uma do basco e uma do alemão, envolvendo um AdvP de aspecto habitual.

- (10) *Alemão*
Normalerweise *haben* *die primitiven* *Menschen* *am*
 normalmente ter os primitivos homens de
Morgen *gejagt.*
 manhã caçar
 (Normalmente os homens primitivos caçavam de manhã)
- (11) *Basco*
Jonek normalean edaten du
 Jon normalmente beber-IMPERF auxiliar
 (O Jon normalmente bebe.)

Seja em (10), seja em (11), o adv de aspecto habitual (respectivamente *normalerweise* e *normalean*) expressa descomprometimento do falante em relação ao que diz na proposição.⁷ Para Ortiz de Urbina (comunicação pessoal), esse efeito se explica em virtude do uso quantificacional do adv, que gera o efeito como uma implicatura pragmática. No capítulo IV, vamos explorar a extensão dessa colocação.

4. Sumário

Neste capítulo, o objetivo central foi a apresentação do tema a ser investigado nesta dissertação: o efeito modalizador dos advs de aspecto habitual.

Tomando como base a teoria de Cinque (1999), segundo a qual os fatos da sintaxe adverbial relativos ao tipo (natureza semântica) e ordenação são uma questão de princípios universais, não estando sujeitos à variação paramétrica, nossa hipótese inicial previa que, sendo os advs de aspecto habitual modalizadores em PB (ou em qualquer outra língua românica), deveriam sê-lo em todas as línguas.

À medida que nos confrontamos com dados de diversas línguas, essa hipótese parece confirmar-se. Mais adiante, o capítulo IV constitui uma tentativa de formalizar a explanação

⁷ Safa Jubran (FFLCH/USP) disse-nos que, no árabe padrão, este efeito de descomprometimento do falante também emerge no uso de um adv de aspecto habitual como *ádatan* (normalmente) e *omuman* (geralmente).

do efeito modalizador (inerente) de AdvPs habituais, aqui sucinta e intuitivamente mencionado.

Na seção 1, apresentamos alguns trabalhos sobre advs aspectualizadores e, na seção 2, algumas das propostas sobre advs modalizadores. Os aspectuais habituais não são tratados como modalizadores nem nos trabalhos mencionados em 1 nem nos mencionados em 2.

AdvPs habituais tornam a proposição indeterminada em relação a sua factualidade. AdvS reconhecidamente modais (epistêmicos, *provavelmente*; ‘irrealis’, *talvez*; aléticos de possibilidade, *possivelmente*) geram o mesmo efeito. Nesse sentido, os habituais podem ser tratados como modalizadores. No entanto, aléticos de necessidade (*necessariamente*) e evidenciais (*evidentemente*) também tornam a proposição indeterminada em relação a seu estatuto factual. O que nos permite agrupar os epistêmicos, os *irrealis*, os aléticos de possibilidade e os habituais seria o efeito de descomprometimento do falante gerado por tais advs.

A modalização epistêmica, a *irrealis* e a alética de possibilidade podem, portanto, serem juntadas àquela gerada por advs habituais, num grupo maior, o da modalização de descomprometimento ou modalização μ .

CAPÍTULO II: REVISÃO DA LITERATURA

“Fazer progredir o pensamento não significa necessariamente rejeitar o passado: às vezes significa revisita-lo não apenas para entender o que efetivamente foi dito, mas o que poderia ter sido dito, ou, pelo menos, o que se pode dizer atualmente (talvez só atualmente) ao reler tudo o que havia sido dito antes.” (ECO, Umberto. Semiótica e filosofia da linguagem. Tradução de M. Fabris e J. L. Fiorin. São Paulo: Ática, 1991, p. 12.)

Uma categoria que, apesar de ter impulsionado vários estudos, ainda gera discussão, é a classe adverbial, que reúne, sob o mesmo ‘rótulo’ e sob o mesmo ‘teto’, itens de comportamento e características gramaticais bastante diferentes.⁸

Entre as diversas teorias de análise adverbial, ainda não há um consenso sobre o estatuto categorial dos advs. Cinque (1999) e Alexiadou (1997), dentre outros, sugerem que os advs integram a estrutura funcional da oração. Mas a maioria dos trabalhos disponíveis na literatura, talvez impulsionados pela aparente opcionalidade dos advs, os considera como categorias lexicais.

O capítulo visa a oferecer as bases teóricas de que nos valem nesta dissertação. Já que a nossa proposta é classificar os advs de aspecto habitual como AdvPs modalizadores, faz-se necessário definir, ‘a priori’, o que se entende aqui por modalização, conforme fazemos na seção 1. Na seção 2, nos ocupamos de apresentar sucintamente a categoria aspecto, com especial destaque ao aspecto habitual e à distinção aspecto habitual-aspecto freqüentativo, crucial a uma compreensão mais adequada de Asp_{Habitual}P. Na seção 3, fazemos uma introdução ao tratamento que a teoria gerativa tem dispensado aos advs. Na seção 4, introduzimos a teoria dos especificadores funcionais, tal qual proposta em Cinque (1999). Este é o enfoque teórico que assumimos para a análise da sintaxe adverbial. Como não podemos ignorar a abordagem concorrente da adjunção – opção alternativa na literatura gerativista para a formalização dos XPs adverbiais em termos de marcador sintagmático –, embora não vamos assumir essas teorias, fazemos uma exposição de algumas propostas na seção 5.

0. Introdução

As bases teóricas de que nos valem nessa dissertação são apresentadas e discutidas neste capítulo. Cada seção será dedicada à explanação de um ponto teórico importante e crucial à explanação do efeito modalizador gerado por advs de aspecto habitual, exceção feita à seção 5, em que apresentaremos sucintamente algumas teorias de adjunção.

Apoiando-nos em trabalhos clássicos da literatura semântica, faremos uma breve síntese de três definições de modalização disponíveis na literatura lingüística geral: (i) a definição de Lyons (1977), seção 1.1; (ii) a definição de Fillmore (1968), seção 1.2; e (iii) a

⁸ Os itens que Cinque (1999) considera *advs* (propriamente ditos) são os Specs que se ordenam rigidamente na hierarquia fixa e universal e que encontram paralelo (semântico) no X⁰ correspondente (nas línguas que manifestam formalmente material nuclear) com o qual checam traços.

definição de Narrog (2005), seção 1.3. Essa última será a definição que utilizaremos para o tratamento dos advs habituais como modalizadores.

Com base em Comrie (1976), Smith (1997), Bhat (1999), dentre outros, vamos tratar, na seção 2, da categoria aspecto. O aspecto habitual, que está no cerne da discussão principal de nossa dissertação, tem sido confundido em alguns trabalhos com o aspecto iterativo/freqüentativo, dada a proximidade das duas noções. Vamos procurar diferenciar essas noções: a diferenciação aspecto habitual/aspecto freqüentativo será de suma importância, no sentido de evitar a confusão das noções “modalização adverbial aspectual” e “efeito quantificador gerado por advs aspectuais”. Se a modalização dos advs aspectuais fosse, na realidade, uma consequência de seu efeito quantificacional, AdvPs freqüentativos e os demais aspectuais deveriam igualmente gozar de um estatuto modalizador, o que *não acontece* na linguagem humana (cf. cap. IV, seção 4.).

Sobre a formalização dos AdvPs em termos de ‘árvore’, as duas principais propostas na atualidade são a *Teoria dos Especificadores Funcionais* (cf. seção 4) e a da *Adjunção* (cf. seção 5). Como dito anteriormente, assumimos a proposta teórica de Cinque (1999) sobre os advs especificadores. Porém, a menção a teorias de advs adjuntos, em 5, se justifica pelo fato de essas propostas representarem, na literatura gerativista, caminhos alternativos à análise adverbial. Há, entretanto, diferenças cruciais entre as propostas dos especificadores funcionais e algumas propostas de adjunção, a principal delas tendo a ver com o papel da Sintaxe nas questões de ordem, escopo e licenciamento de AdvPs.

Passamos, a seguir, à explanação de nossa base teórica.

1. Entendendo a modalização

A *modalidade* ou *modalização* – esses termos são aqui tratados como sinônimos –,⁹ em Lingüística, é um ‘quebra-cabeças’ para os teóricos do ‘núcleo duro’, especialmente aos que se interessam por Semântica e Sintaxe. Segundo Narrog (2005), diferentes categorias formais têm sido incluídas no paradigma dos recursos modalizadores. A autora discute diversos trabalhos sobre modalidade (muitos deles clássicos para a literatura semântica – cf.

⁹ Segundo Castilho & Moraes de Castilho (2002, p. 201) e Kato & Castilho (1991), a tradição gramatical reconhece dois componentes na sentença: o *dictum* (componente proposicional, constituído de “Sujeito” e “Predicado”) e o *modus* (componente modal, que expressa o julgamento do falante acerca do componente proposicional) – cf. 1.2, a seguir. Castilho & Moraes de Castilho (*op. cit.*, p. 201) dizem que essa distinção “é um pouco especiosa, pois de qualquer forma sempre há uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular, decorrendo daqui suas decisões sobre afirmar, negar, interrogar, ordenar, permitir, expressar a certeza ou a dúvida sobre esse conteúdo, etc.” Por esse motivo, os autores usam os termos modalidade/modalização sinonimamente. O recurso (i) é definido em outros trabalhos (cf., p. ex., Hengeveld, s.d.) como *ilocução*. O *modus* de Castilho & Moraes de Castilho parece englobar ambas as noções de modo e modalização.

Lyons, 1977; Palmer, 1986; e outros –), no intuito de propor uma definição unificadora de modalidade, que dê conta de abarcar os correlatos formais que ela considera como manifestação dessa categoria.

Na literatura consultada, *modo* tradicionalmente se restringe à expressão morfológica verbal. Formalmente, é uma categoria morfossintática do verbo como *tempo*, *aspecto* (cf. Lyons, 1977; Palmer, 1986; Narrog, 2005), cuja função primária é expressar modalidade (Narrog, *op. cit.*).

A *modalidade* não é expressa em todas as línguas via morfologia verbal. Verbos modais, clíticos ou partículas (que podem estar separadas do verbo) são também meios gramaticais que, segundo Palmer (1986, p. 33), expressam a modalidade:

A modalidade não é, portanto, necessariamente marcada no elemento verbal, nem há qualquer razão óbvia para por que deveria sê-lo, exceto o fato de o verbo ser a parte mais central da sentença [...] (Palmer, 1986, p. 45)¹⁰

Hengeveld (s.d., p. 111.1) prefere definir *modo* em termos negativos. Modo, em sua definição, é a categoria morfológica que compreende todos os elementos gramaticais que operam na proposição e não desenvolvem uma função “situativa”, ou seja, não situam um evento no mundo real, conforme a concepção do falante, o que faz o modo, nesse sentido, diferir crucialmente do tempo, aspecto e negação, categorias que têm essa função.

Hengeveld divide a área do modo – que cobre essa ‘função negativa’ – em duas outras, em termos semânticos: a área da ilocução e a da modalidade. A primeira tem a ver com a identificação das sentenças como instâncias de tipos específicos de atos de fala (ilocuções básicas do tipo declarativa, interrogativa, imperativa). Modalidade tem a ver com a “modificação de atos de fala”. As ilocuções básicas nas línguas podem ser marcadas por morfemas da categoria modo, por ordenação de palavras e por entoação.

Há três propostas principais de definição de modalidade na literatura: uma baseada nas *opiniões e atitudes do falante*, outra na da bipartição da sentença e uma terceira no conceito de *irrealis/realis* ou *factualidade*, esta última sendo assumida nesta dissertação. Vamos, a seguir, apresentar essas três propostas.

1.1. As definições de modalidade: Modalidade e ‘atitude do falante’

John Lyons teve grande influência sobre trabalhos de outros lingüistas, ao definir modalidade como a marcação gramatical da *atitude do falante* (Lyons, 1968, *apud* Narrog, 2005). Em outro trabalho (cf. Lyons, 1977), o autor define modalidade como “a opinião ou

¹⁰ As citações dos excertos em língua estrangeira foram traduzidas por nós. Assinalaremos apenas os excertos de obras traduzidas (por outros autores) para o português.

atitude do falante diante da proposição que a sentença expressa ou a situação que a proposição descreve.” (cf. Lyons, 1977, p. 452) Uma série de trabalhos posteriores a Lyons tratou da modalidade em termos da *atitude do falante*.

Em Dall’Aglio-Hattner (1997), temas como comprometimento do falante, modalização epistêmica, atitudes do falante e subjetividade são tratados à luz de propostas do funcionalismo holandês. A autora estuda a modalidade com apoio em propostas que se baseiam na subjetividade/atitude do falante para a definição desse conceito: para Dall’Aglio-Hattner, as modalidades são “[...] veiculadora[s] das atitudes do falante em relação ao que é dito [...] [motivo por que] pedem uma abordagem teórica que considere a língua em uso¹¹”.

Narrog (*op. cit.*) vê problemas na definição de modalidade como a expressão da subjetividade ou atitude do falante: primeiramente, como definir um termo como “subjetivo” ou como “expressão da atitude do falante”?¹²; em segundo lugar, como delimitar a fronteira entre subjetivo e objetivo (ou atitudinal *versus* não atitudinal)? *Voz*, por exemplo, segundo Narrog, não é tratada pelos adeptos da abordagem da modalidade enquanto expressão da atitude do falante como sendo um correlato formal da expressão da modalidade. Entretanto, parecem ser subjetivas as expressões da *Voz*. A definição de modalidade tal qual definida tradicionalmente – *atitude do falante/subjetividade* – também não ajuda a resolver o problema de expressões que podem ter usos objetivos e subjetivos (Narrog, 2005, p. 171).

Narrog aponta outras limitações da definição de modalidade enquanto expressão das atitudes do falante. Segundo a autora, os adeptos dessa abordagem deveriam incluir, no conjunto das categorias gramaticais que expressam modalidade, além da *voz*, o *aspecto*, o *referente honorífico* (cf. (1), a seguir), pois tais meios expressam subjetividade e atitude do falante. Na ocorrência a seguir, do japonês, o honorífico é usado para expressar atitude. Nesse sentido, deveria ser considerado como forma de expressão da modalidade, o que não é assumido na literatura pró-subjetividade/atitude do falante:

- (1) *Japonês* (Narrog, *op. cit.*, p. 173)
Filho: - Nee, mada temetai otya aru?

¹¹ Um dos pressupostos fundadores do Funcionalismo é a atenção dada à língua em situações de uso. Traduzindo isso em termos gerativistas, pode-se dizer que aos estudiosos do funcionalismo interessa mais a *performance*, enquanto correlato do desempenho lingüístico (língua-E). O ponto de vista de Dall’Aglio-Hattner sobre a necessidade de um estudo da modalidade ‘pedir uma abordagem que considere a língua em uso’ difere frontalmente do que nos propomos a fazer nesse trabalho e está nos antípodas do que os trabalhos mais recentes em Sintaxe Gerativa têm proposto: Cinque (1999) abre os horizontes dos estudos da sintaxe ao incluir, no seu plano de trabalho, questões de interface com a Semântica e Pragmática. Na esteira de Cinque, Speas (2004) trata de fenômenos da evidencialidade e da logoforicidade (que, por anos têm sido definidos como manifestações pragmáticas) no âmbito da Sintaxe, fornecendo suporte para a pertinência da expansão do espaço IP-CP, em Cinque (1999). Para uma leitura aprofundada sobre o enfoque funcionalista da linguagem, sugere-se, além das referências aqui citadas (Dik, 1997; Dall’Aglio-Hattner, 1996, 1997), os trabalhos de Pezatti (2004) e Pezatti & Camacho (1997).

¹² Narrog (2005) trata os termos *atitude do falante* e *subjetividade* como sinônimos.

VER ainda frio chá ser
 ((Eu) disse: ainda tem chá gelado (no refrigerador)?
 Mãe: - Gozaimasu-wa.
 Ser. HON-AFF
 (Tem!)

Narrog critica fortemente a abordagem da modalidade enquanto expressão da *atitude do falante/subjetividade*, porquanto tal definição tornaria possível considerar como recurso modalizador qualquer expressão/categoria lingüística:

[...] a atitude do falante na situação presente do discurso, e a sua subjetividade podem ser expressas amplamente através de todos os elementos da sentença. Começa com a escolha do vocabulário, continua com a escolha da perspectiva para conceituar a situação, como expressa na voz e aspecto, e continua a incluir tais categorias como tempo e modalidade (em um sentido tradicional). (Narrog, 2005, p. 175)

1.2. As definições de modalidade: Modalidade e a bipartição da sentença

Há uma outra proposta de definição de modalidade que se baseia na bipartição da sentença em dois componentes: o *dictum* – conteúdo proposicional – e o *modus* – uma espécie de avaliação sobre o *dictum*. Para entender esta proposta, é necessário recorrer a Fillmore (1968), que, interessado em introduzir a sua *teoria do ‘caso gramatical’*, apresentou um esquema da estrutura da sentença, semelhante ao representado a seguir:

(2)



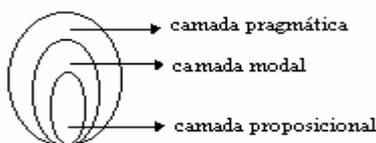
Esquema 1: a ‘modalidade’ em Fillmore (1968)

A proposição seria o conjunto de relações entre o verbo e nomes. Os demais elementos (negação, tempo, modo, aspecto) pertenceriam à modalidade.

Na esteira de Fillmore está o trabalho de Gerstenkorn (*cit. in* Narrog, 2005, p. 177). Segundo Narrog, Gerstenkorn (1976) propõe uma bipartição dos constituintes da sentença, colocando a modalidade em um nível diferente do nível da proposição, aquele dominando este.

Castilho & Moraes de Castilho (1992) retomam as considerações de Dascal (1986), acerca da ‘teoria da língua cebola’. Esta teoria entende que o significado pode ser produzido em diferentes níveis, que se organizam como as camadas de uma cebola, que dá o nome a esta teoria. Castilho & Moraes de Castilho fazem uma ‘releitura’ dessa teoria, propondo a existência de três camadas de veiculação de significado: a camada proposicional, a modal e a pragmática. Se pensarmos na modificação adverbial, na camada proposicional, cujas significações geradas tem que ver com a função informacional das línguas, operam, de modo geral, advs de constituinte: os modificadores ou predicativos (qualitativos, intensificadores,

aspectualizadores, etc.). Adv's de verificação também integram essa camada. Na camada modal, cujas significações veiculadas decorrem das avaliações feitas pelo falante a respeito do conteúdo proposicional, atuam os adv's modalizadores (epistêmicos, *irrealis*, aléticos, etc.). Na camada pragmática, atuam, segundo Castilho & Moraes de Castilho (*op. cit.*), adv's sentenciais de ato de fala, do tipo *sinceramente* e *honestamente*. As significações associadas a esta camada “expressam facetas da relação entre os interlocutores de uma dada enunciação” (Müller de Oliveira, 1993, p. 100).



Esquema 2: As camadas da 'língua cebola' (cf. Müller de Oliveira, 1993)

A camada proposicional da língua cebola de Dascal (1986) corresponderia à proposição de Fillmore (1968); a camada modal, à modalidade.

Considerar a sentença em dois componentes, conforme fora proposto em Fillmore, Gerstenkorn, Dascal e trabalhos correlatos gera, na visão de Narrog (2005), uma certa confusão:

[...] definições para dividir a estrutura da sentença em proposição e não proposição têm sido utilizadas para identificar a categoria gramatical da modalidade no mesmo nível que outras categorias, tais quais tempo, aspecto e negação. Isso resulta em uma visão contraditória da modalidade como uma categoria em pé de igualdade com outras categorias tradicionais, que ao mesmo tempo poderia de algum modo compreender essas categorias. (Narrog, 2005, p. 178)

Tratar a modalidade como uma categoria gramatical que inclui todos os elementos não proposicionais traz um outro desafio ao analista que assume essa proposta: elementos de diferentes níveis de descrição são juntados em uma mesma categoria. Assim, tempo, negação (categorias de expressão sintático-semântica) são combinadas com categorias como polidez e atitude de fala (*speech attitude*), expressas, por exemplo, pelas partículas finais no japonês (cf. Narrog, 2005).

1.3. As definições de modalidade: Modalidade e factualidade

Outra definição de modalidade disponível na literatura a associa não mais a *atitudes do falante*, *subjetividade* ou *material extra-proposição*, mas à *realidade*, *factividade*, *factualidade* ou *validade*. Já Lyons (1977) associava modalidade à não-factividade e Palmer (1986) à “factualidade”. Narrog (2005) cita Kiefer (1977), que não apenas reconhece a importância do falante na definição de modalidade, como também afirma que a “essência da

modalidade consiste na relativização da validade dos significados da sentença a um conjunto de mundos possíveis”.

Bybee & Fleishman (1995) definem modalidade como o domínio semântico pertencente aos elementos do significado que as línguas expressam. A modalidade cobre um espectro amplo de nuances (jussiva, declarativa, hipotética, potencial, obrigativa, dubitativa, hortativa, exclamativa, etc.), “[...] cujo denominador comum é a adição de um suplemento de significado ou sobreposição de significado ao valor semântico mais neutro da proposição de um enunciado, a saber, o factual ou declarativo” (Bybee & Fleishman, 1995, p. 2).

Nas línguas, a modalidade pode ser expressa de modo variado: morfologicamente, lexicalmente, sintaticamente ou via entoação. Esses recursos não são mutuamente exclusivos, uma vez que, numa frase do tipo de (3), a modalidade dubitativa é expressa quer pelo significado lexical do verbo principal, quer pelo verbo da subordinada no subjuntivo.

- (3) *Espanhol* (cf. Bybee & Fleishman, 1995)
Dudo que haya ganado el premio.
(Duvido que ganhou o prêmio)

A definição de modalidade que assumimos em nossa dissertação, ao considerar AdvPs habituais como modalizadores, associa modalidade a factualidade/realidade e validade. Essa definição é proposta, conforme dissemos, em Narrog (2005), mas já teria antecedentes em Lyons (1977) e Palmer (1986).

Se pensarmos na compreensão da modalidade em termos do binômio *irrealis-realís*, *irrealís* tem a ver com situações dentro do âmbito do pensamento, que vêm ao conhecimento apenas através da imaginação, ao passo que *realís* retrata as situações como reais, como tendo acontecido ou de fato acontecido.

Validade refere-se ao fato de o estado de coisas descrito na sentença poder ser válido, i.e., existir no tempo. Pode-se estabelecer uma oposição binária, associando-se, por um lado, o que expressa modalização (*irrealís*, não-factual, validade aberta) e, por outro, o que não expressa (*realís*, factual, válido). Essa dicotomia pode ser exemplificada a partir dos seguintes exemplos:

- Inglês* (cf. Narrog, 2005, p. 182)
(4) Mary is at home now.
(A Mary está em casa agora)
(5) Mary may be at home now.
(A Mary deve estar em casa agora)

Em (4), a expressão não é marcada para modalidade e a informação é descrita como sendo real, factual, e é válida para o tempo ao qual se refere. (5), por outro lado, apresenta

uma situação como estando puramente no âmbito do conhecimento, indeterminada em relação ao seu estatuto de factualidade.

Os termos *irrealis*, não factual, traduzem um estado de coisas real, que existe em um ponto ou intervalo de tempo específico. Narrog prefere valer-se do termo ‘factualidade’, em virtude do fato de os termos (*ir*)*realis* e *validade* darem margem a outras interpretações: (i) a distinção *irrealis* x *realis* poderia ser interpretada como quase equivalente a ‘subjuntivo’ x ‘indicativo’; (ii) tais termos são identificados, em primeira instância, com a modalização epistêmica; (iii) o termo *real* é geralmente mais estrito do que ‘factual’, já que *real* denota apenas uma parte do que é factual, o que realmente existe no tempo presente (o falante apresenta fatos não modalizados (ou reais/factuais) também em relação ao passado e ao futuro). ‘Factualidade’, por outro lado, parece um termo mais neutro, para Narrog (2005), motivo por que a autora utiliza esse traço na definição de modalidade, dado o fato de que “em lingüística, falamos sobre coisas descritas como factuais/reais/válidas na linguagem, e não necessariamente no ‘mundo real’.” (cf. Narrog, 2005, p. 184)

Nesse sentido, modalidade, em Narrog, é definida como se segue:

Modalidade é uma categoria lingüística que se refere ao estatuto factual de um estado de coisas. A expressão de um estado de coisas é modalizada se é marcada como sendo indeterminada em relação ao seu estatuto factual, i.e., não é positivamente nem negativamente factual. (Narrog, 2005, p. 184)

Definir modalidade nesses termos traz vantagens: é possível delimitar o que é gramaticalmente a expressão da modalidade daquilo que não o é;¹³ modalidade é tratada, pois, como uma categoria gramatical semanticamente definida, no mesmo nível que tempo, aspecto e negação. Além disso, diferentemente da definição baseada na subjetividade/atitude do falante, a definição de modalidade baseada em factualidade possibilita ao analista entender a modalidade não como uma categoria pragmática. Na ocorrência a seguir, (6), considerando-se o nível pragmático, implica-se a factualidade do estado de coisas (‘você está mentindo a essas crianças’):

- (6) *Inglês* (cf. Narrog, 2005, p. 185)
Why must you lie to these kids?
(Por que você tem que mentir para essas crianças?)

¹³ O termo categoria gramatical é utilizado nesse ponto no sentido original de Narrog (2005). Não devemos confundir-lo com a terminologia gerativista *categorias funcionais*, embora haja correspondência em certo sentido. Em Narrog, categoria gramatical é entendida em termos de correlato formal (morfofossintático). Seriam categorias gramaticais, p. ex., tempo, negação (categorias de expressão sintático-semântica). Não seriam gramaticais em Narrog categorias como polidez e atitude de fala (*speech attitude*).

Numa sentença retórica desse tipo, o falante pressupõe, poder-se-ia dizer, a factualidade do estado de coisas. Já no nível semântico, entretanto, a factualidade do estado de coisas não é determinada. Assumindo a definição de Narrog (2005), portanto, é possível dizer que (6) é não-factual; no nível semântico, a factualidade do estado de coisas não é determinada.

Mesmo em uma sentença do tipo de (7), a factualidade da proposição ('ele morreu num acidente') é indeterminada, como no caso da modalidade epistêmica:

- (7) *Alemão* (Narrog, 2005, p. 187)
Er soll bei einem Unfall umge kommen sein.
(He allegedly died in an accident. [Dizem que ele morreu num acidente])

Segundo Narrog, a diferença reside no seguinte ponto: a modalidade epistêmica torna a proposição indeterminada com respeito a sua factualidade relativa ao conhecimento e crenças do falante sobre o mundo; no caso da modalidade evidencial (cf. (7), acima), a proposição é indeterminada em relação à factualidade relativa às fontes de informação que não são o falante.

A definição de Narrog permite, portanto, limitar o estudo da modalidade a categorias que têm de fato sido estudadas sob esse rótulo e a exclusão de categorias como tempo, aspecto e voz, que poderiam expressar atitudes do falante, mas que, todavia, constituem um domínio semântico e gramatical próprio.

Para Narrog (2005, p. 188), as categorias modalizadoras, assumindo-se a modalidade em termos de factualidade, são: (i) os auxiliares modais do inglês (*can, must, may*); (ii) os semi-modais (*have to, be to, seem to, want to*, no inglês, e *brauchen scheinen, sein zu, haben zu*, no alemão); (iii) AdvPs (*perhaps, possibly*)¹⁴; (iv) verbos modais. A modalidade apresenta, então, diferentes formas de expressão gramatical, o que também acontece com a negação, outra categoria gramatical semanticamente definida: a negação pode ser expressa, por exemplo, em inglês, via AdvPs (*never*), determinantes (*no*), pronomes (*nobody*) e clíticos (*n't*).¹⁵

Assumimos, com Narrog, que modalização tem um correlato gramaticalmente definido, que se refere ao estatuto factual de um estado de coisas. Avançamos, porém, em

¹⁴ A definição de Narrog (2005) considera como modalizadores os advs epistêmicos do tipo de *provavelmente*; os irrealis, do tipo de *talvez*; os aléticos de possibilidade, do tipo de *possivelmente*; os evidenciais, como *evidentemente*, e os aléticos de necessidade, como *necessariamente* (cf. capítulo I, seção 3). As três primeiras classes de AdvPs integram o grupo de advérbios modais de descomprometimento que, conforme argumentaremos no capítulo IV, caracterizam-se por um traço que expressa essa instância de modalidade: o traço [μ]. Heiko Narrog (comunicação pessoal) concorda com a nossa idéia de considerar modalizadores os advs de aspecto habitual do tipo de *normalmente, geralmente*, valendo-se dessa sua definição restritiva de modalização. Segundo Narrog, os habituais estão muito próximos da modalidade epistêmica.

¹⁵ Em relação aos subtipos de modalização, na seção 4.2, ao discutirmos a 'árvore de Cinque', apresentaremos brevemente as distinções modalizadoras que esse autor reconheceu como projeções funcionais: Mood_{Evidential}P, Mod_{Epistemic}P, Mood_{Irrealis}P, Mod_{Possibility}P, Mod_{Necessity}P.

relação à autora, no sentido de reconhecer que o problema da modalização pode ser tratado sintaticamente. Os testes que fornecemos no capítulo IV oferecerão suporte para sustentar a nossa argumentação.

Não definiremos modalidade como uma ‘categoria’ (no sentido de Narrog) sintática ou semântica, porquanto em nosso estudo analisamos AdvPs modalizadores e não trabalhamos com a sintaxe de outros recursos modalizadores disponíveis. No entanto, já que se assume que os AdvPs integram a estrutura funcional da sentença (Cinque, 1999; 2004; Alexiadou, 1997), e, mais do que isso, sendo os modalizadores em Cinque caracterizados como distinções funcionais, é possível resolver problemas de modalização a partir de um tratamento puramente sintático, já que categorias funcionais são entidades sintáticas (Roberts & Roussou, 2003, p. 26).

A definição de Narrog propõe que uma expressão modalizada, via AdvP modalizador, teria o seu estatuto factual indeterminado, o que não significa dizer que o valor de verdade da proposição fica “suspenso”. É possível a verificação do valor de verdade da proposição, já que o uso de um modalizador não suspende essa possibilidade. O que um modalizador traz à proposição a que se refere é um *efeito de indeterminação da factualidade*.

Em relação aos advs habituais, podemos dizer que, ao usar um AdvP do tipo de *normalmente/geralmente* etc., como em (8), a seguir, o falante torna a proposição indeterminada em relação ao seu estatuto factual: propomos que *normalmente* é um AdvP modalizador (i.e., de traço $[\mu]$, cf, capítulo IV, seção 1.3); ao valer-se desse adv, o falante se descompromete, portanto, com o estatuto factual do estado de coisas:

- (8) *Normalmente*, os brasileiros são boas pessoas.

O efeito modalizador dos AdvPs habituais pode ser capturado, conforme proporemos, na Sintaxe, ainda que consideremos a definição de Narrog (2005), segundo o qual a modalização é uma ‘categoria’ semântica.¹⁶

Além disso, não seria necessário pensar no efeito modalizador gerado por adverbiais aspectuais como uma ‘implicatura’ pragmática.¹⁷ Se a definição de modalidade de Narrog (*op.*

¹⁶ Atualmente, a distinção categoria semântica-categoria sintática tende a ser uma distinção um pouco especiosa, já que a postulação de categorias funcionais em *frameworks* como o de Roberts & Roussou (2003) está na dependência de essas categorias serem LF-interpretáveis, ou seja, os núcleos das referidas categorias devem necessariamente ter uma interpretação em LF.

¹⁷ Para o lingüista Jon Ortiz de Urbina, da Universidade de Deusto, o valor modalizador que acreditamos ser desenvolvido pelos adverbiais aspectuais habituais seria mais uma implicatura conversacional (uma questão de pragmática, portanto) do que um problema realmente sintático/semântico. Em comunicação pessoal, questionamos Ortiz de Urbina sobre um possível aproveitamento modal de AdvPs aspectuais habituais em basco. Na sua opinião, o efeito mitigativo que emerge do uso de adverbiais aspectuais habituais parece ser uma implicatura pragmática, já que, por não quantificarmos universalmente (utilizando um quantificador do tipo de

cit.) estiver correta, espera-se que AdvPs de aspecto habitual sejam modalizadores na mesma medida que os outros AdvPs reconhecidos como tal, mencionados por Narrog (2005, p. 183), a saber, *possivelmente, talvez*. A razão desta nossa conclusão deve-se ao fato de esses AdvPs (*possivelmente, talvez, etc.*) não podem co-ocorrer entre si (cf. nesta dissertação, capítulo IV, seção 2), nem poderem aparecer na mesma sentença que os habituais, salvo os casos discutidos na seção 3, capítulo IV, que não invalidam, entretanto, as nossas observações.

A importância da compreensão da modalização nos trabalhos da literatura lingüística geral faz-se importante aqui por razões óbvias: propor que AdvPs de aspecto habitual são de natureza modalizadora requer, *a priori*, um exercício de compreensão e definição do que se entende por modalidade. E foi esse o objetivo da seção 1.

2. A categoria semântica aspecto

Em Smith (1997, p. 5), o aspecto é caracterizado como um domínio semântico, expresso por categorias lingüísticas. Smith reconhece que o aspecto não seja uma categoria dependente da língua, antes uma categoria baseada em habilidades cognitivas humanas: conceitos tais como espaço, tempo e casualidade seriam provavelmente formados fora do âmbito da linguagem (Smith, 1997, p. xv).

Do ponto de vista do significado, a categoria aspecto, além de transmitir informações temporais – que tem a ver com o modo como as situações se desenvolvem no tempo (início/fim, estágios dinâmicos/períodos estáticos) –, expressa o ponto de vista da situação a que falante e ouvinte se referem. Smith (*op. cit.*, p. xiii) acrescenta que o domínio do aspecto encerra um “fator subjetivo”, já que uma escolha entre significados aspectuais está disponível ao falante.

Em Comrie (1976), aspecto verbal é definido como os diferentes modos de se descrever a estrutura temporal interna de uma situação, manifestando o ponto de vista a partir do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo.

O significado aspectual de uma sentença transmite informações a partir de uma perspectiva particular (*ponto de vista*), sendo classificado como estado ou evento de um certo tipo.

O aspecto tem a ver com a organização temporal de situações e perspectiva temporal. O significado aspectual de uma sentença resulta da interação entre dois componentes aspectuais independentes, situação (*situation*) e ponto de vista (*viewpoint*). Ambos são realizados em categorias lingüísticas. (Smith, 1997, p. xv)

todo), estaríamos excluindo um subconjunto pequeno para o qual a proposição não é verdadeira. Voltaremos a esse ponto na seção 4, capítulo IV.

Esses dois componentes do aspecto – situação e ponto de vista – se fazem presentes nas gramáticas de todas as línguas, conforme Smith. O aspecto do tipo *situação* é expresso pela constelação verbal, definida pela autora como sendo o conjunto formado pelo verbo principal e seus argumentos, incluindo o Sujeito.

O aspecto *situação* classifica indiretamente o evento ou estado de uma sentença, de acordo com as suas propriedades temporais. Há cinco distinções de *situação*: estado, atividade, *accomplishment*, semelfatividade e *achievement*, que se diferem em relação a propriedades temporais de dinamicidade, duratividade e telicidade.

O aspecto *ponto de vista*, expresso por morfemas gramaticais, geralmente verbais, e advs, apresenta a situação a partir de uma perspectiva completa ou parcial. Envolve a distinção *perfectivo* e *imperfectivo*. O aspecto perfectivo apresenta o *evento* construído como um todo (acabado), a partir de um referencial exterior, indicando os pontos inicial e final (Smith, 1997, p. 3):

- (9) Emiliana tossiu.
 (10) *Grego* (Alexiadou, 1997, p. 91)
Ta pedja xipnisan amesos
 a criança acordar:PERF:3PL imediatamente
 (A criança acordou imediatamente)

O aspecto imperfectivo indica que a ação é vista enquanto processo, não enquanto resultado. Focaliza parte da situação e não inclui os pontos inicial e final. (Smith, 1997, p. 3):

- (11) Janice lavava o carro nos finais de semana.
 (12) *Grego* (Alexiadou, 1997, p. 91)
O Petros egrafe panda
 O Pedro:NOM escrever-IMP:3SG sempre
megala grammata
 longas cartas-ACC:PL
 (O Pedro sempre estava escrevendo longas cartas.)

2.1. Aspecto habitual vs aspecto iterativo/freqüentativo

Nas discussões sobre aspecto, é comum, explica Comrie (1976, p. 26), a confusão *aspecto habitual/aspecto iterativo*. O aspecto habitual “descreve situações que são características de um período de tempo extenso, tão extenso que a situação a que se refere é vista não como uma propriedade acidental do momento, mas precisamente como um traço característico de um período completo.” (Comrie, 1976, p. 27-28) O aspecto habitual difere, portanto, do aspecto iterativo que indica “a mera repetição de uma situação”. (id., ibid., p. 27) Em Comrie, o aspecto habitual refere-se a situações que se sucedem durante um período apresentado como sendo ilimitado.

Os advs aspectuais habituais mencionados em Cinque (1999, p. 91) são os advs ingleses *usually, generally, habitually*, etc. Em PB, os advs *normalmente, geralmente, habitualmente* assinalam o aspecto habitual:

(13) *Normalmente*, os homens primitivos caçavam de manhã.

O aspecto freqüentativo ou iterativo refere-se a um conjunto de eventos que se repetem regularmente. Os advs que correspondem à distinção funcional *iterativa/freqüentativa*, em Cinque (1999), são *freqüentemente (often, frequently*, em inglês; *spesso*, em italiano):

(14) Rosana freqüentemente dança com os mesmos rapazes.

Há um ponto crucial para uma diferenciação mais precisa das distinções aspecto habitual/aspecto iterativo. Trata-se da dicotomia *dedução/indução*, mencionada em Bhat (1999). O autor diferencia o aspecto habitual do aspecto iterativo/freqüentativo tendo como critério a natureza indutiva do aspecto habitual e a natureza dedutiva do freqüentativo: enquanto na definição de aspecto freqüentativo necessariamente deve-se levar em consideração uma série de ocorrências do evento referido, na definição do habitual pode-se considerar apenas única ocorrência do evento (Bhat, 1999, p. 53).

Bhat ainda oferece uma situação hipotética que auxilia a compreender essa diferença relativa ao fato de o aspecto habitual ter uma natureza mais indutiva: “[O aspecto habitual] pode até ser usado por um falante que de fato nunca observou a chegada “habitual” de um trem, se ele simplesmente olhar a tabela de horários.” (Bhat, 1999, p. 53)

Essas observações de Bhat são cruciais para uma compreensão mais precisa da natureza do aspecto habitual. Segundo a nossa proposta de pesquisa, AdvPs habituais, mas não os AdvPs freqüentativos (iterativos), expressam modalização. Conforme ficará claro na seção 6 do capítulo IV, o núcleo Asp_{Hab}^0 também expressa modalização, fato empiricamente observável e teoricamente desejável: se AdvP Asp_{Hab} é modalizador, espera-se que Asp_{Hab}^0 também o seja, porquanto adv e núcleo checam traços (segundo a teoria de Cinque (1999)). A distinção *aspecto habitual*, como um todo é, portanto, uma distinção modalizadora.

A natureza indutiva do aspecto habitual parece guardar alguma relação com o efeito modalizador por ele gerado: a definição de Narrog (2005), sobre modalização, associa modalização à indeterminação da factualidade da proposição (cf. seção 1.3, acima). Se pensarmos no exemplo hipotético de Bhat (1999) sobre a chegada *habitual* do trem, é possível capturar o efeito modalizador gerado pelo adv habitual, mas não pelo adv freqüentativo/iterativo. As ocorrências a seguir exemplificam o raciocínio:

- (15) [Na estação ferroviária de Mirassol, seu Luís e o compadre Bastião esperam pelo trem que levará o compadre a São Paulo. Seu Luís nunca esteve na estação ferroviária daquela cidade e nunca andou de trem.]
- a. *Compadre Bastião*: – Compadre, que hora que o trem sai daqui?
[Seu Luís consulta a tabela dos horários e diz:]
Seu Luís: – Normalmente, ele sai às dez.
- b. *Compadre Bastião*: – Compadre, que hora que o trem sai daqui?
[Seu Luís consulta a tabela dos horários e diz:]
Seu Luís:??? – Frequentemente, ele sai às dez.

O uso do adv *normalmente*, em (15a), mas não (15b), traz à luz o caráter [+ indutivo] do aspecto habitual: a sentença é bem formada. É curioso o fato de o aspecto habitual, mas não o iterativo, gerar modalização. Esse resultado é esperado se apreendemos, em termos de Bhat (*op. cit.*), o caráter indutivo do aspecto habitual.

3. AdvPs na literatura formalista: um campo de investigação problemático

Thomas Ernst, um dos teóricos de produção mais relevante em teoria formal sobre advs, já nas primeiras páginas de seu manual sobre *adjuntos*, escreve (cf. Ernst, 2002, p. 1):

Ninguém parece saber exatamente o que fazer com os advs. A literatura dos últimos trinta anos em sintaxe e semântica formal está apimentada de análises da distribuição ou interpretação (ou ambos) de pequenas classes de advs, mas conta com poucas tentativas de uma teoria completa.

A citação anterior, de Ernst (2002), nos dá uma idéia global sobre o panorama geral dos estudos gerativistas sobre advs nos últimos trinta anos. O autor lamenta o fato de a literatura formalista contar com poucas propostas teóricas gerais sobre AdvPs, embora conte com trabalhos sobre classes de advs particulares. Talvez essa falta de teorias completas que dêem conta de explicar questões de interpretação, posicionamento e licenciamento de AdvPs de maneira unificada se explique já pela dificuldade de se reconhecer os advs como uma categoria gramatical: os advs têm sido constantemente mencionados, quer na literatura gerativista, quer nas outras literaturas, como uma classe compósita, que reúne itens de comportamento sintática e semanticamente diverso. Como vimos na epígrafe da introdução desta dissertação, em *Aspects*, Chomsky (1965, p. 219) sintetiza quão problemática se apresenta essa classe para a explanação teórica: “Os advs são um sistema rico e ainda inexplorado. Qualquer coisa que dissermos sobre eles deve ser considerada absolutamente como tentativa”.

Até os anos oitenta, os adverbiais eram considerados elementos ‘transportáveis’, dado o fato de serem analisados, até então, como elementos que se ordenavam livremente entre si e em relação aos demais constituintes da sentença. Os trabalhos de Kayser (1968, *apud* Probst,

2002, p. 2), com a noção de “Convenção de Transportabilidade”, e, na esteira deste, Jackendoff (1972), foram uma das primeiras abordagens sintáticas para o estudo dos advs. A proposta da “Convenção de Transportabilidade” sugeria que um elemento poderia ocupar qualquer posição na árvore, desde que respeitasse as relações de irmandade estabelecidas pelos nódulos. AdvPs, por possuírem o traço [+ transportável], poderiam movimentar-se na sentença, assumindo diferentes interpretações.

Segundo Probst (2002, p. 2), a literatura gerativista dos anos oitenta apresenta três formas possíveis de se analisar os adverbiais na estrutura da oração: uma de estrutura ‘plana’, que se atribui a Oehrle (cf. (16a), mencionado em Probst, 2002); outra correspondente à estrutura X-barra, proposta em Chomsky (1981, *apud* Probst, 2002) (cf. (16b)); e uma terceira, a de VP-shell, tal qual proposta em Larson (1988) (cf. (16c)):

(16)

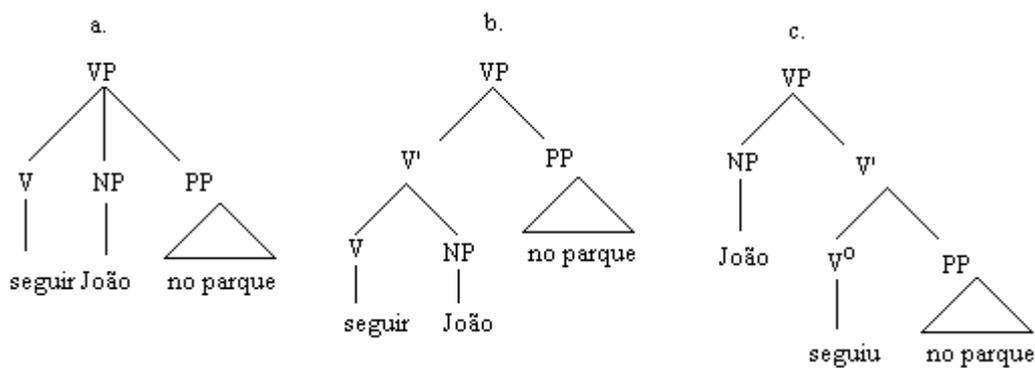


Figura 1 – Árvores adverbiais gerativistas dos anos 80 (cf. Probst, 2002, p. 2)

Pré-Chomsky (1995), o movimento era permitido, em Sintaxe, independentemente de sua motivação. Nesse sentido, as teorias de transportabilidade estariam legitimadas. Dadas, entretanto, as múltiplas classes de advs e suas respectivas interpretações, seria complicado definir traços que permitissem os advs de se moverem. Além do mais, conforme aponta Costa (1997, p. 110), teorias de transportabilidade teriam problemas ao explicarem a motivação para AdvPs serem gerados na base, nas posições de onde eles se movem.

Uma alternativa à teoria da transportabilidade seria propor que os advs seriam gerados nas posições em que linearmente aparecem. (Neeleman, 1994, *apud* Costa, 1997, p. 111). A análise, conhecida pelo nome de “livre geração na base”, apresenta também problemas, já que, no caso de adverbiais como *yesterday* (*ontem*) (cf. (17), a seguir), dever-se-ia excluir algumas das posições para bloquear casos agramaticais, como os assinalados (Costa, 1997).

Nesse sentido, seria necessário, ainda, propor uma teoria em que os advs seriam gerados em posições de base:

- (17) *Inglês* (Costa, 1997)
(yesterday) John (*yesterday) talked (*yesterday) to his mother (yesterday).
(ontem) o João (ontem) falou (ontem) com a sua mãe (ontem)

Outro problema correlacionado, apontado também por Costa (1997), teria a ver com a restrição à ordenação de AdvPs altos em posição final na sentença: advs sentenciais poderiam seguir advs de VP, se os advs fossem livres para adjunção.

- (18) *Inglês* (Costa, 1997)
a. John talked to his mother carefully yesterday.
(O João falou com a sua mãe cuidadosamente ontem)
b. * John talked to his mother yesterday carefully.
(O João falou com a sua mãe ontem cuidadosamente)

Jackendoff (1972), ao reconhecer que AdvPs poderiam atuar em dois domínios principais, o IP (advs de IP/advs sentenciais) e o VP (advs de VP), abre as portas não só para uma compreensão mais abrangente dos espaços que os advs poderiam atuar na sentença, mas traz também à luz questões que, principalmente na década de 90 e início deste século, têm-se tornado o palco de debates intrigantes no âmbito da teoria: distribuição, interpretação e licenciamento de adverbais são questões a serem tratadas por teorias semânticas ou sintáticas?

Do lado dos sintaticistas está Cinque (1999), com sua proposta sobre os *especificadores funcionais*: advs alocam-se em Spec de projeções funcionais e respeitam uma hierarquia de ordenação, válida universalmente, que encontra paralelo à direita com os núcleos de mesma distinção, também rigidamente ordenados (cf. a discussão detalhada na seção 4, a seguir). Do lado dos semanticistas, Ernst (2002, 2007) postula que a ordenação de advs na sentença segue princípios de natureza semântica, *requisitados independentemente da sintaxe* (cf. Ernst, 2002, p. 42).

Esses debates iniciados na década de 90, que puseram de um lado a *teoria da adjunção* (Ernst, 2002, 2007; Haider, 2000, 2004; Costa, 1997, 2004) e de outro lado a *teoria dos especificadores funcionais* (Cinque, 1999, 2004; Alexiadou, 1997; Laenzlinger, 1998), têm levantado questões que têm sido respondidas de maneira diversa por essas duas abordagens (cf. Haumman, 2007, p. 10):

- a) a distribuição e o licenciamento de advs é determinada por princípios sintáticos ou semânticos?
- b) restrições na ordenação de AdvPs são condicionadas pela sintaxe ou pela semântica?

- c) há correspondências entre tipos sintáticos de AdvS e entre os domínios semânticos em que podem atuar?

Na abordagem dos advs especificadores, a divisão dos AdvPs em classes semânticas, sua a ordenação linear e as suas propriedades de escopo são definidas sintaticamente: leva-se em conta a estrutura da oração, entendida como a hierarquia única e universal de projeções funcionais, tendo cada uma dessas projeções a sua interpretação semântica correspondente (cf. seção 4).

Já na maioria das abordagens sobre adjunção adverbial (cf. seção 5, a seguir), a posição relativa dos AdvPs procede de princípios de escopo semântico, tendo a sintaxe um papel marginal ou nulo (cf. Ernst, 2002, p. 42).

Essas seriam as duas propostas teóricas de maior repercussão na teoria gerativa atualmente para a representação dos AdvPs na *árvore-X-barra*. Na seção seguinte, em que apresentamos o *framework* aqui assumido (a teoria da *location-in-Spec*, de Cinque (1999)), discutimos com mais detalhes a proposta dos advs especificadores funcionais. Na seção 5, fazemos uma introdução geral à teoria da adjunção/escopo semântico.

4. A teoria dos especificadores funcionais

A literatura lingüística, gerativista ou não, conta com uma série de trabalhos sobre advs (ou adverbiais)¹⁸. Entretanto, o modo como os advs se integram na estrutura da oração ainda continua a ser uma questão aberta à investigação.

Apesar de os AdvPs serem considerados pela literatura lingüística geral – e inclusive a gerativista pró-adjunção a XP/X' (cf. Ernst, 2001, 2004, 2007; Haider, 2000, 2004; Costa, 1997, 2004; Polli, 2002, dentre outros) – como apêndices à estrutura da oração, dada a sua opcionalidade (cf. Quirk et al., 1972; 1985), há autores (Cinque, 1999; 2004; p. ex.) que os consideram como parte integrante da estrutura funcional da oração – à semelhança da morfologia flexional, partículas funcionais, etc. –, no formato Spec, entretanto. As evidências para a natureza funcional dos AdvPs são diversas. A principal delas, citada em Cinque (1999, capítulos 2, 3 3 4; 2004, p. 683-684),¹⁹ refere-se ao fato de, nas diversas línguas ali línguas mencionadas, os AdvPs corresponderem em número, tipo e ordem relativa aos núcleos

¹⁸ Assume-se aqui, com Cinque (1999, 2004) que os advs integram a estrutura funcional da sentença. Distingue-se os advs (núcleo do sintagma adverbial) dos adverbiais (XPs de quaisquer categorias sintáticas: PPs, DPs, APs, QPs, CPs, etc. e inclusive AdvPs). Adverbiais são itens que exercem a função de modificadores. PPs do tipo de *di solito* (*geralmente*), de natureza adverbial, são assumidos por Cinque como sendo concatenados na posição de Spec da referida distinção funcional.

¹⁹ Cf., também, a subseção 4.4 deste capítulo.

funcionais posicionados no X^0 do XP que hospeda o AdvP em Spec. Reconhece-se, pois, a existência de uma hierarquia universal e fixa de projeções funcionais da oração.²⁰

Outros teóricos também propuseram um posicionamento dos AdvPs em Spec, dentre eles, Alexiadou (1997)²¹ e Laenzlinger (1998).²² Esses dois últimos trabalhos, embora compartilhem com Cinque o pressuposto segundo o qual os AdvPs alocam-se em Spec, diferenciam-se deste em termos de objetivos. Cinque (1999) tem objetivos muito mais ambiciosos do que simplesmente propor uma teoria sobre a alocação dos advs em Spec: o autor busca determinar uma hierarquia de projeções funcionais, valendo-se da distribuição dos advs como evidência, ao passo que Alexiadou e Laenzlinger, por exemplo, estão mais preocupados com as propriedades de distribuição dos AdvPs em línguas específicas – nesses a hierarquia funcional procede dessa discussão –.

É bastante cara à teoria, ou pelo menos à proposta de Cinque (1999), a assunção de uma relação de um para um entre posição sintática do AdvP e interpretação. Se uma mesma forma fonológica de um AdvP aparece em posições distintas, mas com a mesma interpretação,²³ Cinque propõe que o AdvP seja gerado na base em uma posição subjacente única, sendo as diferentes ordens determinadas pelo movimento de outros constituintes por sobre o AdvP. Para formas fonéticas adverbiais com mais de uma interpretação, Cinque as trata como instâncias de AdvPs diferentes (nesse caso, no léxico, haveria, para uma dada forma fonética adverbial γ qualquer, os advs $\gamma_1, \gamma_2, \gamma_3$, etc.). Para cada interpretação diferente de γ , haveria um XP distinto que o hospedaria em Spec e um núcleo funcional de mesma natureza para a checagem de traços com o γ : “[...] uma teoria restritiva deveria forçar uma

²⁰ Poder-se-ia questionar a validade dessa correspondência entre o AdvP e o X^0 de uma determinada projeção funcional, tendo em vista que nem todos os núcleos funcionais são morfofonologicamente realizados em todas as línguas. Em PB, por exemplo, não contamos com um morfema funcional que expresse modalização epistêmica, como em coreano. O que legitima a postulação de uma hierarquia de núcleos funcionais é a assunção da *universalidade* dos fatos da sintaxe. Nesse sentido, Cinque (1999) recorre, p. ex., às ordenações:

(i) $X^0_A > X^0_B X^0_D$ (língua α)

(ii) $X^0_B > X^0_C$ (língua β)

para propor a hierarquia $X^0_A > X^0_B > X^0_C > X^0_D$, de validade universal.

Ainda que nem toda língua manifeste morfofonologicamente um núcleo de uma dada distinção, assume-se que esse X^0 se faz presente. A validade da correspondência AdvP- X^0 de uma dada distinção funcional não perde, portanto, a sua legitimidade.

²¹ Alexiadou (1997) assume que os advs também são gerados em Spec. Entretanto, em relação aos adverbiais circunstanciais (de modo, tempo e lugar) – que não são tratados por Cinque (1999) como sendo advs propriamente ditos, mas como especificadores de VP shells (no sentido de Larson, 1988) –, esses são gerados, segundo Alexiadou, como complementos de VP. Posteriormente são alçados à posição de especificadores de certas categorias funcionais.

²² Laenzlinger (1998) – diferentemente de Cinque (1999) e Alexiadou (1997) – desvia-se da análise tradicional de Kayne (1994) em dois sentidos: admite ramificação à direita, para os casos de AdvPs sentenciais em posição final (são tratados como especificadores ramificados à direita); desvia-se também ao assumir que os especificadores não são únicos; os núcleos projetam dois especificadores: uma posição-A e uma posição A', a última delas licencia adverbiais. Esse quadro é, entretanto, permitido em Chomsky (1995), que admite mais de um Spec.

²³ O termo tem a ver com escopo e significado. Para uma compreensão mais detalhada do sentido de interpretação tal qual utilizado na literatura atual sobre adverbiais, cf. a discussão no capítulo III, seção 2.

relação de um para um entre posição e interpretação (i.e., uma interpretação distinta e específica para cada posição de ‘geração na base’). (cf. Cinque, 1999, p. 20)

A posição dos AdvPs em Cinque é a de Spec de XPs distintos, exceção feita aos advérbios circunstanciais de modo, tempo, lugar, que, segundo Cinque, ocupam a posição de Spec de vP-shells distintos e os focalizadores, que ocupam posições de núcleo, que tomam por complemento o elemento escopado. Esses itens (circunstanciais e focalizadores) não são considerados advs propriamente ditos por Cinque, já por não respeitarem a hierarquia universal, ordenando-se livremente um em relação ao outro, já por não contarem com um núcleo licenciador, que compartilhe traços com o AdvP

O posicionamento do AdvP em Spec é explicado em razão da checagem de traços entre o AdvP e o núcleo de mesma natureza, dominados pela mesma projeção máxima. Os advs seriam licenciados em relações do tipo *spec/head agreement*, em uma ordenação rígida, definida pela UG.

Em suma, caracterizam uma teoria sintática de advs especificadores os seguintes pontos:

- 1) os advs são XPs que ocupam a posição Spec;
- 2) não há ramificação à direita e nem adjunção – exceção feita à proposta de Laenzlinger (1998) –;
- 3) assume-se diferentes posições para a geração de AdvPs consoante as diferentes ordens observadas; desvios à ordem canônica hierárquica entre AdvPs são possíveis a menos que haja um movimento de projeções que contenham um AdvP, do tipo de movimento-*wh* ou topicalização;
- 4) a cascata de projeções funcionais é um produto da UG e é projetada em toda sentença (Cinque, 1999).

A teoria dos especificadores funcionais tem respostas interessantes a problemas como ordenação rígida entre AdvPs e partes da sentença. Mudanças no padrão de ordenação (por exemplo AdvP α > AdvP β (gramatical) e AdvP β > AdvP α (também gramatical)) poderiam trazer, entretanto, fortes desafios a uma teoria de advs concatenados em Spec. (cf. Austin, Engelberg & Rauh, 2004, p. 9)

4.1. Aprofundando na proposta de Cinque (1999)

Para sustentar a sua proposta de hierarquia de projeções funcionais, Cinque explica que, além da ordem dos morfemas funcionais livres e de afixos – formato X^0 –, os AdvPs de

diferentes classes – que ocupam a posição Spec – correspondem em número, natureza semântica e ordenação relativa aos X⁰s à direita.

Há uma relação de correspondência (um para um), como mencionamos brevemente acima, entre o AdvP e o X⁰ do XP do qual o AdvP é Spec: segundo Cinque (1999, p. v), “[...] diferentes classes de AdvPs entram em uma relação transparente especificador/núcleo com diferentes núcleos funcionais da oração [...]”. Cinque está, pois, sugerindo que os advs são uma manifestação clara das diferentes projeções funcionais, no sentido de que são os especificadores dessas projeções.

Uma vez que, por assumir Kayne (1994), Cinque não pode lidar com Specs múltiplos nem com adjunção à esquerda, há uma redução nas posições potenciais para os AdvPs. Nesse sentido, o autor é forçado a introduzir uma série de XPs funcionais, antes não identificados na ‘árvore gerativista’, para hospedar os AdvPs em Spec.

Já no Capítulo I, Cinque fornece uma ordenação hierárquica *universal* de AdvPs, proposta a partir da comparação entre o italiano e o francês. Além das evidências vindas do francês e do italiano, o autor encontra suportes para a sua análise em outros trabalhos da literatura sobre o posicionamento de AdvPs em outras línguas.

Cinque (1999, p. 3-4) apresenta alguns pontos que aparentemente poderiam tornar a sua hipótese sobre *location-in-Spec* falseáveis. São tratados já no primeiro capítulo, os seis casos em que os AdvPs aparecem em mais de uma ordem numa mesma língua ou em ordens diferentes em línguas diferentes. Tais argumentos poderiam ser tomados pelos defensores de propostas de adjunção de AdvPs para derrubar a proposta de Cinque. Para evitar possíveis críticas, Cinque fornece explicações que legitimam a hierarquia, não obstante esses seis casos, considerando-os apenas como contra-exemplos *aparentes* à existência de uma hierarquia única e universal de AdvPs. Os seis pontos contra *location-in-Spec* e hierarquia universal são:²⁴

- 1) Quando um AdvP modifica diretamente um outro AdvP (ou seja, quando um AdvP ocupa a posição de especificador de outro AdvP);
- 2) Quando uma porção mais baixa da oração (que contém o AdvP) é alçada por sobre um AdvP alto (por razões de Foco);
- 3) Quando um AdvP é wh-movido por sobre outro;
- 4) Quando um mesmo AdvP pode ser gerado em duas posições diferentes na oração (sendo uma posição à esquerda e outra à direita de um outro AdvP);
- 5) Quando um AdvP focalizador “não inerente” do tipo de *probabilmente* (‘provavelmente’) é aproveitado como adv focalizador, do tipo de *only* (‘só’ ou *simply* ‘simplesmente’). Nesse caso, o AdvP pode assumir diferentes posições e diferentes escopos na sentença;

²⁴ Alguns desses seis casos são tomados por nós para explicar a co-ocorrência de AdvPs, que portam um traço de modalização (o traço [μ], cf. capítulo IV, seções 1.3, 2 e 3), que deve ser inesperada se a existência de uma hierarquia universal, fixa e rigidamente ordenada, for verdadeira.

- 6) Quando um AdvP é usado parenteticamente, sendo entoacionalmente distinguido. (Cinque, 1999, p. 3-4)

A proposta de Cinque (1999) traz para os estudos de Sintaxe a possibilidade de ela se preocupar com fenômenos antes marginalmente tratados pelos gerativistas (como é o caso dos modais e modalizadores, dos evidenciais e logofóricos (cf. Speas, 2004)). A assunção, por nós, de Cinque (1999) se explica em parte pela atenção desse trabalho a categorias altas, como *aspecto* e *modalidade*, e à formalização dessas noções na ‘árvore’.²⁵

4.2. A ‘árvore’ de Cinque

No modelo de Cinque (1999), AdvPs e núcleos funcionais integram XPs funcionais (cerca de 32 projeções, segundo Cinque) no domínio-I. Ao domínio I tradicional da teoria gerativista, que contém, por exemplo, as projeções AgrP, TP, Cinque (1999) acrescentou distinções (funcionais) de modo, modalidade, tempo, e uma série de projeções aspectuais. Essas distinções, presentes em todas as línguas do mundo, são codificadas nas gramáticas particulares quer via AdvPs – correspondente funcional da distinção em Spec –, quer via sufixos no verbo principal, auxiliares, partículas, morfemas aglutinados, etc. – contraparte funcional nuclear –. Cinque demonstra que a hierarquia dos advs em IP encontra paralelo na ordenação de núcleos funcionais que correspondem às mesmas distinções (semânticas) dos AdvPs. Línguas de morfologia aglutinada, como o turco, p. ex., em que todas, senão a maioria das categorias gramaticais (modo, modalidade, tempo, aspecto, etc.) são expressas e indicadas por meio de sufixos gramaticais que se vão aglutinando a V, uma depois da outra, ofereceram a Cinque aparato empírico para corroborar a (sua) hipótese de que os núcleos funcionais se ordenariam rigidamente nas línguas.²⁶ Apresentamos em (19), a seguir, uma ocorrência de Cinque (1999, p. 53), envolvendo vários núcleos funcionais.

(19) *Coreano*

Ku pwun-i caphi-si-ess-ess-keyss-sup-ti-kka?

a pessoa-NOM pegar-PASS-AGR-ANT-PAST-EPISTEM-AGR-EVID-Q

(Você sentiu que ele tinha sido pego?)

²⁵ Sobre a importância da proposta de Cinque (1999) aos estudos das categorias funcionais, cf. Speas (2004), Roberts & Roussou (2003); Pollok (2006); Maninnen (2005) e Meira (2004).

²⁶ Cinque (1999, capítulo III) baseia-se em diversos trabalhos descritivos sobre a ordenação de núcleos funcionais, a fim de fornecer um esquema de ordenação das distinções funcionais, válido universalmente. O autor assume que os esquemas parciais de ordenação (aberta) de morfemas funcionais nas línguas podem ser tomados como subsequências de uma seqüência universal única de núcleos funcionais, presentes em todas as línguas (Cinque, 1999, p. 52).

Em (19), *-hi* é um sufixo que marca voz passiva, *-si* um sufixo que indica sujeito honorífico, *-ess* marca tempo passado anterior a um tempo passado (o *mais que perfeito*, ou anterior do passado, quando duplicado), *-keyss*, um sufixo que marca modalidade epistêmica “conjectural”, *-sup*, um sufixo honorífico de destinatário e *-ti* um sufixo de modalidade evidencial, utilizado para lembrar de um fato que alguém experienciou. *-kka* marca o ato de fala como interrogativo. (cf. Cinque, 1999, p. 53).

A motivação para a ordenação rígida e fixa dos AdvPs vem em parte dessa ordenação dos núcleos funcionais correspondentes à direita. Para propor a hierarquia de AdvPs, Cinque (1999) recorreu especialmente a dados do italiano e do francês.²⁷ A motivação para a hierarquia de AdvPs são os testes de reação de AdvPs (entre si, numa mesma sentença) para determinar se a ordem $A > B$ ou $B > A$ é a ordem disponibilizada pela UG. No caso, com base em dados do tipo dos de (20), Cinque propõe a ordenação: $A > B > C$, como padrão de ordenação universal:

- (20)
- a. $A > B$
 - a'. $*B > A$
 - b. $B > C$
 - b'. $*C > B$
- (em que A, B e C são AdvPs)

Nos casos em que falta um adv no italiano ou francês, Cinque recorre a outras línguas para determinar a ordenação. Noutras palavras, Cinque usa a língua γ para ordenar $A > B$ e a língua β para ordenar $B > C$; deste modo, propõe a ordenação $A > B > C$. Essa metodologia – ainda que se assuma em Sintaxe a pertinência e a funcionalidade da UG – tem sido criticada em alguns trabalhos (Manninen, 2005).

Reproduzimos a seguir algumas das ordenações de AdvPs altos, com ocorrências de Cinque (1999) e Tosqui & Longo (2003), este último tendo tomado a teoria de Cinque e a metodologia deste autor para testar a hierarquia universal no inglês e no PB:

- AdvPs altos
- (21) *Italiano* (cf. Cinque, 1999, p. 12)
AdvP ato de fala > AdvP avaliativo
- a. Francamente ho purtroppo una pessima opinione di voi.
(Francamente eu infelizmente tenho uma péssima opinião sobre vocês)
 - b. $*Purtroppo$ ho francamente una pessima opinione di voi.
- (22) *Inglês e PB* (Tosqui & Longo, 2003, p. 89)
AdvP avaliativo > AdvP epistêmico
- a. Fortunately he had evidently had his opinion of the matter.
 - b. Felizmente ele tinha evidentemente formado a sua opinião sobre o assunto.

²⁷ Ao final do primeiro capítulo, entretanto, Cinque (1999, p. 33 *et seq.*), testa a hierarquia por ele proposta a dados do inglês, norueguês, bósnio/servo-croata, hebraico, chinês e malagache. Além dos dados dessas línguas, o autor reproduz, em notas, a hierarquia com seqüências parciais de ordenações de AdvPs em outras línguas.

- a'. * Evidently he had fortunately had his opinion of the matter.
 b'. * Evidentemente ele tinha felizmente formado a sua opinião sobre o assunto.
 AdvPs baixos:²⁸
- (23) *Italiano* (Cinque, 1999, p. 4)
 a. Alle due, Gianni non ha solitamente mica mangiato, ancora.
 (Às duas, G. geralmente não comeu nada, ainda.)
 b. *Alle due, Gianni non ha mica solitamente mangiato, ancora.
 (Às duas, G. não nada geralmente comeu, ainda.)
- (24) *Italiano* (Cinque, 1999, p. 4)
 a. Non hanno mica già chiamato, che io sappia.
 (Eles não ligaram já, que eu saiba.)
 b. * Non hanno già mica chiamato, che io sappia.
 (Eles já não ligaram.)

Com base em testes de escopo e reação de AdvPs em italiano e francês, especialmente, e, com base na ordenação de morfemas (núcleos funcionais) em dados disponíveis na literatura, Cinque (1999, p. 106) propõe a seguinte hierarquia de projeções funcionais, com o AdvP em Spec, licenciado pelo núcleo funcional de mesma natureza:

- (25) *A hierarquia funcional de Cinque (1999, p. 106)*
 [francamente Modo_{ato de fala} [felizmente Modo_{avaliativo} [evidentemente Modo_{evidencial}
 [provavelmente Modalização_{epistêmica} [uma vez T (Passado) [então T
 (Futuro) [talvez Modo_{irrealis} [necessariamente Modalização_{necessidade}
 [possivelmente Modalização_{possibilidade} [normalmente/geralmente Asp_{habitual}
 [novamente Asp_{repetitivo} [freqüentemente Asp_{freqüentativo} [intencionalmente
 Modalização_{volitiva} [rapidamente Asp_{celerativo} [já T (Anterior) [no longer Asp_{terminativo}
 [ainda Asp_{continuativo} [sempre Asp_{perfectivo(?)} [só Asp_{retrospectivo} [soon Asp_{proximativo}
 [brevemente Asp_{durativo} [caracteristicamente(?) Asp_{genérico/progressivo}
 [completamente Asp_{completivo(I)} [tutto Asp_{completivo} [bem Voz [rápido/cedo
 Asp_{celerativo(II)} [de novo Asp_{repetitivo(II)} [freqüentemente Asp_{freqüentativo(II)} [completamente
 Asp_{completivo(II)}

Em relação à distinção *modo* e *modalidade*, Cinque (1999, p. 78) segue Lyons (1977) e Palmer (1986), ao definir essas noções: modo é expresso via morfologia verbal; modais são palavras tipicamente independentes (verbos, auxiliares, partículas). Ambos são categorias modais que tem a ver com a expressão da atitude do falante em relação à proposição (cf. seção 1, acima).

Cinque trata os XPs Ato de fala, *realis/irrealis*, Avaliativo e Evidencial como “modo”, embora as categorias *avaliativo* e *evidencial* sejam expressas através de morfologia verbal, verbos modais ou mesmo partículas (cf. 1999, cap. 4, § 4.5 e 4.6). Os demais XPs funcionais que expressam modalidade são tratados como “modais”: epistêmico, *root*, aléticos (de necessidade e possibilidade). Na seqüência, fazemos uma breve caracterização dos XPs modos e dos XPs modalizadores de Cinque (1999), por sua conexão com os propósitos de nossa pesquisa. Os demais XPs (as diversas distinções aspectuais sob o escopo de Asp_{Habitual}P) serão apenas mencionadas brevemente.

²⁸ “Baixos”, segundo Cinque (1999). Como se verá, no capítulo III, seção 1, propusemos que os advs aspectuais habituais são, na realidade, AdvPs altos, não baixos.

4.2.1. XP Ato de fala

O modo do ato de fala marca a força ilocucionária de uma sentença (Cinque, 1999, p. 84). As línguas distinguem geralmente o modo declarativo, interrogativo e imperativo.

Segundo Cinque, quando o modo do ato de fala é expresso via sufixo, este é o mais externo, o que sugere que o modo do ato de fala é o núcleo mais alto no espaço IP. Discute-se, ainda, a possibilidade de Mood_{Speech Act}P pertencer ao domínio do CP estendido de Rizzi (1997) (cf. Speas, 2004; Haumman, 2007) .

O XP Modo do ato de fala é o que hospeda, em Spec, os AdvPs de ato de fala, do tipo de *sinceramente, francamente, etc.*:

(26) Sinceramente/francamente, esta teoria é muito difícil.

Em Castilho & Moraes de Castilho (1992), advs de *ato de fala*, os ‘intersubjetivos’, são tratados como modalizadores. A definição de Narrog (2005) sobre a modalidade exclui esses itens da classe dos modalizadores. Narrog (comunicação pessoal) explicou-nos o porquê de não considerá-los modalizadores: sua definição não trata desses advs de ato de fala como modalizadores, pelo fato de não afetarem a factualidade da proposição. Expressam atitudes do falante em relação à proposição, o que não afeta a sua factualidade.

4.2.2. XP Modo Avaliativo

O modo avaliativo não afeta a verdade da proposição, mas expressa uma avaliação (positiva, negativa ou outra) da parte do falante em relação ao estado de coisas descrito na proposição. (Cinque, 1999, p. 84)

Advs ingleses como *(un)fortunately, luckily, regrettably, surprisingly, strangely/oddly (enough), (un)expectedly* e seus equivalentes em outras línguas são os AdvPs que ocupam a posição de Spec do núcleo modo avaliativo.

(27) (In)felizmente as crianças vão sair mais cedo da escola.

Posto que assumimos a definição de modalidade proposta em Narrog (2005), segundo a qual a modalidade é entendida em termos de factualidade, compreendemos que esses itens não afetam o estatuto factual da proposição; uma proposição que está sob o escopo de AdvPs avaliativos é não marcada em relação ao seu estatuto factual.

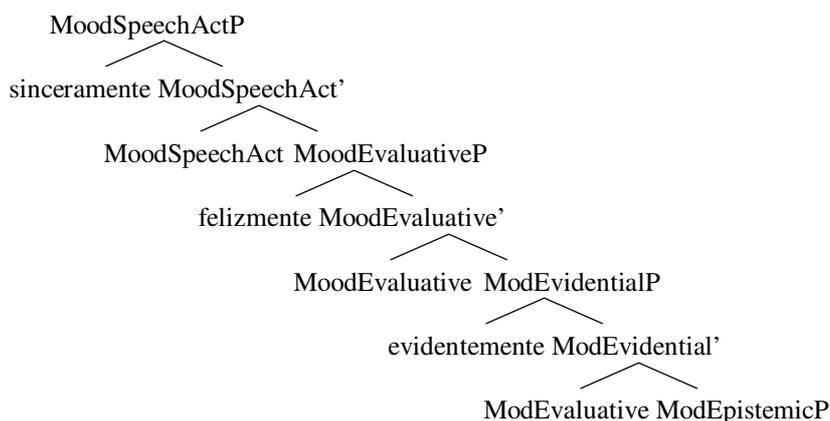


Figura 2 – XPs Modo e Modais (Speech Act – Evidential)

4.2.3. XP Modalidade Evidencial

A modalidade evidencial, segundo Hengeveld (s.d.), tem a ver com a fonte de informação a partir da qual o falante se vale para apresentar a informação, motivo porque alguns autores a denominam “modalidade epistemológica” ou “evidencial”.

AdvPs do tipo de *allegedly, reportedly, apparently, obviously, clearly, evidently, etc.*, em inglês, e *obviamente, evidentemente, verdadeiramente, etc.*, em português são os advérbios que ocupam a posição Spec de Mod_{Evidencial}P:

(28) *Evidentemente*, os próximos papas vão ser sul-americanos.

4.2.4. XP Modalidade Epistêmica

Cinque define a modalidade epistêmica como “[o modo através do qual o falante] expressa o seu grau de confiança a respeito da proposição (baseado na informação de que dispõe).” (cf. 1999, p. 86)

Palmer (1986, p. 51) inclui a evidencialidade na modalidade epistêmica. Cinque (1999) separa as duas instâncias – como XPs distintos –, dado o fato de ambas as categorias poderem co-ocorrer:

(29) *Evidentemente*, os próximos papas *provavelmente* vão ser sul-americanos.

A modalidade epistêmica tem a ver com o conhecimento (ou crença) do falante em relação ao mundo real. Modalizadores epistêmicos expressam uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição (cf. Lyons, 1977; Hengeveld, s.d, p. 111.5; Gasparini-Bastos, 2000, p. 561; Castilho & Moraes de Castilho, 1992; Dall’Aglio-Hattner, 1996, 1997).

Ainda de Lyons (1977), vem a afirmação de que a modalidade epistêmica pode ser definida em termos de possibilidade e necessidade, noções centrais da lógica modal tradicional. Além desse ponto definidor, a modalidade epistêmica em Linguística pode também ser definida em termos do *grau de (des)comprometimento do falante*, por se tratar da linguagem humana (cf. Bybee & Fleishman, 1995; Palmer, 1986, p. 51). No capítulo IV, vamos voltar a comentar a importância que esse ponto, o descomprometimento do falante, tem na compreensão da modalidade.

Na literatura sobre modalização e advs modalizadores (mencionada nas referências), haveria uma aparente confusão terminológica, que julgamos necessário esclarecer. Em Cinque (1999), o XP Modalidade Epistêmica hospeda núcleos e especificadores que expressam o grau de descomprometimento do falante em relação à verdade da proposição (cf. Cinque, 1999, p. 86). Os advs alocados em Spec-Mod_{Epistemic}P são caracterizados pelo traço [-comprometimento], de Cinque: *provavelmente*, em português; *probabilmente*, em italiano; *probably, presumably, supposedly*, em inglês; etc. AdvPs evidenciais (p. ex., *evidentemente, verdadeiramente*) estão em um XP que domina Mod_{Epistemic}P, a saber, Mood_{Evidential}P. Cabe, aqui, portanto, uma observação em relação ao tratamento que a literatura do assunto tem dado à modalidade epistêmica/evidencial.

Dall’Aglío-Hattner (1996), assume Nuyts (1993), segundo o qual “[...] a modalidade epistêmica está dentro do âmbito de incidência da evidencialidade” (Dall’Aglío-Hattner, 1996, p. 171), já que todo julgamento modal está baseado em uma evidência. Citando Nuyts (ibid., p. 946), a autora completa: “todo julgamento modal está baseado em uma evidência que se tem, mas ‘sem evidência, nenhuma avaliação de um estado de coisas é possível – pode-se, então, simplesmente dizer que não se sabe’.”

A evidencialidade, em Nuyts, é considerada como uma dimensão superior à modalidade (*apud* Dall’Aglío-Hattner, *op. cit.*). Em termos da hierarquia de Cinque, a mesma observação é válida: Mod_{Epistemic}P está sob o escopo de Mood_{Evidential}P. Para ilustrar essa relação de escopo, apresentamos as ocorrências a seguir, em que um AdvP Evidencial precede um AdvP Epistêmico:

- (30) *PB*
 a. Realmente/obviamente/evidentemente, os homens primitivos provavelmente caçavam de manhã.
 b. * Provavelmente, os homens primitivos realmente/obviamente/evidentemente caçavam de manhã.
- (31) *Inglês* (Cinque, 1999, p. 33)
 a. *Clearly John probably will quickly learn French perfectly.*
 (Claramente, o John provavelmente vai rapidamente aprender o francês perfeitamente)
 b. * *Probably John clearly will quickly learn French perfectly.*
- (32) *Norueguês* (Cinque, 1999, p. 35)

[*tydeligvis* (evidentemente) > *sannsynligvis* (provavelmente)]

- a. *Per skjønner tydeligvis sannsynligvis probleme godt.*
Pedro entende evidentemente provavelmente o problema bem.
(Evidentemente Pedro provavelmente entende bem o problema)
- b. **Per skjønner sannsynligvis tydeligvis probleme godt.*
(Pedro entende provavelmente evidentemente o problema bem.)

Nas ocorrências do PB, do inglês e do norueguês, apresentadas anteriormente, são agramaticais as formas em que o AdvP epistêmico precede o AdvP evidencial (cf. as ocorrências (b)). Esse conjunto de sentenças pode ser tomado como evidência de que Mood_{Evidential}P está acima de Mod_{Epistemic}P.

4.2.5. XP Modalidade *irrealis*

Cinque (1999) considera que o adv italiano *forse* (*talvez*) possa co-ocorrer com *probabilmente* (*provavelmente*), seguindo a ordenação *probabilmente* > *forse*:

- (33) *Italiano* (Cinque, 1999, p. 12)²⁹
- a. Gianni sarà probabilmente forse ancora in grado di aiutarci.
(O G. vai estar provavelmente talvez em condições de nos ajudar.)
- b. * Gianni sarà forse probabilmente ancora in grado di aiutarci.

A versão de (33a), em PB (cf. (34), a seguir) nos parece bastante degradada, se não agramatical:

- (34) ??/* O João vai estar provavelmente talvez ainda em condições de nos ajudar.

Mesmo em italiano, a co-ocorrência de *provavelmente* e *talvez* é bastante estranha, segundo sugere o julgamento de nossa informante à sentença (35), a seguir:

- (35) * Probabilmente i brasiliani forse sono buoni giocatori.
(Provavelmente os brasileiros talvez sejam/são bons jogadores.)

Vamos propor que os advs *probabilmente* (*provavelmente*) (Mod_{Epistemic}) e *forse* (*talvez*) (Mod_{irrealis}) são, de uma certa maneira, do mesmo tipo, e isso explicará a agramaticalidade/degradação das sentenças em que co-ocorrem (cf. seção 2, capítulo IV).

Considerar *talvez* e *provavelmente* como advs pertencentes a XPs distintos (respectivamente Mood_{irrealis}P e Mod_{Epistemic}P) parece-nos bastante viável, já que Cinque (1999, p. 88), com apoio em Bellert (1977, p. 344), observa que *perhaps* (*forse*, *talvez*) e *probably* (*probabilmente*, *provavelmente*) assumem comportamentos distintos em relação ao

²⁹ Cf., na seção 3.2, do capítulo IV de nossa dissertação, a discussão que levantamos em torno desse dado e da sua validade para o aproveitamento de nossa investigação.

fato de poderem ou não ocorrer em frases interrogativas: *forse* (talvez) ocorre (cf. (36a)); *probabilmente* (provavelmente) gera uma sentença degradada (cf. (36b)):

- (36) *Italiano* (cf. Cinque, 1999, p. 88)
a. Gianni è forse già stato qui?
(O G. talvez já esteve aqui?)
b. * Gianni è probabilmente già stato qui?

Cinque sugere que *talvez* corresponde, pois, ao modo *irrealis*: “O fato de que [*talvez*] vem depois de advs de tempo e epistêmicos encaixa melhor, portanto, com o fato de que o Mood_{Irrealis} segue Mod_{Epistemic}, T(Pass) e T(Future).” (Cinque, 1999, p. 88)

4.2.6. XPs de Modalidade alética (de necessidade e de possibilidade)

A modalização alética de necessidade é denominada em alguns trabalhos da literatura de *modalização deôntica*. Modais aléticos de necessidade indicam *necessidade* lógica. Em termos de Castilho & Moraes de Castilho (1992), indicam que o falante considera o conteúdo proposicional como uma necessidade, algo que obrigatoriamente deve acontecer.

A definição de Narrog (2005) considera os advs aléticos de necessidade como modalizadores. O estatuto factual da proposição fica indeterminado via uso de AdvPs aléticos de necessidade. Embora os advs aléticos de necessidade não expressem descomprometimento do falante, o fato de trazerem à luz situações dentro do âmbito do pensamento, que vêm ao conhecimento apenas através da imaginação, indeterminada, portanto, em relação ao seu estatuto de factualidade, faz Narrog (2005) incluir os aléticos de necessidade no grupo de advs modalizadores. (37) está modalizada devido à presença de *necessariamente*:

- (37) O estatuto modalizador dos aspectuais deverá ser *necessariamente* considerado uma herança da UG.

A modalização alética de possibilidade indica (im)possibilidade lógica. Advs de possibilidade (*possivelmente*, em português; *possibly*, em inglês; *keneng*, em mandarim; *possibilmente*, em italiano; etc.) apresentam o conteúdo proposicional em termos de uma possibilidade epistêmica:

- (38) Galileo Galilei não foi queimado pelo Tribunal do Santo Ofício *possivelmente* por ser amigo do papa da época.

Sobre a interação de advs aléticos (de possibilidade e necessidade) nas línguas naturais, esses itens geram sentenças mal-formadas quando co-ocorrem: em hindi, um adv alético de possibilidade (*sambhavtah* ‘possivelmente’) não pode co-ocorrer em nenhuma

ordem com um alético de necessidade (*zaruur hii* ‘necessariamente’) (Bhatia, *online*, p. 19). A mesma assimetria é observada no PB e no japonês:

- (39) a. ??? Necessariamente, os homens primitivos possivelmente caçavam de manhã.
 b. * Possivelmente, os homens primitivos necessariamente caçavam de manhã.
- (40) *Japonês*
 a'. ??/**Mosi-ka site*, *karera-wa kanarazu fukugaku-suru-daroo*.
 (Possivelmente eles necessariamente vão ser readmitidos.)
 b'. **Kanarazu*, *karera-wa kanarazu*.....
 (Necessariamente eles possivelmente vão ser readmitidos)

A figura 3., abaixo, apresenta as projeções de modalidade alética. Além dessas, estão representadas as outras projeções que abrigam as distinções modalizadoras reconhecidas em Narrog (2005).

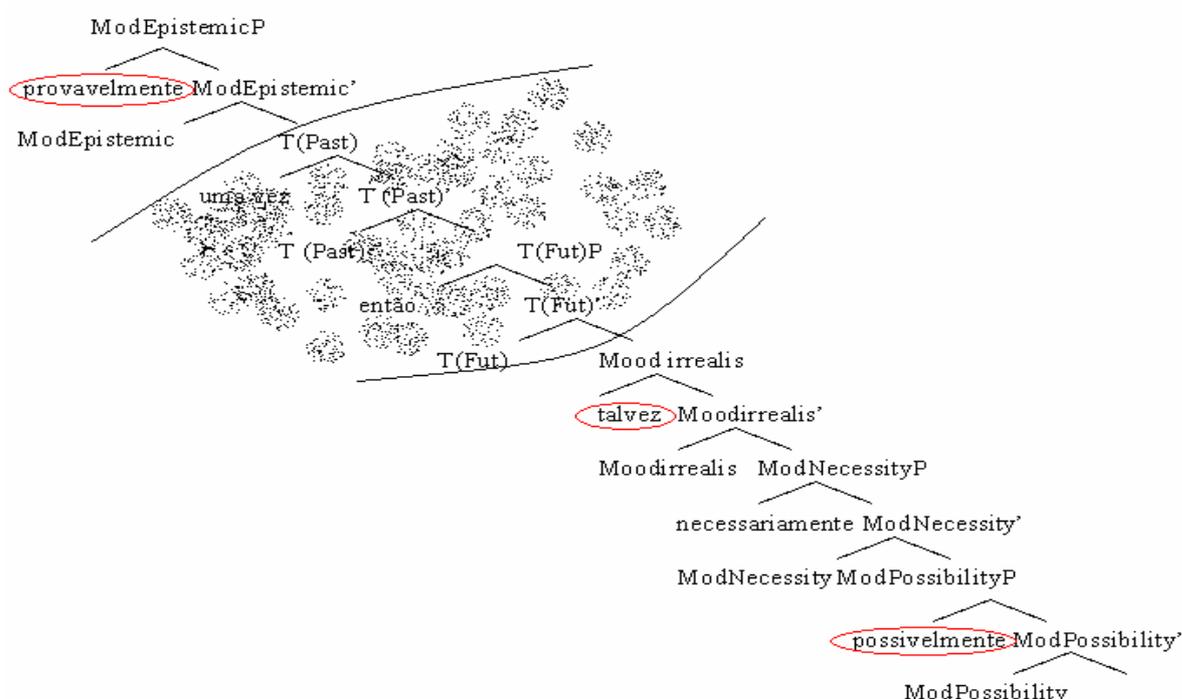


Figura 3: XPs modalizadores e XPs de Tempo (passado e futuro)

Os XPs representados na árvore abrigam as modalidades reconhecidas pela literatura. Entre o Mod_{Epistemic}P e o Mood_{Irrealis}P há duas projeções de tempo, a saber, as de T(Past)P e T(Fut)P. Essas projeções de tempo hospedam distinções funcionais temporais (que podem ser exemplificadas pelos AdvPs temporais *uma vez* (alocado em Spec T(Past)P) e *então* (alocado em Spec T(Fut)P). É importante não confundir os advs hospedados nessas duas projeções temporais com os adverbais de tempo (*ontem*, *amanhã*, *etc.*), que não são advs propriamente ditos em Cinque, mas adverbais circunstanciais (dado o fato de não se ordenarem na hierarquia).

A árvore seguinte apresenta a localização do XP que abriga o aspecto habitual. É interessante notar a contigüidade do $Asp_{Hab}P$ com o $Mod_{Possibility}P$: o adv *normalmente* é o AdvP que imediatamente segue o último modalizador na direção *top-down*, a saber, o alético *possivelmente*. Um modelo que assume a adjunção de AdvPs a projeções funcionais poderia encontrar dificuldades para explicar naturalmente essa configuração.

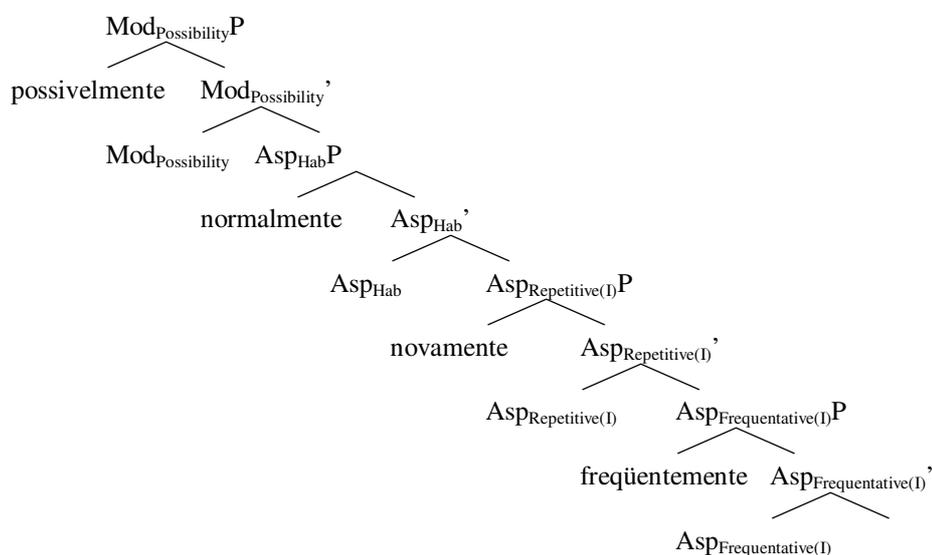


Figura 4: O posicionamento do XP Aspecto Habitual

Aqui estão caracterizados os XPs modalizadores de Cinque (1999). Para argumentar a favor da pertinência desses XPs, Cinque recorreu, na maioria dos casos, tanto à contraparte nuclear, quanto aos advs alocados, segundo ele, em Spec. As evidências procedem tanto de trabalhos da literatura sobre modalização, quanto de dados coletados por Cinque. À proposta de Cinque (1999) acrescentamos o fato de $Asp_{Habitual}P$ como um todo, não apenas o AdvP em Spec, ser uma projeção modalizadora: conforme ficará claro na seção 6, do capítulo IV, Asp_{Hab}^0 é igualmente modalizador (no basco, coreano e grego, esse núcleo realiza-se morfofonologicamente). Nosso achado parece também ter validade universal, porquanto nos baseamos em dados de uma série de línguas e, além disso, procuramos, em nossa metodologia, estar quites inclusive com os pressupostos metodológicos de Cinque (1999).

4.2.7 Projeções sob o escopo de $Asp_{Frequentative}P_{(I)}$

Nesta subseção, apresentaremos as projeções sob o escopo de $Asp_{Frequentative}P_{(I)}$ na ‘árvore de Cinque’. Como a maioria dessas projeções abrigam advs e núcleos aspectualizadores que não têm relação direta com os objetivos de nosso trabalho, vamos nos reduzir apenas a mencionar esses XPs.

As figuras 5 e 6 abaixo referem-se a uma parte da árvore que hospeda XPs aspectuais, com os respectivos advs que indicam as diferentes distinções de aspecto.

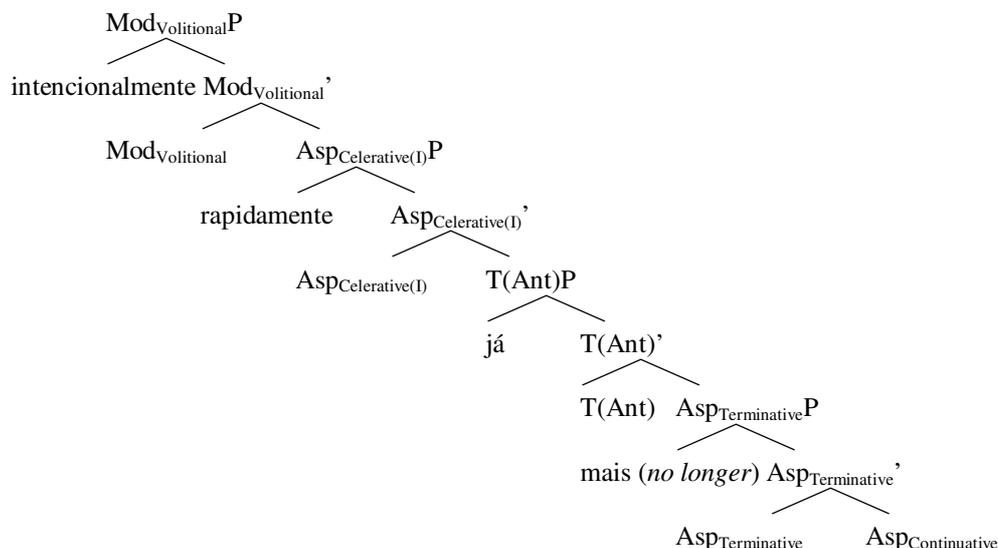


Figura 5: do XP ModVolitionalP ao AspTerminativeP

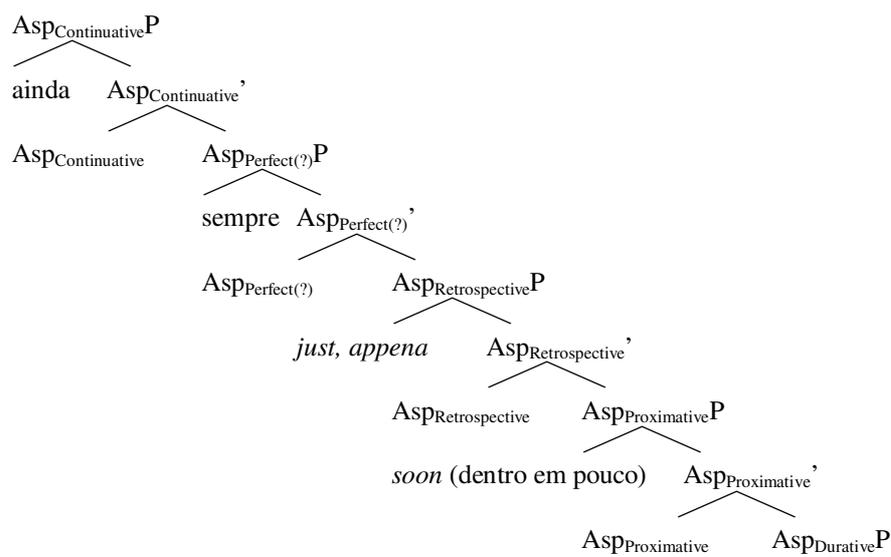


Figura 6: XPs aspectuais: do AspContinuativeP ao AspDurativeP

Sempre, um adv que gera uma quantificação universal, é hospedado em Asp_{Perf}P (cf. fig. 6). Nos usos em que um advérbio como *usually* (*normalmente*) apresenta uma leitura apenas aspectual e não modalizadora, um dos advs hospedados em Spec de alguma das projeções das árvores das duas figuras anteriores pode estar envolvido no contexto. Na ocorrência a seguir, o adv *always* (*sempre*) é que legitima a leitura tão somente aspectualizadora, já não modal, do adv *usually* (*normalmente*):

- Inglês* (Eric Potsdam, comunicação pessoal)
 (41) – Why does John’s wife always answer the phone?
 – ?Perhaps John is usually busy.
 (Por que a mulher do John sempre atende o telephone?)

- (42) Talvez o João normalmente está ocupado)
 – Why does John always win?
 – Possibly John usually cheats.
 (Por que o João sempre vence?
 Possivelmente o João normalmente treina).

O adv aspectual *always* (*sempre*) torna possível que, na outra sentença, haja contexto propício para a gramaticalidade, dado o uso de *usually* não mais como adv de aspecto habitual, portanto, modalizador. No caso, *usually*, na ocorrência, atua como adv aspectual tão somente, motivo porque não se choca com os advs modalizadores *perhaps*, em (41), e *possibly*, em (42).

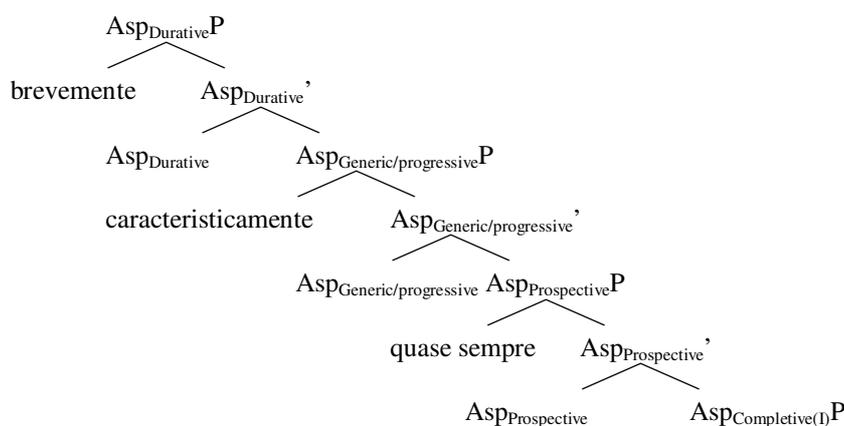


Figura 7: AspGenericP

A figura 7 apresenta, além de AspDurativeP e de AspProspectiveP, AspGenericP, que abriga, em Spec, AdvPs genéricos como *caracteristicamente*. Esse XP mereceria um estudo à parte, já que inclui advs do tipo de *tipicamente*, *inerentemente*, *caracteristicamente* que têm sido classificados em alguns trabalhos (cf. Quirk et al., 1972; 1985) como advs de domínio (*viewpoint adjuncts* em Quirk et al.). Em Cinque (1999), AdvPs de domínio circunscrevem a verdade da proposição a um campo do saber ou ponto de vista (p. ex., *lingüisticamente*, *teologicamente*).

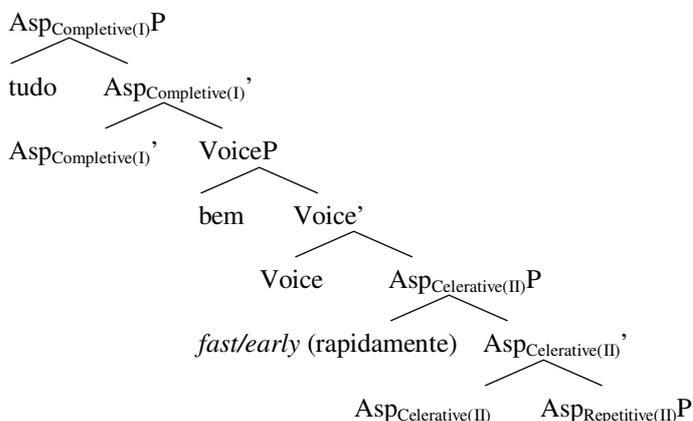


Figura 8: XPs aspectuais e XP voz

A árvore da figura 8, acima, apresenta o aspecto completivo, Voz e o aspecto acelerativo (II). Cinque cria duas posições (uma alta e uma baixa) para que uma mesma forma adverbial fosse abrigada em Specs distintos, a depender do seu escopo. No caso de um XP (I), o adv especificador tem escopo sobre o evento; no caso de um XP (II), o adv, em Spec, tem escopo sobre o processo.

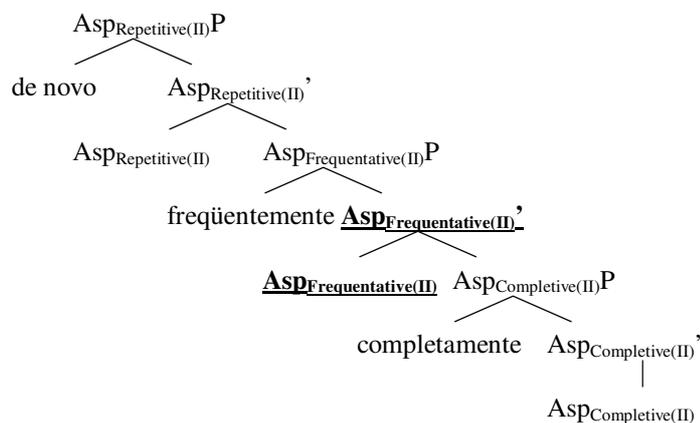


Figura 9: de AspRepetitive(II)P a AspCompletive(II)P

Demos destaque, na árvore anterior, ao XP que hospeda o advérbio *freqüentemente* (II). A teoria dos advs especificadores têm sido justificada por esses XPs que hospedam AdvPs e X⁰s (II) (Haider, 2004).

As 32 novas projeções que Cinque (1999) inclui na árvore, sucintamente apresentadas acima, induzem ao questionamento: estariam todas essas projeções presentes em todas as sentenças de uma língua ou apenas estariam presentes as projeções morfofonologicamente realizadas, seja via AdvP, seja via X⁰ – conforme a proposta da WYSIWYG (*What You See Is What You Get*, ‘grosseiramente’: “O que você vê é o que você tem [para pôr na árvore]”), de Grimshaw (1997, *apud* Roberts & Roussou, 2003, p. 24). Conforme ficará claro na seção 1.2 do capítulo IV, Cinque, ao propor traços funcionais de núcleos e AdvPs com as realizações *default* e marcada, torna possível a assunção de que toda a sentença apresenta o conjunto dessas distinções funcionais com um desses dois valores especificados.

4.3. Sobre a alocação dos AdvPs em Spec

Cinque (1999) apresenta diversas razões para se assumir a alocação dos AdvPs em Spec. Uma delas vem do movimento do participípio passado ativo em italiano. Seguindo a proposta clássica da teoria X-barrá (Chomsky, 1970; Kayne, 1994) e valendo-se de dados do italiano, Cinque (1999) argumenta que a teoria reserva uma posição para (apenas) um

especificador de XP entre dois X^0 s. Esses espaços são ocupados por AdvPs, rigidamente ordenados, já que o verbo se movimenta de X^0 em X^0 , no espaço entre dois AdvPs:

- (43) *Italiano* (cf. Cinque, 1999, p. 45)
- Da allora, non hanno rimesso di solito mica più sempre completamente tutto bene in ordine.
(Desde então, não colocaram geralmente nunca mais sempre completamente tudo bem em ordem)³⁰
 - Da allora, non hanno di solito rimesso mica più sempre completamente tutto bene in ordine.
 - Da allora, non hanno di solito mica rimesso più sempre completamente tutto bene in ordine.
 - Da allora, non hanno di solito mica più rimesso sempre completamente tutto bene in ordine.
 - Da allora, non hanno di solito mica più sempre rimesso completamente tutto bene in ordine.
 - Da allora, non hanno di solito mica più sempre completamente rimesso tutto bene in ordine
- (44) *Italiano* (cf. Cinque, 1999, p. 45)
- Non ha mica già ricevuto più niente.
(Nunca tinha jamais recebido mais nada)
 - Non ha mica ricevuto già più niente.

Baseando-se em Pollock (1989), de acordo com o qual os AdvPs ocupam posições fixas, sendo o verbo o constituinte que se move, Cinque vale-se dos dados em (43) e (44) para propor a presença de duas posições distintas para os núcleos à esquerda e à direita do adv *di solito* (e dos demais AdvPs que o segue):

- (45) [X [solitamente X [mica X [già X [più X [sempre X [completamente X [tutto bene [VP]]]]]]]]]

Já que o particípio passado ativo se movimenta de X^0 em X^0 (cf. (43-45)), a posição de Spec estaria ‘livre’ para hospedar os AdvPs.

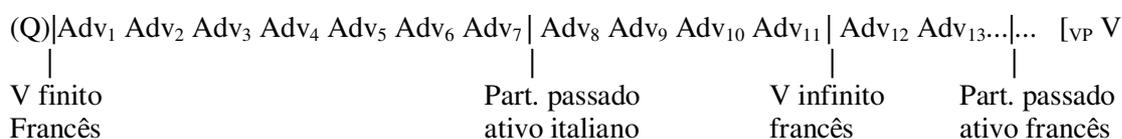
Há ainda um outro fato tomado por Cinque como evidência *pró-location-in-Spec*: a ordenação relativa entre um adv e o verbo, ou entre um adv e um argumento verbal. (cf. Cinque, 2004, p. 686). De Cinque (1999, capítulo 2; 2004, p. 686 *et seq.*), vem que os verbos lexicais nas línguas românicas parecem ter uma distribuição diferente em relação aos AdvPs com os quais eles ocorrem, ainda que sejam invariavelmente escopados por esses adverbiais. Essa distribuição diferenciada está na dependência da forma do verbo (se finito, infinitivo, particípio, etc.) e da língua considerada. Assim, em francês, o particípio passado ativo pode preceder menos advs que o particípio passado italiano (cf. Cinque, 1999, p. 146). Essa

³⁰ A impressão que dá é que esta sentença, se fosse feita no PB, seria impossível (cf. a degradação da glosa em PB), já que teríamos um estirado de advs, um tomando o outro por escopo. De qualquer modo, é questionável este dado de Cinque já pelo fato de, em virtude de termos um estirado de advs, um falante nativo do italiano, que considerasse essas sentenças possíveis, interpretaria as relações de escopo entre AdvPs como se um adv estivesse modificando o outro. Ou seja, haveria, na realidade, apenas um XP, a saber, aquele mais à direita. Os demais advs ocupariam as posições de especificador do adv que imediatamente aparece à sua direita.

generalização é implicacional: se uma certa forma verbal precede, em uma dada língua, um AdvP_i, conseqüentemente precederá todos os AdvPs que, co-ocorrendo com AdvP_i, o seguem:

Essa interação verbo/advérbio não pode ser direta e naturalmente expressa em termos do escopo semântico relativo dos advérbios, evidentemente por envolverem cada vez um advérbio *específico* (e o verbo). Ao que parece, a relação, que é indireta, deve ser mediada pela estrutura. (Cinque, 2004, p. 686)

Se os advs são hierarquicamente dispostos numa estrutura sintática contendo verbo e argumentos, e se o verbo é que é alçado a diferentes posições entre os advs (dependendo da língua e da forma verbal envolvida), essas explicações podem ser naturalmente expressas como no esquema a seguir (cf. Cinque, 2004, p. 686):



	ler-IMP:1SG	geralmente	o-livro-ACC
b.	* <i>Diavasa</i>	<i>sinithos</i>	<i>to vivlio.</i>
	ler-PERF:1SG	geralmente	o-livro-ACC

Assim, com $Asp_{\text{Imperfect}}P$, co-ocorrem AdvPs de frequência indefinida (habituais, freqüentativos, etc.). Com $Asp_{\text{Perfect}}P$, AdvPs de frequência definida:

(47)	<i>Grego</i> (Alexiadou, 1997, p. 91)		
a.	Ta pedja	xipnisas	amesos.
	As crianças-NOM	acordar-PERF:3PL	imediatamente
b.	* Ta pedja	xipnusan	amesos.
	As-crianças-NOM	acordar-IMP:3PL	imediatamente

Com base nesses dados, Alexiadou propõe que os AdvPs aspectuais sejam gerados na posição de Spec de $AspP$, sendo, portanto, licenciados via *Agreement* com os traços relevantes do núcleo. O fato de o AdvP não ser o complemento de um núcleo o faz ocupar Spec do XP contendo o núcleo.

Como se vê, a literatura sobre os especificadores conta com uma série de razões para o posicionamento de AdvPs em Spec. A seção a seguir apresenta algumas das motivações para a assunção dos AdvPs como itens funcionais.

4.4. A natureza funcional dos AdvPs

Diversas são as razões apresentadas na monografia *Adverbs and Functional Heads* (Cinque, 1999) acerca da natureza funcional dos AdvPs. A principal delas é que a ordenação dos advs, alocados em Spec, encontra paralelo à direita, na contraparte nuclear, também rigidamente ordenada. Os AdvPs correspondem em número, tipo e ordenação relativa aos núcleos, indubitavelmente funcionais. Se há esse ‘pareamento’ AdvPs- X^0 s em relação ao número, tipo e ordenação relativa, e se se assume que os X^0 s são funcionais, conseqüentemente os AdvPs também se caracterizam pela natureza funcional.

Para corroborar a natureza funcional dos advs, Cinque recorre ainda a trabalhos sobre línguas de sinais e aquisição da linguagem.

Nas línguas de sinais, a informação lexical (verbos e NPs) é caracteristicamente expressa manualmente, informações funcionais (*Agreement*, aspecto, negação, etc.) são marcadas manual e não-manualmente, ou apenas não-manualmente (cf. Neidle et al., 2000, *apud* Cinque, 2004, p. 684). AdvPs na língua de sinais americana e na língua de sinais italiana são marcados manual e não-manualmente (Neidle et al., 2000; Neidle & MacLaughlin, 2002, *apud* Cinque, 2004, p. 684). Cinque interpreta a similaridade forte entre AdvPs e *Agreement*, aspecto e negação, no que diz respeito ao modo como são expressas (manual e não-

manualmente ou apenas não-manualmente) como sendo um indício de que os AdvPs devem ser considerados como parte integrante da porção funcional da oração.

Trabalhos sobre aquisição da primeira língua sugerem um comportamento similar entre AdvPs e elementos funcionais. Conforme sugerido em Antinucci & Miller (1976), Weist (1986), Schlyter (1990) – citados em Cinque (2004, p. 684) –, a aquisição/maturação de distinções aspectuais precede a aquisição/maturação de distinções temporais. Assim também ocorre com os AdvPs: os aspectuais baixos são aparentemente adquiridos mais cedo do que os temporais (inclusive os temporais do tipo altos). Schlyter (2001, *apud* Cinque, 2003), trabalhando com crianças bilíngües (sueco-francês) apresenta o resultado:

[...] nos estágios iniciais (*MLU around 2*) das crianças (bilíngües, adquirindo L1), não encontramos nenhuma evidência para advs além daqueles dos níveis mais baixos. No estágio seguinte (*MLU around 3*), aparecem os advs especificando categorias intermediárias – aspecto de diferentes tipos –, e, depois, (*MLU around 4*) aparecem os advs especificando categorias funcionais mais altas, tais como *Tense*. Os advs aparecem simultaneamente com a evidência correspondente para a morfologia verbal para as mesmas categorias. (cf. Cinque, 2004, p. 684)

Segundo Cinque (2004, p. 684-685), tais fatos mostram que a emergência de AdvPs na aquisição de L1 está intimamente ligada à emergência dos núcleos funcionais aos quais os AdvPs correspondem. Esse quadro é interpretado por Cinque como evidência independente à natureza funcional dos AdvPs.

4.5. Três motivos para se assumir Cinque (1999)

Uma série de trabalhos foi publicada na década de 90 e no início deste decênio para testar a aplicabilidade da teoria dos especificadores funcionais, para indicar possíveis equívocos da teoria e apresentar os pontos que ela não daria conta de explicar.

A força motriz de nossa dissertação não é, *a priori*, a testagem da hierarquia funcional universal de Cinque (1999) para o PB nem para qualquer outra língua.³¹ Antes, a nossa proposta tem como objetivo principal verificar se, já do ponto de vista da Sintaxe, os advs que indicam aspecto habitual podem ser tratados como modalizadores. A procura por entender esse fenômeno num conjunto de línguas justifica-se pela vocação natural das teorias de sintaxe formal chomskianas para uma compreensão cada vez mais abrangente do funcionamento da UG.

A nossa opção pela teoria dos especificadores funcionais tem as suas motivações:

³¹ A literatura gerativista sobre sintaxe adverbial do PB conta, até onde sabemos, com pelo menos dois trabalhos para a testagem de Cinque (1999) a dados dessa língua: Santana (2005) e Tosqui & Longo (2003). Esse último também testa a proposta de Cinque aos advs modalizadores do inglês. Em relação a outras línguas, que não integram os dados de Cinque (1999), há, pelo que nos consta, uma série de trabalhos: Bhatia (*online*) para o hindi; Beijer (*online*), para o sueco e inglês; Haumman (2007) para o inglês; Wilson & Saygin (*online*) para o turco; e Eva (1999) para o húngaro.

1 – Poder explicativo da proposta de Cinque (1999)

O aparecimento das propostas para a alocação dos advs em Spec, na década de 90, trouxe à luz o debate sobre o papel da sintaxe/semântica na determinação de questões como posicionamento, escopo e interpretação de AdvPs (cf. cap. III, seção 2). Teóricos dos especificadores funcionais defendem que essas questões são determinadas pela sintaxe. Cinque (1999) sustenta não somente que essas questões são primitivamente sintáticas; a motivação para a hierarquia de AdvPs também é sintática, *a priori* (cf. seção 5, capítulo IV). Há uma tendência entre os teóricos da adjunção de assumirem que questões de posicionamento, escopo e interpretação são questões determinadas pela Semântica. Ernst (2002) advoga que essas questões *independentem* da Sintaxe.

Não há, pelo que nos consta, trabalhos publicados pela literatura (gerativista ou não) que tratem da natureza modalizadora dos advs habituais. Como vimos, a modalização tem sido definida como uma categoria semântica (cf. Narrog, 2005; Palmer, 1986; Lyons, 1977; Dall’Aglione-Hattner, 1997; dentre outros). Cinque parece ter sido o primeiro a considerar a modalização como uma questão de interesse sintático (parte dos XPs que Cinque reconheceu e incluiu no espaço IP são modalizadores). Assumir a teoria de Cinque nos traz a vantagem de trabalhar com um modelo em que as noções sobre modalização estão formalizadas já no marcador sintagmático. Há outras razões, ainda, para se assumir Cinque (1999): a teoria busca (i) capturar o que há de nuclear na UG em relação às projeções funcionais e aos AdvPs nelas hospedados; e (ii) explicar a universalidade dos fatos da ordenação dos advs.

2 – A natureza dos AdvPs aspectuais

AdvPs aspectuais (habituais, freqüentativos, etc.) têm oferecido à teoria dos especificadores funcionais razões bastante pertinentes para a postulação desse enfoque teórico. Cinque (1999) defende, como vimos, uma relação de um para um entre posição e interpretação. AdvPs quantificadores (cf. Cinque, 1999, p. 169, nota 12 e texto correspondente), em Cinque, atuam em duas zonas na árvore. Os advs quantificadores altos tomam por escopo o evento; os baixos, o processo. Nesse sentido, tornam-se o palco para Cinque justificar a pertinência de sua teoria: se há uma relação de um para um entre posição e interpretação, cada interpretação distinta deveria corresponder a uma posição (também distinta) de geração na base. A duplicação dos XPs aspectuais quantificadores para darem conta dos dois escopos distintos (processo, sob o escopo do quantificador alto, e evento, sob o escopo do quantificador baixo) advoga em favor do poder explicativo da teoria de Cinque.

Outra razão pertinente para a assunção da teoria dos advs especificadores vem de Alexiadou (1997). Naquele trabalho, advs de freqüência são tomados para justificar o

posicionamento de AdvPs em Spec (cf., na seção 4.3 deste capítulo, as observações relativas às ocorrências (46) e (47)).

Há, ainda, outra razão interessante. Teóricos da adjunção freqüentemente tomam advs de freqüência (aspectuais freqüentativos do tipo de *often, frequently*) e habituais (*usually*) para criticar a teoria dos especificadores funcionais. Haider (2004), por exemplo, ao propor que os efeitos de *edge*³² são um contra-argumento à teoria de Cinque, chega mesmo a dizer (cf. Haider, 2004, p. 784, nota 6):

O efeito de *edge* pode facilmente ser testado com advs de freqüência. Uma vez que esses advérbios pertencem ao conjunto central de advérbios para os quais a teoria dos especificadores tem sido proposta, o problema é um *puzzle* genuíno à teoria dos especificadores funcionais.

Tratar dos advs aspectuais habituais, que integram o paradigma dos quantificadores para os quais a teoria da *location-in-Spec* tem sido proposta, valendo-se da própria teoria, significa, para nós, participar das discussões que esses AdvPs específicos têm gerado.

3 – Contigüidade dos AdvPs aspectuais habituais com os AdvPs modalizadores

Outra razão importante para a assunção da teoria dos especificadores funcionais tem motivação interna à arquitetura da própria teoria: na “árvore de Cinque”, os AdvPs habituais seguem os outros modalizadores (modalizadores aléticos de possibilidade). Há, portanto, a questão da contigüidade: exatamente onde termina a “zona dos modalizadores” e inicia-se a “zona dos aspectuais”, posicionam-se os AdvPs aspectuais habituais (cf. excerto da árvore de Cinque, a seguir):

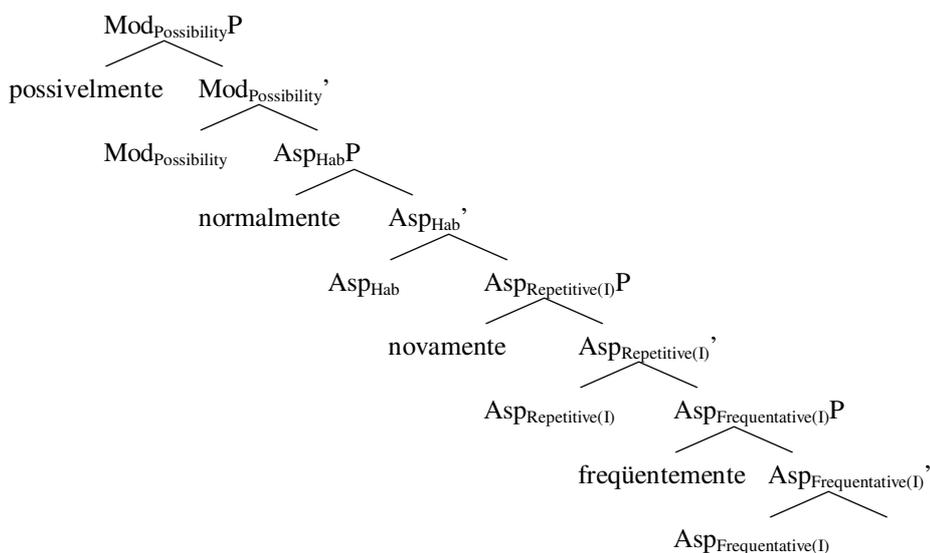


Figura 4: O posicionamento do XP Aspecto Habitual

³² Segundo Haider (2000, 2004), o efeito *edge* é o reflexo de uma restrição contra materiais pós-núcleo em um XP que funciona como um constituinte adverbial pré-verbal. Assim, sentenças em inglês do tipo de:

(i) He has [(much more) carefully (* than anyone else)] analyzed it.

(Ele tinha [(muito mais) *cuidadosamente* (do que qualquer um outro) analisado isso].

são bloqueadas. Haider critica a proposta dos especificadores funcionais, pelo fato de o *edge effect* ser incompatível, segundo este autor, com ela (as posições de Spec são posições para XPs completos).

Na teoria dos especificadores funcionais, segue naturalmente que os habituais estão de alguma forma conectados com os modalizadores propriamente ditos da literatura lingüística. Teorias de adjunção poderiam encontrar alguma dificuldade para explicar esse particular, por não assumirem uma cascata de XPs funcionais na oração. Embora os teóricos da adjunção reivindicuem para si a elegância teórico-descritiva, a teoria com que trabalham não trata de ordenação de AdvPs em termos de hierarquia. Nesse sentido, a contigüidade entre os AdvPs modais aléticos de possibilidade (*possivelmente*) e os AdvPs habituais não faz parte do arcabouço teórico do *framework* por eles utilizado. Mais uma razão para se assumir Cinque (1999).

5. Teorias de adjunção

Trabalhos tradicionais sobre os AdvPs na teoria gerativa têm considerado que esses itens seriam introduzidos na estrutura X-barrá através da adjunção (cf. Jackendoff, 1972). Análises mais modernas sobre adjunção adverbial (cf. Ernst, 2004, 2007; Haider, 2000, 2004; Costa, 1997; 2004) têm sido elaboradas como resposta contra a teoria dos especificadores funcionais. A maioria desses trabalhos tem pregado uma volta à análise tradicional dos AdvPs como adjuntos e argumenta que a ordem entre os advs pode ser explicada via relações de escopo semântico (um problema da interface com o sistema conceptual-intencional). A sintaxe dos AdvPs poderia ser simplificada pela adjunção a qualquer categoria. Teorias de adjunção como a de Ernst (2004, 2007) e Haider (2000, 2004) propõem que o posicionamento e restrições na ordenação de AdvPs derivam de princípios de escopo semântico.

Segundo a teoria da adjunção, os adjuntos diferem estruturalmente dos complementos porque não estão em uma relação de irmandade com o núcleo X, mas com uma estrutura intermediária X' (ou mesmo com a projeção XP, a depender da abordagem escolhida: se AdvP se adjunge a X' ou a XP)³³.

Há ainda outras diferenças entre as teorias de adjunção particulares. Uma delas tem a ver com o lado em que o adv pode ser adjungido. Segundo a teoria de Kayne (1994), a adjunção à direita seria bloqueada.³⁴ Na esteira deste autor, Costa (1997, 2004) e Haider

³³ Chomsky (1986, p. 6) assume na teoria X-barrá que a adjunção é feita a XP.

³⁴ Nesse ponto, a teoria dos especificadores funcionais explica melhor os fatos, já pelo fato de os advs serem concatenados à esquerda em Spec, em consonância com a proposta de Kayne (1994), segundo o qual adjuntos/especificadores – a diferença, de fato, é neutralizada – se ramificam à esquerda. Mesmo Costa (2004, p. 714) reconhece que a teoria dos especificadores funcionais, em relação a esse particular, não apresenta problemas em relação à direção da ramificação.

(2000, 2004) propõem a adjunção à esquerda (cf. (48a)). Ernst (2002) reconhece, contra Kayne, que AdvPs podem ser adjungidos quer à direita (cf. (48b)), quer à esquerda.

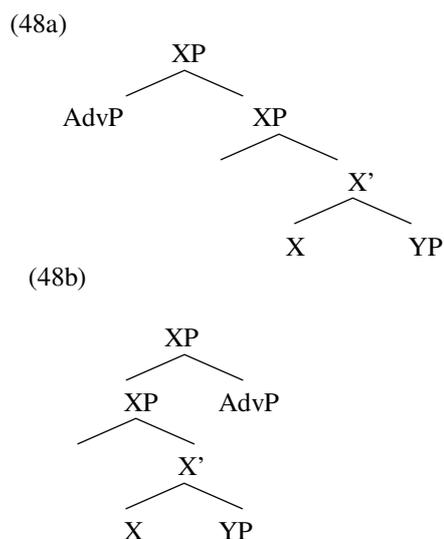


Figura 10 – ‘O lado da adjunção’

Em relação às propostas teóricas particulares, a proposta de Ernst (2002, 2004; 2007), por exemplo, é uma proposta semântica para a distribuição dos advs na sentença, por propor a existência de quatro módulos que interagem entre si, para dar conta do posicionamento de AdvPs. Os advs são adjungidos na sintaxe, mas a sua distribuição se explica pela entrada lexical do item e por um sistema de interpretação semântica composicional. Os módulos, resumidamente descritos na seqüência, filtram as posições ilícitas:

- (i) a semântica lexical dos advs individuais (i.e., as especificações individuais para advs particulares, indicando o tipo do objeto semântico que o adv toma por escopo: se ato de fala, proposição, evento, etc.);
- (ii) um sistema de regras semânticas composicionais (esse sistema é um conjunto de regras que toma o evento básico e constrói camadas de tipos de evento e tipos de proposição até que a representação para a proposição como um todo esteja completa);
- (iii) teoria do peso (a ordenação de certos constituintes adverbiais levaria em consideração o seu ‘peso’(fonético));
- (iv) princípios de direcionalidade (princípios sintáticos governariam a direção da construção da estrutura frasal).

É cara à teoria da adjunção proposta por Ernst (2002) a atuação de princípios semânticos nos fatos da ordenação adverbial. A preferência na descrição do posicionamento, escopo e interpretação dos advs vai da Semântica à Sintaxe, essa última aparentemente não tendo qualquer função nos fatos da distribuição adverbial:

O objeto formado pela combinação do advérbio e seu argumento é também de um tipo semântico particular e itens funcionais da oração, tais como modais, núcleos aspectuais e negação têm condições similares. Quando acontece a composição semântica, todas estas condições léxico-semânticas devem ser preenchidas para que uma sentença seja gramatical. Que este mecanismo por si mesmo dê conta da grande maioria dos fatos da distribuição dos adjuntos é a grande tese deste livro. Já que *as condições semânticas de um dado adjunto são requisitadas independentemente da sintaxe, tal abordagem permite eliminar muitas das maquinarias sintáticas* que têm sido freqüentemente propostas para eles. (Ernst, 2002, p. 42, grifos nossos)

Em Ernst (2002) a semântica claramente é superior (e independente de) à sintaxe nos fatos da distribuição.³⁵ Os advs são caracterizados por propriedades de seleção semântica; a classificação dos itens leva em conta o tipo semântico do argumento que tomam por escopo: ato de fala, fatos, proposições, eventos.

A teoria de Ernst (2002, 2004, 2007) como um todo parece ser coerente em relação ao que o autor se propõe a fazer: explicar os fatos da distribuição adverbial à luz de princípios semânticos. Para Potsdam (2003, p. 597), o fato de a proposta teórica de Ernst (2002) ter implicações a muitos domínios da linguagem e aplicabilidade a línguas de diversos tipos é um “testamento de sua coerência.” Diante, entretanto, dos resultados de trabalhos realizados no âmbito da teoria dos especificadores funcionais (de natureza fortemente sintática) fica uma dúvida: qual seria, então, o lugar da sintaxe nos fatos da distribuição adverbial?

Para Costa (1997), se o analista levar em consideração a interação entre significado e distribuição de AdvPs, algumas das opcionalidades tradicionalmente assumidas como existentes na sintaxe adverbial poderiam ser explicadas e reduzidas.

Costa (1997, 2004) preocupa-se em capturar a “livre distribuição de AdvPs”, levando em conta interpretações diversas e informação prosódica. Para uma Sintaxe precisa dos AdvPs não se pode desconsiderar, propõe Costa (1997, p. 110; 2004, p. 712), informações interpretativas; antes, deve-se considerar ambos: distribuição e interpretação: “A principal idéia é o fato de que, para uma compreensão do comportamento e distribuição de AdvPs, deve-se levar em conta fatores lexicais, informação categorial, fatores semânticos e informação de fatores estruturais.” (Costa, 2004, p. 712)

AdvPs na sua entrada lexical trariam informações sobre significado, forma e estatuto categorial. Tais informações seriam ‘mapeadas’ na sintaxe, respeitando-se os domínios para modificação. No caso de advs de escopo ambíguo, não estando o seu significado especificado no léxico, é o posicionamento sintático que o derivará.

³⁵ Segundo Eric Potsdam – comunicação pessoal –, a questão da interface sintaxe-semântica na análise adverbial (e em que grau a sintaxe desenvolve o seu papel nas questões de posicionamento e escopo de advs) é uma questão empírica. Ernst (2002), na opinião de E. Potsdam, parece estar certo em relação à independência da semântica. Entretanto, há fatos, apontou-nos Potsdam, internos ou não à teoria de Ernst, em que ainda há uma sintaxe envolvida, de algum modo, por exemplo, a direção da adjunção (se à esquerda ou à direita) e o movimento de advs para posições topicalizadas.

A proposta de Costa (2004) é bem menos radical do que a de Ernst (2002, 2007) em relação ao papel da sintaxe nas questões de posicionamento do AdvP: enquanto na teoria deste último a Sintaxe teria nenhum ou quase nenhum efeito na distribuição de AdvPs, na teoria de Costa, a Sintaxe tem papel relevante, especialmente nos casos de advs ambíguos. Haider (2004) também entende a prioridade da semântica nos fatos dos adverbiais (a interpretação e a ordem relativa de adverbiais são determinadas semanticamente), mas defende, contudo, que a sintaxe oferece posições potenciais aos advs.

No âmbito da teoria da adjunção, há, pois, diferenças cruciais entre as propostas de seus teóricos.

6. Sumário

Neste capítulo, fizemos um breve resumo sobre as bases teóricas que sustentam a nossa pesquisa.

Iniciamos com uma discussão sobre as definições de modalização disponíveis na literatura, com apoio, principalmente, em Narrog (2005).

Na seção 2, introduzimos a categoria semântica *aspecto*. Em 2.1, tratamos das distinções aspectuais *aspecto habitual* e *aspecto iterativo/freqüentativo*. Segundo Comrie (1976, p. 27), essas duas noções devem ser diferenciadas, já que a segunda envolve uma “mera repetição de um evento”. Bhat (1999) diferencia o aspecto habitual do iterativo, tendo em vista o fato de que o primeiro é *indutivo* e o segundo *dedutivo*.

Na seção 3, fizemos um breve resumo do percurso da análise dos adverbiais na literatura gerativista. Iniciamos os comentários com a “Conversão da Transportabilidade”. Mencionamos o trabalho de Jackendoff (1972) que reconhece dois domínios para os AdvPs na oração: IP e VP (donde os rótulos AdvPs de IP e AdvPs de VP).

Na seção 4, fizemos uma explanação teórica da proposta dos especificadores funcionais, baseando-nos principalmente em Cinque (1999, 2004), enfoque assumido em nossa dissertação. Em Cinque (1999), propõe-se que os AdvPs sejam licenciados pelo núcleo da distinção funcional correspondente numa relação do tipo *spec/head agreement*, e sejam rigidamente ordenados pela UG. A assunção dos AdvPs em Spec se explicou pelo movimento do participio passado ativo em italiano, que se move de X^0 em X^0 , o que explica a existência de duas posições disponíveis: uma à direita e outra à esquerda, que segundo Cinque são as posições dos advs.

Ao final da seção, apresentamos as razões principais da nossa assunção de Cinque (1999): a) *poder explicativo da proposta*; b) *a natureza dos AdvPs aspectuais*; e c) *a contigüidade dos AdvPs aspectuais habituais com os AdvPs modalizadores*.

Na seção 5, apresentamos sucintamente a proposta da adjunção, pela sua importância nos enfoques gerativistas sobre adv. Mencionamos Ernst (2002, 2007), de orientação mais semântica, e Costa (2004), que oferece um tratamento sintático-semântico para os advs.

CAPÍTULO III – POSIÇÕES PARA ADVÉRBIOS SENTENCIAIS

“E pur si muove!” (Galileo Galilei)

Um dos objetivos deste capítulo é fazer uma revisão da teoria dos especificadores funcionais de Cinque (1999, 2004), no que diz respeito à distribuição de AdvPs altos na sentença.

Cinque (1999, p. 4 et seq.) classifica os advs em relação aos domínios da sentença que tomam por escopo em AdvPs altos e AdvPs baixos. Os espaços são definidos com base no movimento do particípio passado ativo em italiano. Os advs de aspecto habitual são arrolados no grupo dos AdvPs baixos (pré-VP), que incluem ‘già’, ‘più’, ‘sempre’, ‘completamente’, ‘tutto’ e ‘bene’ (respectivamente, em português, ‘já’, ‘mais’, ‘sempre’, ‘completamente’, ‘tudo’ e ‘bem’). O problema de tomar como base o movimento do particípio passado é a inclusão dos advs habituais no grupo dos advs ‘baixos’. AdvPs habituais apresentam, todavia, propriedades sintáticas que os aproximam dos advs que Cinque considera como sentenciais: reagem à presença de um outro adv modalizador de descomprometimento, se posicionados ambos na zona pré-vP, i.e., no espaço IP.

O objetivo principal do capítulo é, pois, oferecer uma análise alternativa à de Cinque, valendo-se de testes disponíveis na literatura para o reconhecimento do estatuto sintático de um AdvP (se sentencial ou de VP). Evidência adicional para o reconhecimento dos advs habituais como AdvPs altos procede do valor inerentemente modalizador desses itens, o que os impossibilita de aparecerem no IP estendido ao lado de outros advs que compartilham o traço [μ].

A importância da análise que aqui se propõe é crucial não apenas para se entender o comportamento dos AdvPs habituais à esquerda de vP; antes, deverá contribuir para uma compreensão mais adequada da teoria dos especificadores funcionais, no que diz respeito à classificação de AdvPs em relação à distribuição na sentença.

0. Introdução

A classificação AdvPs altos e AdvPs baixos teria antecedentes em Jackendoff (1972), segundo o qual os domínios de atuação de adverbais seriam o espaço IP (AdvPs de IP ou ‘altos’) e o espaço VP (AdvPs de VP ou ‘baixos’). Na Semântica, Thomason & Stalnaker (1973) propuseram que esses domínios correspondem respectivamente às noções *operadores de sentença* e *operadores de predicado* (donde o binômio AdvPs sentenciais/AdvPs de predicado).

Cinque (1999), ao propor uma hierarquia rígida e fixa de AdvPs na sentença, utiliza como critério (sintático) para o reconhecimento do estatuto do AdvP o movimento do particípio passado ativo entremeando a hierarquia de advs (fixos na estrutura). Seriam baixos (pré-VP) os AdvPs que ocorrem em italiano na porção mais baixa da oração, no espaço delimitado à esquerda pela posição que o particípio passado (ativo) pode ocupar e, à direita, pela posição do complemento do particípio passado.

Por tomar como base tal critério, Cinque inclui nesse grupo de AdvPs (pré-VP baixos) os advs habituais, excluindo-os do grupo dos AdvPs sentenciais:

- (1) *Italiano* (Cinque, 1999, p. 4)
Alle due, Gianni non *ha solitamente* mica mangiato, ancora.
(Às duas, o G. normalmente não almoçou, ainda)

A inclusão dos AdvPs aspectuais habituais no grupo dos advs baixos precisaria, entretanto, ser revista: uma vez que propomos nesta dissertação, que os AdvPs habituais atuam como modalizadores de descomprometimento, como explicar a agramaticalidade das sentenças envolvendo esses advs e os AdvPs reconhecidamente modalizadores pela literatura do assunto (e que também expressam descomprometimento), se ambos se posicionam em IP, no espaço dedicado pela UG aos advs que tomam por escopo a sentença? Esse vai ser um dos pontos centrais discutidos neste capítulo.

1. AdvPs de aspecto habitual como AdvPs de sentença

Embora Cinque (1999, p. 11) exclua os aspectuais habituais (*di solito, solitamente*, no italiano) do paradigma dos AdvPs sentenciais, o fato de esses advs reagirem à presença de AdvPs reconhecidamente modalizadores (*probabilmente, forse, possibilmente*) – aqui tratados como modalizadores de descomprometimento, ou modalizadores μ , cf. capítulo IV, seção 1.3) –, quando alocados ambos à esquerda de vP, nos faz questionar a extensão dessa classificação cinqueniana. Há fatos interessantes de se observar aqui:

- (i) advs de descomprometimento atuam como modalizadores na zona esquerda da sentença (espaço IP). Uma evidência para esse postulado provém do nosso teste (cf. capítulo IV, seção 2), em que colocamos AdvPs que seriam do mesmo tipo na zona esquerda de vP, tendo, como resultado, um adv reagindo à presença de outro;
- (ii) se um AdvP modalizador posiciona-se à esquerda de vP e um item com forma (fonética) semelhante a um AdvP (alto) modalizador qualquer está posicionado à direita de vP, não há problemas, nas línguas SVO, com a gramaticalidade da sentença. Nesse sentido, o item à direita não é adv de sentença: estamos assumindo, com Cinque (1999, p. 30 *et seq.*), que o adverbial atua como *focalizador não inerente*, no formato X^0 , a exemplo das partículas

focalizadoras de Bayer (1995), tendo como complemento o constituinte escopado (cf. ocorrência a seguir):

- (2) Probabilmente gli uomini primitivi [_{VP} [_V [_V cacciavano [_{FocP} [_{Foc} [_{Foc} *normalmente* [_{PP} di mattina.]]]]]]]] (G. Cinque, com. pessoal)

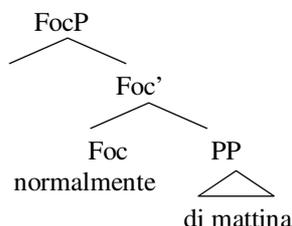


Figura 11: FocP “normalmente di mattina”

- (iii) se os AdvPs modalizadores ‘tradicionais’ (*probabilmente/provavelmente, forse/talvez, possibilmente/possivelmente*) reagem entre si quando altos, i.e., se ambos se posicionam em IP (cf. (3-6)), a agramaticalidade de sentenças do tipo de (7), em que temos dois advs modalizadores (um deles um aspectual habitual) (cf. cap. IV) concorrendo no espaço dos AdvPs sentenciais, é uma evidência, *contra* Cinque (1999), de que *normalmente, solitamente* e outros AdvPs aspectuais habituais são de fato sentenciais.

Italiano

- (3) * Probabilmente i brasiliani forse sono buoni giocatori.
(Provavelmente os brasileiros talvez são/sejam bons jogadores)
- (4) * Probabilmente i brasiliani possibilmente sono buoni giocatori.
(Provavelmente os brasileiros possivelmente são bons jogadores.)
- (5) * Forse i brasiliani possibilmente sono buoni giocatori.
- (6) * Possibilmente i brasiliani forse sono buoni giocatori.
- (7) ?? Probabilmente gli uomini primitivi normalmente cacciavano di mattina. (G. Cinque, com. pessoal)
(Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã.

Na literatura do assunto, são freqüentes os testes fornecidos para o reconhecimento do estatuto sintático do item (se adv de sentença, AdvP de IP, ou adv de predicado, AdvP de VP). Em seu trabalho, Müller de Oliveira (1993) testa a validade de alguns desses critérios propostos pela literatura. O autor mostrou que os advs de sentença apresentam uma variação muito grande, conforme a categoria semântica a que pertencem e propôs um ‘refinamento’ dos testes propostos pela literatura, a fim de assinalar os testes (1, 2 e 3) que, segundo ele, capturam melhor o estatuto sintático dos advs reconhecidos como ‘sentenciais’. Vamos tomar a ocorrência (8), a seguir, para aplicar os testes 1, 2 e 3 de Müller de Oliveira.

- (8) Problemas de sintaxe adverbial francamente se resolvem na Sintaxe.

1. É impossível negar um adv de sentença (um adv de sentença não pode ser o foco da negação):

(8a) * Problemas de sintaxe adverbial não francamente se resolvem na Sintaxe.

2. Um adv de sentença não pode ser o foco de uma sentença clivada (“É *adv de sentença* que...”)

(8b) * é francamente que problemas de sintaxe adverbial se resolvem na Sintaxe...

3. é impossível estabelecer uma relação de coordenação entre a proposição e o adv de sentença:

(8c) * Problemas de sintaxe adverbial se resolvem na Sintaxe e francamente.

Assim, aplicando os testes dos advs de sentença (Müller de Oliveira, *op. cit.*) aos AdvPs $Asp_{habitual}$ – tomamos a ocorrência (9) para a testagem –, temos os resultados:

- (9) Normalmente, o Brasil pára para ver os jogos da Copa.
(9) a. * O Brasil não normalmente pára para ver os jogos da Copa...
b. ? é normalmente que o Brasil pára para ver os jogos da Copa...
c. * O Brasil pára para ver os jogos da Copa e normalmente.

Como se vê, em todos os testes os resultados foram reagentes, de modo que teríamos mais uma outra evidência a favor da leitura dos AdvPs $Asp_{habitual}$ como sentenciais.

2. A distribuição dos advérbios altos no espaço IP

Diante dos dados apresentados na seção anterior – e dos dados discutidos a seguir, nesta seção –, parece-nos plausível sugerir que os *slots* disponibilizados pela UG para serem ocupados por AdvPs sentenciais são a zona pré-vP, ou seja, a parte esquerda da sentença, no espaço IP. Na árvore ‘simplificada’ de Cinque (1999), a seguir, XP_1 - XP_2 representa o espaço de IP, em que o autor incluiu 32 XPs de natureza funcional – além das projeções ‘tradicionais’ do espaço IP (AgrP, TP, etc.). É nesse espaço que um AdvP pode atuar como sentencial. Fica claro, portanto, que o domínio de um AdvP sentencial é o espaço IP, ou seja, ‘até vP’:

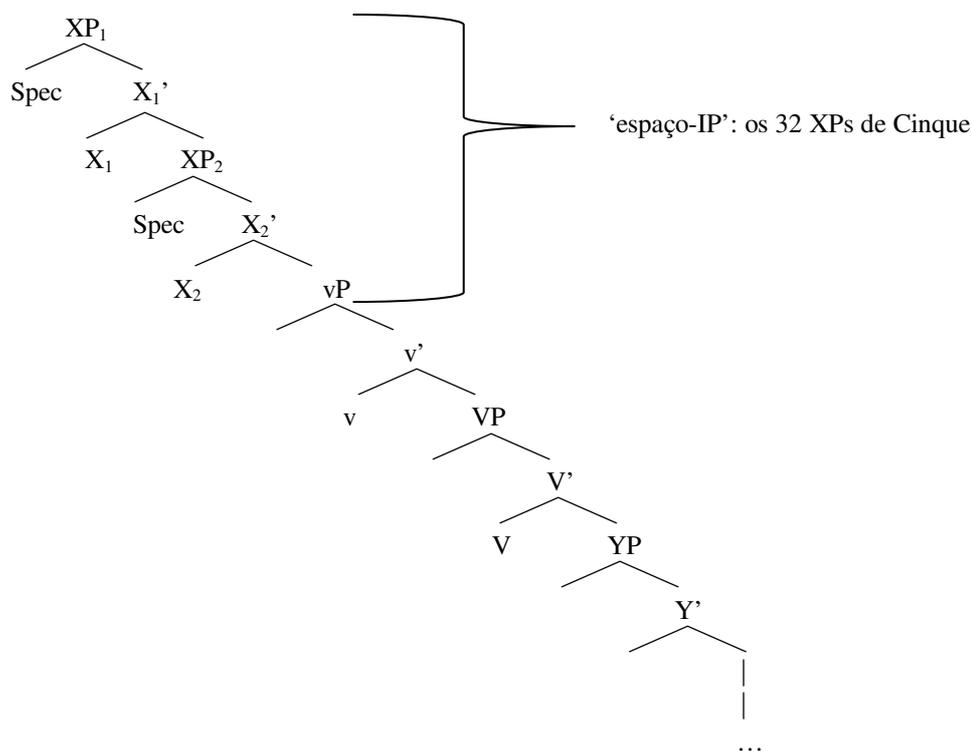


Figura12: Slots na árvore para a atuação de AdvPs sentenciais

Com os testes de que nos valem aqui, entretanto, ainda parece ser uma tarefa difícil determinar com precisão em qual posição advs altos seriam gerados na base, pois sentenças do tipo de (10) são equivalentes, em termos de interpretação, a ocorrências do tipo (10a) e (10b):

- (10) Provavelmente/normalmente/talvez, os trabalhos dos especificadores funcionais vão desconsiderar princípios de interpretação semântica.
- (10a) Os trabalhos dos especificadores funcionais provavelmente/normalmente/talvez vão desconsiderar princípios de interpretação semântica.
- (10b) Os trabalhos dos especificadores funcionais vão provavelmente/normalmente/talvez desconsiderar princípios de interpretação semântica.

Na esteira de Cinque (1999), seria mais natural supor que os advs seriam gerados na posição em que aparecem em (10) e que haveria o movimento de outros constituintes pré-vP por sobre o AdvP, para dar conta das ordens (10a-b). Mas o que motivaria o movimento? Assumindo-se os desenvolvimentos recentes em sintaxe, não se pode postular movimento sem motivações (Chomsky, 1995). Nesse sentido, que motivações independentes explicariam o movimento de constituintes por sobre o AdvP para dar conta das ordens possíveis (10, 10a-b), em que contamos com o mesmo AdvP e não há diferenças na interpretação dos itens?

Bhatia (s.d., *online*), trabalhando com dados do hindi, agrupa os advs da hierarquia universal em cinco subclasses nessa língua, de acordo com a posição que assumem na estrutura da oração. Haveria posições para o DP-sujeito entremeiando as posições dedicadas

aos AdvPs. O movimento do sujeito às posições A-relacionadas seria licenciado, segundo Bhatia, “por razões discursivas”, provavelmente devido a processos de focalização. Bhatia não avança, porém, na discussão, deixando o problema para trabalhos futuros.

Se fizermos uma conexão dos fatos do hindi com os dados de (10, 10a, 10b), poderíamos tentativamente sugerir que o movimento do Sujeito e constituintes pré-VP por sobre o AdvP seria também motivado por razões discursivas. Poderíamos até mesmo avançar um pouco para além das intuições de Bhatia:

(1) um AdvP alto, consoante as observações feitas acima sobre as sentenças (10), (10a) e (10b), parece não apresentar variação na interpretação se posicionado no espaço pré-vP (ou seja, se alocado nas posições que a UG aparentemente teria disponibilizado aos AdvPs sentenciais: posição inicial da sentença, posição imediatamente depois do Sujeito, posição(ões) entre o Sujeito e vP);

(2) AdvPs altos podem ser reaproveitados à direita de vP como focalizadores.³⁶ Poderíamos – e parece-nos teoricamente correto – considerar os focalizadores não inerentes do tipo de *provavelmente*, *normalmente*, *talvez*, *necessariamente*, *possivelmente*, etc. como ‘homófonos’ de AdvPs altos;

(3) associar AdvPs à função de modificação não é uma idéia surgida no âmbito da Gramática Gerativa; mesmo os trabalhos prescritivos dos gramáticos tradicionais (Barbosa, 1881, p. ex.) associam os advs a uma função modificadora; o binômio adv/escopo parece ser inseparável em qualquer trabalho sobre o fenômeno, seja ele meramente descritivo, seja ele de cunho teórico-explanatório;

(4) (i) se as razões por nós apresentadas para justificar a validade de (1) e (2) acima forem fidedignas, (ii) se a intuição de Bhatia sobre o movimento de DPs-sujeito nos espaços que entremeiam a hierarquia de AdvPs altos no hindi por razões de foco estiverem corretas e (iii) se a função de modificação se estende à classe dos advs como um todo – como diversos trabalhos têm sugerido –, não seria incoerente propor, ainda que tentativamente, que os problemas (1), (2) e (3) guardariam entre si uma relação importante e fundamental, que resumiria a função daquilo que diferentes teorias lingüísticas têm reconhecido ser a função adverbial: a de modificação, a de tomar um constituinte/uma sentença por escopo.

³⁶ Sobre o aproveitamento do AdvP como focalizador à direita de vP, cf. o par de sentenças:

- (i) Ilse estuda *provavelmente* o francês. (não o italiano)
- (ii) Rosana dedica seus poemas *presumivelmente* a Evandro. (não a Vitor)

Nessas duas ocorrências, há o aproveitamento de *provavelmente* e *presumivelmente* – advs epistêmicos – como focalizadores. A interpretação é a de *foco contrastivo*. Cinque (1999) associa o posicionamento de um adverbial (homônimo de um adv alto) à direita de vP ao aproveitamento desse item como focalizador não inerente.

Nesse sentido, parece-nos natural sugerir que, dado o fato de os advérbios homófonos (dos altos) focalizadores serem reaproveitados para escoparem constituintes à direita de vP – induzindo a leituras de *foco contrastivo* –, os AdvPs altos correspondentes poderiam de alguma forma reproduzir essa função focalizadora. Assim, o movimento do Sujeito e constituintes pré-vP por sobre AdvPs altos, como no caso de (10a,b), seria motivado por razões propriamente de foco, sendo essa uma função de advérbios, seguindo a linha de raciocínio apresentada em (1), (2) e (3), acima.

A assunção de (1), (2) e (3) que nos permitiria propor (4) – o Sujeito se alça por sobre um AdvP alto justamente por razões de foco, sendo escopar/focalizar uma função primária de AdvPs – daria conta de preservar a abordagem dos especificadores funcionais de Cinque (1999), no sentido de ficarmos, portanto, quites com a teoria, quando esta propõe que diferentes interpretações de um dado AdvP sugerem diferentes núcleos que licenciem cada uma dessas instâncias em Spec.

À parte esse problema – que ainda merece um tratamento especial em trabalhos futuros, por fugir parcialmente ao escopo de nossa pesquisa –, é possível, entretanto, determinar os *slots* de atuação de AdvPs altos na sentença. Esses itens atuam no espaço pré-vP. Não podemos contar com dois AdvPs modalizadores na zona esquerda da sentença (como ficará claro no capítulo a seguir), o que, juntamente com os testes de Müller de Oliveira (1993), nos sugere que os advs habituais são de fato sentenciais (*contra* Cinque, 1999).

Casos em que os advs de sentença parecem se internar no espaço de VP não trazem problemas à hipótese que lançamos no início da pesquisa sobre os modalizadores. Segundo os nossos dados, internando-se na sentença, o homófono do “adv alto” já não seria um AdvP, mas uma partícula focalizadora, posto não se realizar no formato Spec, mas no formato nuclear. Em Cinque, AdvPs genuínos são Specs de núcleos funcionais. Considerando-se esse ponto, temos mais uma razão para não mais considerar itens à direita de vP como AdvPs sentenciais: são, na realidade, advérbios de constituinte, na nomenclatura tradicional (Quirk et al., 1972, 1985; Ilari et al., 1990), ou advérbios focalizadores, em Cinque (1999).

3. Slots para atuação de AdvPs sentenciais: evidências a partir de dados translingüísticos

Nesta seção, valemo-nos de dados translingüísticos para mostrar que a nossa argumentação, válida para as línguas românicas (cf. seções 1 e 2), de que AdvPs altos atuam no espaço à esquerda de vP, parece ter validade universal. O ‘esqueleto da oração’, disponibilizado primitivamente pela UG, parece contar, em sua arquitetura, com *slots* para a

atuação de advs sentenciais. Esses *slots* parecem ser fixos, mesmo levando-se em comparação a sintaxe de diferentes línguas. Os encaminhamentos desta seção 3 – se a nossa argumentação, baseada em nossa intuição prévia sobre dados do PB e na observação de dados de línguas diversas, estiver correta – deverão servir de apoio à validade da nossa hipótese sobre os AdvPs de traço modalizador (cf. traço [μ], capítulo IV, seções 1.3 e 2), além de servirem como revisão da teoria dos especificadores funcionais tal qual proposta em Cinque (1999).

Embora a literatura lingüística – formalista ou não – conte com diversos trabalhos sobre AdvPs sentenciais, há uma certa incompreensão do que se deva considerar ou não como adv de sentença. A confusão parece ser em parte gerada pelo fato de termos homofonia em muitas línguas – como as línguas românicas, o inglês, dentre outras – nas formas de AdvPs altos propriamente ditos e partículas focalizadoras que atuam à direita de vP. Mesmo em Cinque (1999) parte dos dados de que o autor se vale contam com ocorrências em que um dos dois advs, por ele considerados altos, é, na realidade, um adv baixo, ou mesmo um adverbial – no sentido de já não atuar como sentencial, mas como focalizador de constituintes oracionais.

Se essa aparente confusão tem por um lado ajudado Cinque a propor a ordenação hierárquica dos seus AdvPs especificadores, tem, por outro lado, permitido que uma série de autores dedicassem discussões e mais discussões tendo em vista dados de línguas diversas, não tratadas por Cinque, para mostrar que as relações hierárquicas definidas pelo componente computacional da UG estariam sujeitas a *princípios semânticos*, contrariamente à proposta do autor, segundo a qual a hierarquia universal de projeções funcionais da oração é derivada primitivamente pelo componente sintático. Muitos desses trabalhos também falham por desconsiderarem critérios para se interpretar um adverbial como sentencial ou como focalizador. Nesse sentido, as críticas que fazem a Cinque (1999) são também inválidas. Visando a contribuir com uma visão mais adequada dos *slots* que advs de sentença podem ocupar, essa seção vale-se de dados translingüísticos – envolvendo ou não AdvPs modalizadores –.

No capítulo IV, vamos introduzir uma *condição* do C_{HL} , proposta por nós, a “condição τ ”.³⁷ Segundo essa condição, sentenças do tipo de (11-14) são agramaticais,³⁸ por apresentarem mais de um AdvP modalizador no espaço pré-vP, o ‘domínio’ em questão:

- (11) *Chinês*
 ??dagai, Baxiren keneng shi hao ren.

³⁷ Cf., no próximo capítulo, na seção 1.2.2, a explanação formal dessa condição, que bloqueia ocorrências com traços funcionais (de categorias de mesma natureza Spec-Spec ou X^0 - X^0), se repetidos em um dado domínio (CP, IP ou DP estendidos).

³⁸ No capítulo IV, explicitaremos com vagar essa argumentação. Vamo-nos ater, agora, ao que essencialmente diz respeito à argumentação deste capítulo, i.e., à existência de *slots* para a atuação de advs altos. Nesse sentido, apresentamos apenas *intuitivamente* a condição τ .

- provavelmente brasileiros possivelmente SER boa pessoa.
 (Provavelmente os brasileiros possivelmente são pessoas boas)
- (12) * Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã.
- (13) *Bósnio/servo-croata*
 ? *Vjerovatno on obično navraća u moju kancelariju.*
 Provavelmente ele normalmente vem ao meu escritório.
 (Provavelmente ele normalmente vem ao meu escritório)
- (14) *Coreano*
 * *Amado* *wonsiin-eun* *ilbangeok-euro*
 provavelmente homem primitivo: NOM normalmente
achime sanhang ha kon haet-et-da
 manhã- LOC caça-ACC AspHab fazer-PASS
 (Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã)

Nessas ocorrências, os advs modalizadores de descomprometimento competem para a expressão da modalidade, o que justifica a agramaticalidade das sentenças em que co-ocorrem. Esses AdvPs alocam-se no espaço à direita de vP, zona em que advs altos atuam como sentenciais. Para (11-14) serem consideradas gramaticais, um dos dois advs (modalizadores de descomprometimento) deveria ser ‘não-modalizador de descomprometimento’, atuando como focalizador, por exemplo, ou como adv aspectual não-habitual (não-modalizador, portanto).

Em relação a (15), a seguir, a criação de um contexto para essa ocorrência levaria à sua gramaticalidade:

- (15) (Na aula de história)
Cristina (aluna): – Dona Cidinha, eu perdi a aula passada. Daí, eu peguei o caderno da Jânia e copieei a matéria. Mas eu não entendi muito bem a parte que a senhora explicou sobre a caça no Período Neolítico. Os homens das cavernas sempre caçavam os animais durante a manhã?
Dona Cidinha (professora): – Ah, tá, Cristina. Eu disse que *provavelmente eles normalmente caçavam de manhã*. Pode ser que às vezes eles caçassem em um outro horário.

Nesse caso, a sentença “provavelmente eles normalmente caçavam de manhã”, na resposta da professora, é considerada gramatical, já pela criação de um contexto em que o adv *normalmente* licencia apenas a leitura aspectual (frequêntativa – cf. capítulo IV, seção 3.4), o que não o faz reagir com o adv modalizador *provavelmente*.

Embora estejam os dois advs à esquerda de vP, a gramaticalidade da ocorrência se explica pelo fato de o domínio desses advs não ser o mesmo: *provavelmente* escopa a seqüência que inclui *normalmente*. *Normalmente* escopa a seqüência que não inclui *provavelmente*. (16), em LF, é apresentada a seguir:

- (16) (simplificada)
 (LF) [[Mod_{Epist}P *provavelmente* [AspP *normalmente* [_{IP} *eles caçavam de manhã*]]].

Não, há, portanto, competição pelo argumento que os operadores adverbiais escopam. A sentença soa gramatical.

A diferença entre (15), representada em (16), e (11-14) tem a ver com o fato de os advs de (11-14) concorrerem pela expressão da modalidade de descomprometimento: embora estejam alocados em Specs de XPs distintos no domínio IP, os advs dessas sentenças apresentam em comum um traço de modalização de descomprometimento, o traço $[\mu]$ – cf. capítulo IV, seção 1.3 –, e se alocam no mesmo domínio, o IP; competem, portanto, pelo mesmo argumento, o que não acontece com (15), em que o adv *normalmente* não compartilha traços com o adv *provavelmente*.

A mesma observação vale para as ocorrências a seguir ((17) e seguintes). Os advs são considerados altos, no sentido de Cinque. Mas não tomam por escopo a mesma seqüência:

$$(17) \quad (\text{LF}) \quad [_{\text{XP}\alpha} \text{AdvP}_\alpha [_{\text{XP}\beta} \text{AdvP}_\beta [p]]]$$

Em (17), ambos os AdvPs são advs altos, no sentido de Cinque (1999). O primeiro deles, o AdvP_α toma por escopo o complexo formado por $\text{AdvP}_\beta + p$ (em que $p =$ proposição). AdvP_β , por seu turno, escopa p , ou seja, a proposição. Naturalmente, $\text{AdvP}_\alpha > \text{AdvP}_\beta$, já que a sentença é gramatical e AdvP_α precede AdvP_β . Esse padrão explica a gramaticalidade das ocorrências a seguir, que apresenta dois advs altos (ou, em outros termos, dois advs sentenciais). Deve ficar claro, entretanto, que, embora os dois sejam chamados de sentenciais, o escopo do adv mais alto inclui o adv sentencial por ele c-comandado. Agramaticalidades decorrem de concorrências de dois AdvPs pela mesma posição de Spec (caso de advs de mesma classe) ou de AdvPs que portam traços em comum, no espaço do IP estendido (casos de 11-14).

Ocorrências que seguem o padrão de (17) são representadas a seguir:

- (18) *Bósnio/servo-croata* (Cinque, 1999, p. 36).
Iskreno, ja nažalost imam jako loše mišljenje o vama.
(Francamente, eu infelizmente tenho uma opinião muito ruim sobre você.)
- (19) *Sueco* (Beijer, *online*, p. 3)
Hon har tyvärr troligen
Ela AUX-PERF-PRES infelizmente provavelmente
tidigare varit brottsling.
cedo ser-PERF criminosa.
(Ela tem honestamente, infelizmente, dizem, provavelmente estado sendo uma criminosa (desde) cedo)
- (20) *Húngaro* (Eva, 1999, p. 14)
Sajnos állítólag (akkor) talán akkor meg
Infelizmente (então) “allegedly” then PART
fogja magát gondolni.
FUT-3s ele mesmo-3s-ACC mudar mente
(Infelizmente, dizem, ele vai talvez então mudar de opinião.)
- (21) *Japonês*
Tabun, buraziru-zin-wa, hutuu ii
provavelmente brasil-pessoa-TOP normalmente bo
hito-daroo.

- homem-DAROO³⁹
(Provavelmente os brasileiros normalmente são pessoas boas)
- (22) *Chinês*
Baxiren keneng changchan shi hao ren.
 brasileiros possivelmente freqüentemente SER boa pessoa
 (Os brasileiros possivelmente freqüentemente são boas pessoas)
- (23) *Chinês*
Tongchang, yuanchi ren changchang
 geralmente primitive pessoa freqüentemente
zai zaoshang dalie
 em manhã caçar
 (Geralmente os homens primitivos freqüentemente caçavam de manhã)
- (24) *Grego*
 I computers pithanos tha ihan
 Os computadores provavelmente FUT ter
 genikos anaptihthi horis kivernitiki voithia
 geralmente desenvolvido sem governo ajuda.
 (Provavelmente os computadores terão geralmente desenvolvido sem a ajuda do governo).
- (25) *Grego* (Alexiadou, 1997, p. 160)
 Eftihos, o Janis *phitanos tha figi.*
 Felizmente o-João-NOM provavelmente FUT ir-3SG.
 (Felizmente o João provavelmente irá)

A gramaticalidade de (18-25) não fica comprometida, porquanto os advs envolvidos em cada ocorrência não concorrem pela mesma posição. Antes, o primeiro toma a seqüência que contém o segundo por escopo; o segundo, a seqüência que contém o terceiro (no caso de (19), do sueco), e assim por diante. Esses advs são todos altos (sentenciais) nos termos de Cinque (1999). O espaço que eles ocupam nas sentenças é o espaço imediatamente antes de vP, i.e., o espaço do IP estendido. Nesse sentido, os dados corroboram as observações que fizemos acerca das ‘zonas de atuação de AdvPs altos’. Em relação a (21) e (24), pode causar estranhamento o fato de um adv habitual co-ocorrer com um adv modalizador. Mas, como ficará claro no capítulo IV, seção 3.4, há falantes que, muitas vezes instanciados por um contexto, como no caso da sentença (15), consideram o adv aspectual não mais um aspectual habitual, mas um aspectual de uma distinção c-comandada por Asp_{Hab}P (provavelmente um aspectual de freqüência, cf. cap. IV, seção 4.). Dados desse tipo não invalidam a nossa hipótese sobre os advs modalizadores, em especial a de que os advs de aspecto habitual são inerentemente modalizadores de descomprometimento.⁴⁰

Os dados a seguir são sentenças de uma série de línguas envolvendo um adv sentencial que se aloca na zona pré-vP.

³⁹ *Daroo*, em japonês, é um marcador epistêmico que concorda com o adv *tabun*.

⁴⁰ As observações apresentadas sobre a impossibilidade de dois advs de descomprometimento co-ocorrerem no espaço-IP, dado o fato de portarem um traço comum – o traço $[\mu]$, de modalização de descomprometimento (cf. capítulo IV, seção 1.3) –, podem ser estendidas a outros casos, em que advs apresentam traços funcionais semelhantes. Assim, advs aléticos de necessidade não podem co-ocorrer com advs aléticos de possibilidade em nenhuma ordem, se posicionados ambos no espaço IP, por apresentarem em comum o traço [+alético]. A seção 1.2.1 tratará de tais assimetrias na hierarquia de Cinque.

- (26) *Armênio* (Ramat & Ricca, 1998, p. 225)
Et'e Bubka-n errorđ angam tar-vi na džbaxtabar
 Se B. terceira vez perder-FUT:SUI:3SG ele infelizmente
vtar-v-aç k-lin-i.
 eliminar-PASS-RES:PART COND-ser-FUT:3SG
 (Se Bubka perder pela terceira vez nos 5,70m, ele poderá infelizmente ser eliminado).
- (27) *Pashto*
Amooman zaroo khalqo da sakhar shikar kawolwo
 Normalmente primitivo homens de manhã caçar-pass fazer
 (Normalmente, os homens primitivos caçavam de manhã.)
- (28) *Hebraico*
ha-primitivim be-deređ klal hayu
 Os primitivos geralmente aspecto habitual passado
tsadim ba-boker.
 caçar de manhã.
 (Os homens primitivos geralmente caçavam de manhã).
- (29) *Francês*
Normalement l'homme préhistorique chassait le matin.
 (Normalmente, o homem pré-histórico caçava de manhã).
- (30) *Russo* (Shields, 2005, p. 161)
On navernoē chasto otvechaet.
 Ele provavelmente freqüentemente responde
 (Ele responde provavelmente freqüentemente)

Embora tenhamos oferecido diversas ocorrências em que os advs envolvidos são indubitavelmente advs altos, na literatura do assunto tem havido uma aparente confusão no reconhecimento do que seria na realidade um AdvP alto. Muitas vezes homônimos de advs altos têm sido erroneamente classificados como sentenciais. Mesmo Cinque (1999), embora tenha criado uma teoria consistente sobre AdvPs (tanto que nos valemos dessa teoria), por vezes considera um adv como alto, quando na realidade tal AdvPs não é necessariamente alto:

- (31) *Italiano* (Cinque, 1999, p. 12)
Gianni sarà probabilmente forse ancora in grado di aiutarci.
 (O G. vai estar provavelmente talvez ainda em condições de nos ajudar)

Nessa ocorrência, *probabilmente* atua como modificador de *forse* (ocupa a posição de Spec de *forse*), o que pode explicar a aparente gramaticalidade da sentença, em Cinque (1999). Nossa informante julgou a ocorrência *agramatical*. De qualquer modo, *probabilmente* e *forse*, ainda que em contigüidade, se chocam por serem, ambos, modalizadores. Além disso, há o problema da contigüidade que pode explicar a aparente gramaticalidade da sentença. Cremos que aqui apenas *forse* atua como adv alto, propriamente dito; *probabilmente* atua como modificador de *forse*.

Dessa seção deve ficar claro, esperamos, que a UG disponibiliza *slots* para a atuação de advs altos: um adv alto atua (como sentencial) até o espaço de vP, i.e., no IP estendido. Essa parece ser uma propriedade universal da gramática das línguas, provavelmente um construto disponibilizado pela UG. O reconhecimento dessa 'zona de atuação' de advs altos nos ajuda a

compreender melhor quais seriam os advs modalizadores e os domínios onde realmente poderiam atuar.

Faltou dizer alguma coisa sobre os advs sentenciais alocados em posição final de oração. A seção 4 trata brevemente desses casos.

4. AdvPs (sentenciais) em posição final e em inserções parentéticas

Em Cinque (1999, 2004), em ocorrências do tipo de (32a-b), em que estamos diante de um mesmo adv, em duas posições distintas – com diferentes significados –, entretanto, o autor entende que o adv foi gerado na posição em que aparece, sendo licenciado por diferentes X^0 s funcionais. A diferença não está no significado lexical do adv, mas no licenciamento do X^0 . Segundo Cinque (1999, p. 26), em (32), p.ex., o adv *alto*, à esquerda, em (a), quantifica sobre o evento; em (b), sobre o processo:

- (32) *Inglês* (Cinque, 1999, p. 26)
a. *Texans often drink beer.*
(Os texanos *frequêntemente* bebem cerveja)
b. *Texans drink beer often.*

Haveria uma posição alta para o AdvP, na zona esquerda da sentença, em que o item atuaria como adv de sentença. No espaço à direita de VP, haveria n posições quantas fossem necessárias para dar conta das diferentes interpretações que, segundo Cinque (1999; 2004), seriam disponíveis a um mesmo AdvP (enquanto item lexical). Em (33a), o adv à esquerda atua como sentencial, tendo escopo sobre o evento; o adv à direita (em (33b)) tem escopo sobre o processo.

- (33) *Francês* (cf. Cinque, 2004, p. 692, nota 21)
a. *Habituellement ils regardent fréquemment la télé.*
(Habitualmente eles assistem *frequêntemente* à televisão.)
b. *Fréquemment ils ont regardé habituellement la télé.*

Seguindo o raciocínio de Cinque (1999), a razão para a pertinência de se propor duas posições distintas para o AdvP decorre do fato de ambas as posições poderem ser preenchidas pelo mesmo item lexical:

- (34) Geralmente [os brasileiros bebem [caipirinha] geralmente].
(35) *Italiano*
Di solito i brasiliani bevono generalmente la capirigna.
(Em geral, os brasileiros bebem geralmente a caipirinha)

O adv à esquerda seria o quantificador (I); o adv à direita de vP o quantificador (II). A duplicação de XPs em Cinque, conforme vimos, no capítulo anterior, na seção 4.2, acerta as projeções aspectuais quantitativas. (34) e (35) ofereceriam suporte a essa argumentação. Além dessas sentenças, ocorrências do tipo de:

- (36) a. Gianni, saggiamente, *spesso* esce con la stessa persona *spesso*.⁴¹
 a'. Sabiamente, o Gianni frequentemente sai com a mesma pessoa frequentemente.
 b. Gianni *raramente* esce con la stessa persona *spesso*.
 b'. O Gianni raramente sai com a mesma pessoa frequentemente.

oferecem suporte à argumentação de Cinque, segundo o qual haveria duas posições de geração na base aos quantificadores: os advs *spesso* (*frequentemente*) e *raramente* (*raramente*) à esquerda quantificam sobre o evento (em (36a'), p. ex., *frequentemente* pode ser entendido em termos de 'ocasiões': o número de ocasiões que o Gianni sai com a mesma pessoa é frequente); os advs à direita do verbo quantificam sobre o processo (em (36a'), p. ex., são frequentes as ocasiões em que o João sai *várias vezes* com a mesma pessoa).

Deste modo, AdvPs quantitativas podem aparecer em posição final. Não é necessário, nesses casos, postular movimento massivo de toda a proposição por sobre o adv: se há duas posições de geração na base, os casos envolvendo advs quantitativos em posição final com escopo sobre o processo não se trata de movimento massivo: o adv está em sua posição de base e não houve sequer movimento da sentença por sobre ele.

Outras ocorrências:

- (37) Brasileiro bebe cerveja geralmente.⁴²
 (38) Ilse Moreira leciona italiano frequentemente.
 (39) ?/* Rodrigo foi ao centro a pé provavelmente.

(37) e (38) são AdvPs aspectuais quantitativos, motivo por que podem aparecer em posição final sem serem deslocados da sentença prosodicamente. Os quantificadores têm duas posições de geração na base: uma à direita, outra à esquerda. (37) e (38) foram gerados na posição baixa (a posição (II) de Cinque).

(39) nos apresenta uma questão interessante. Se *provavelmente* não for 'deslocado' da sentença por pausa, mudança de tessitura, entoação, etc., a impressão que se tem é que a ocorrência é degradada. A explicação para a degradação de (39) acerta justamente a postulação de XPs (II), em Cinque, para hospedarem, em Spec, advs quantitativos de

⁴¹ As sentenças do italiano (36a,b) foram retiradas de Cinque (1999, p. 92). (36a', b'), do PB, são glosas (com julgamentos) das ocorrências do italiano.

⁴² Agradecemos à prof.a Ruth Lopes (IEL/UNICAMP) por ter-nos chamado a atenção em relação a essa possibilidade de posicionamento e interpretação do adv em posição final. A motivação para as discussões dessa seção 4 partiram da apresentação e questionamentos da professora, em relação a esse dado particular.

processo. Spec (II) é uma possibilidade aberta a aspectuais quantificadores, não a qualquer outro adv alto. (39) oferece suporte à postulação, por Cinque, desses XPs duplicados para abrigarem quantificadores, já que, um adv não quantificador não é gerado em posição baixa. Como explicar, então, a possibilidade de advs como *provavelmente* aparecerem em posição final, como em ocorrências do tipo de (40)?

(40) Rodrigo foi ao centro a pé, *provavelmente*.

Em (40), o adv *provavelmente* não foi gerado em posição Spec (II): não há, como vimos, essa possibilidade a advs não quantificacionais. Nessa ocorrência, o adv aparece deslocado da sentença por vírgula, o que indica a presença ou de pausa, ou de mudança na tessitura, entoação, etc. O que aqui se propõe é que *provavelmente*, em (40), integra uma inserção parentética.⁴³ Essa possibilidade é aberta a quaisquer advs altos, inclusive a quantificadores (cf. (41)):

(41) Os brasileiros bebem caipirinha, geralmente.

(42) Hélio nada com os sobrinhos nos finais de semana, provavelmente.

Dados como (41) e (42) poderiam, apenas à primeira vista, trazer problemas à análise de Cinque (1999) – e, conseqüentemente, à nossa, já por assumirmos a proposta desse autor –, se submetidos à análise de um conhecedor dos trabalhos de Cinque. Este poderia argüir: Cinque, em sua proposta, defende contra a *adjunção livre* de AdvPs, que, segundo ele, tomando por base Pollock (1989), estão fixos na estrutura. Assim, teríamos que motivar um movimento *massivo* de toda a oração por sobre o AdvP. Algo do tipo de (41') e (42'):

(41') [Os brasileiros bebem caipirinha]_i geralmente [t_i].

(42') [Hélio nada com os sobrinhos nos finais de semana]_i provavelmente [t_i].

Qual seria a motivação para os movimentos (41' e 42')? Apenas a estrutura desejada? Se não há motivação aparente para esse 'movimento massivo' de toda a oração por sobre o adv, muito provavelmente *tal movimento não existe* nesse caso. O que aqui se defende, ao menos tentativamente, é que *geralmente*, em (41), e *provavelmente*, em (42), na realidade *não*

⁴³ Não tratamos nessa dissertação das inserções parentéticas. Elas merecem um estudo à parte, que considere a interface sintaxe/prosódia. AdvPs parentéticos, em Cinque (1999) são marginalmente tratados. O autor limita-se a dizer que nos casos em que um AdvP é prosodicamente destacado – e interpretamos esse destaque como sendo o resultado de alterações no padrão prosódico normal da frase, quer através da mudança de tessitura, acento de foco, pausas, alteração na velocidade da fala, etc. (cf. Tenani, 1996) – podem ocorrer ordens que seriam inesperadas pela hierarquia universal, mas que, entretanto, não afetam a validade e a universalidade da hierarquia. AdvPs de aspecto habitual, se constituem uma inserção parentética, conservam, ainda, seu valor modalizador inerente.

estão em suas posições de geração na base,⁴⁴ motivo por que uma tentativa de análise do tipo de (41') e (42') esteja provavelmente equivocada. O que acontece com os dados de (41) e (42) tem a ver com a configuração 'parentética' do adv. Poderíamos propor que dados como esse se assemelham, em certo sentido a dados como:

- (41'') Os brasileiros, geralmente, bebem caipirinha.
(42'') Hélio nada com os sobrinhos, provavelmente, nos finais de semana.

Embora em posição final de oração, os advs em (41-42) gozam do estatuto de integrarem inserções parentéticas. E não haveria, nesse sentido, nenhum problema em assumir a proposta de Cinque e lidar com dados desse tipo naturalmente. Se se desejar algum argumento 'sintático' pró-leitura de *geralmente* e *provavelmente* (em (41-42)) como inseridos parenteticamente, as ocorrências a seguir devem servir como suporte para essa argumentação:

- (43) Hélio freqüentemente nada com os sobrinhos nos finais de semana, provavelmente.
(44) Clarice e Laura provavelmente vão se esquecer de limpar a casa, infelizmente.

A configuração parentética dos advs à direita em (43-44) explica a gramaticalidade dessas ocorrências. Se *provavelmente* e *infelizmente* não estivessem em posição parentética, teríamos ao menos dois problemas: 1) como explicar que *freqüentemente*, um AdvP mais baixo, poderia aparecer antes de *provavelmente*, um AdvP mais alto (em (43)) – a mesma observação sendo estendida a (44), em que *infelizmente* > *provavelmente* –?; (2) se recorrêssemos ao movimento massivo, para justificar o desvio da ordenação hierárquica *default*, teríamos ainda que encontrar uma motivação para tal movimento.

5. Sumário

O reconhecimento do estatuto sintático de um AdvP (se AdvP de IP ou se AdvP de VP) foi o tema central desse capítulo. Cinque (1999) vale-se do movimento do participípio passado ativo em italiano para propor quais seriam os advs altos e os advs baixos.

O problema do critério utilizado por Cinque explica-se em virtude de este critério incluir, na classe dos AdvPs baixos, AdvPs habituais, por nós considerados sentenciais. Valendo-nos de testes propostos por Müller de Oliveira (1993) e da interação entre advs modalizadores num determinado domínio da sentença – IP (ou zona pré-vP) –, oferecemos razões para rever a classificação cinqueniana sobre o sintático dos AdvPs habituais.

⁴⁴ *Geramente* não está aqui em sua posição de base por estar deslocado da sentença por pausa. (41) é diferente, p. ex., de (37), em que *geralmente*, nesta última, integra a sentença em que ocorre.

O novo ‘mapeamento’ da sintaxe dos advs altos (posicionados quer à esquerda de vP – posições em que atuam como sentenciais –, quer à direita de vP – onde atuam como focalizadores –) deverá nos ajudar a ter uma compreensão mais abrangente dos fatos da distribuição, interpretação, licenciamento e relações de escopo dos AdvPs. A essa motivação geral, agregam-se outras, mais específicas ao desenvolvimento de nossa pesquisa: se advs altos se alocam no espaço pré-vP, e, considerando-se que os advs de aspecto habitual são advs altos, o fato de dois ou mais AdvP modalizadores não poderem co-ocorrer no espaço dos advs altos nos leva a concluir que:

1) advs habituais são também AdvP modalizadores (de descomprometimento) no espaço pré-vP, pois reagem à presença de outros AdvP modalizadores da mesma natureza (espistêmicos, irrealis e aléticos de possibilidade);

2) sendo advs modalizadores, os habituais só podem co-ocorrer na sentença com outros AdvPs modalizadores se um desses itens se alocar no espaço pós-vP; nesse sentido, além dos testes que a literatura propõe para o reconhecimento de AdvPs sentenciais, os testes que aqui propomos para o reconhecimento de AdvP modalizadores (ou seja, o fato de colocarmos dois adverbiais modalizadores em contigüidade) é útil não apenas para capturar se o adv é ou não um AdvP modalizador, mas também as zonas em que um adv de sentença pode atuar: advs de sentença podem atuar nos espaços em que a presença de dois AdvPs modalizadores tornaria a sentença agramatical.⁴⁵

Tomando por base o trabalho de Muller de Oliveira (1993) sobre os testes sintáticos para o reconhecimento de advs sentenciais, argumentamos, contra Cinque (1999; 2004), que os advs de aspecto habitual também podem atuar como advs de sentença. Evidência extra vem da impossibilidade de esses itens co-ocorrerem, na zona dos sentenciais, com outros AdvP modalizadores de descomprometimento.

Em 3, deixamos em aberto um problema para o desenvolvimento de estudos ulteriores: qual seria a posição de base de advs altos à esquerda? O fato de trabalhos atuais em Sintaxe Minimalista proporem que o movimento seja motivado por razões morfológicamente justificáveis, associado ao problema de AdvPs posicionados à esquerda de vP não apresentarem variação na interpretação, se posicionados em quaisquer posições disponíveis, fez-nos deixar, por ora, o problema em aberto. Sugerimos, entretanto, que o aproveitamento

⁴⁵ Conforme apontamos na nota de rodapé n.º 40, a impossibilidade de dois advs co-ocorrerem no espaço-IP não se aplica apenas a advs de descomprometimento: advs aléticos de possibilidade e necessidade também não podem co-ocorrer nesse domínio. Na seção 1.2.1 do próximo capítulo, apresentaremos ocorrências envolvendo AdvPs que apresentam traços semelhantes no espaço IP: advs do mesmo tipo não podem, via de regra, co-ocorrer no mesmo espaço. A agramaticalidade dessas ocorrências terá a mesma motivação da agramaticalidade das ocorrências envolvendo os advs de descomprometimento em IP: são bloqueadas as sentenças que contam com traços funcionais repetidos no mesmo domínio (CP, IP, DP). Essa restrição será denominada, conforme já adiantamos, de condição τ (cf. seção 1.2.2, capítulo IV).

focalizador dos advs também à esquerda poderia detonar o movimento do Sujeito e verbos auxiliares por sobre o AdvP.

Na seção 4, discutimos o posicionamento de AdvPs em posição final. AdvPs quantificadores podem ser gerados em posição final. Casos em que um AdvP alto (quantificador ou não) aparece em posição final, prosodicamente deslocado da sentença, ilustram *inserções parentéticas* desses advs, o que dispensa uma proposta de análise de movimento massivo da oração por sobre o adv (para derivar a ordem desejada).

CAPÍTULO IV – SOBRE A NATUREZA INERENTEMENTE MODALIZADORA DOS ADVÉRBIOS DE ASPECTO HABITUAL: UMA FORMALIZAÇÃO EM TERMOS DE TRAÇOS

O dom da fala foi concedido aos homens não para que eles enganassem uns aos outros, mas sim para que expressassem seus pensamentos uns aos outros. (Santo Agostinho)

Como vimos, o estudo dos advs modalizadores na literatura lingüística, gerativista ou não, exclui dos modalizadores os adverbais que indicam aspecto habitual. Se se assume teorias formais de sintaxe (Cinque, 1999, 2004; Chomsky, 1995), é possível argumentar que advs habituais constituem um subgrupo de modalizadores, como os epistêmicos, considerados os representantes da classe dos AdvPs modais.

Como nos baseamos em Cinque (1999), é natural a assunção, aqui, das conseqüências de sua teoria: se para nós o AdvP de aspecto habitual, em Spec, é de natureza modalizadora, conseqüentemente o núcleo com o qual checa traços deverá ser modalizador.

Nosso percurso argumentativo seguirá as seguintes etapas: na seção 1, introduziremos as noções de “traços lexicais” inerentes aos X^0 s e AdvPs, propostos em Cinque (1999). Em 1.2.1, tratamos das assimetrias na ordenação hierárquica (co-ocorrência impossível de certos AdvPs em qualquer ordem) e sugerimos a assunção de ‘traços adicionais’; assumiremos que os traços de Cinque serão os primários, já por caracterizarem cada XP específico. Na seção 1.2.2, apresentaremos a Condição τ , um mecanismo restritor do C_{HL} que bloqueia como agramaticais as sentenças que, em um XP funcional (CP, IP, DP), contarem com mais de um traço funcional de um mesmo tipo. Em 1.2.3 e 1.2.4, tratamos do descomprometimento do falante, veiculado via AdvPs μ . 1.3 introduz a noção do traço μ . Na seção 2, fornecemos evidências translingüísticas para a validade (sintática) da nossa proposta: AdvPs de aspecto habitual são inerentemente modalizadores μ . A seção 3 apresenta aparentes contra-exemplos à nossa proposta sobre o efeito modalizador dos aspectuais habituais. Em 4, fornecemos argumentação contra a consideração de AdvPs de aspecto habitual e AdvPs de frequência como especificadores de um mesmo XP funcional. 5 argumenta a favor da natureza a priori sintática do valor modal dos AdvPs aspectuais habituais. Com base na comparação de sentenças envolvendo advs e adjetivos de mesma natureza, fornecemos evidências de que uma análise semântica poderia encontrar alguma dificuldade para resolver a questão do efeito modalizador dos advs de aspecto habitual. Ao final da seção, em 5.2, apresentamos evidências adicionais para a postulação do efeito modalizador dos advs de aspecto habitual, a partir de dados da sintaxe do pashto. Na seção 6, as evidências adicionais à natureza modalizadora dos advérbios de aspecto habitual vêm da comparação da natureza também modalizadora dos X^0 s de aspecto habitual, um núcleo também (universalmente) modalizador. Os dados discutidos neste capítulo visam, em suma, a argumentar que o aspecto habitual nas línguas naturais gera modalização de descomprometimento ou modalização μ .

0. Introdução

Como vimos no capítulo I (seção 1), os advs que indicam aspecto habitual, e que correspondem aos AdvPs *normalmente*, *geralmente*, *habitualmente* em PB, são tratados pela

literatura do assunto consultada como advs aspectuais (habituais) ou advs quantificadores. Vimos também que sentenças (do PB) como (1) geram um efeito de mitigação do conteúdo proposicional: o falante se furta a um comprometimento com o valor de verdade da proposição:

- (1) *Normalmente*, o Brasil pára para ver os jogos da Copa.

Normalmente, em (1), teria um efeito muito próximo ao de *provavelmente*, *talvez* e *possivelmente* (cf. 2-4) (reconhecidamente modalizadores pela literatura (Bellert, 1977; Cinque, 1999; Lonzi, 1997, etc.)), em termos de *sinalização do descomprometimento do falante* em relação ao que diz na proposição, de estatuto factual indeterminado, já pelo próprio uso do adv. Falar em descomprometimento do falante, aqui, não significa dizer que *normalmente*, *provavelmente*, *talvez* e *possivelmente* sejam advs do mesmo tipo semântico. A sintaxe já assinala no marcador sintagmático posições distintas e específicas para cada um desses advs. O adv habitual se aproxima dos outros aqui citados em termos da já mencionada *sinalização* de descomprometimento do falante. Nesse sentido, não apenas advs de natureza epistêmica, irrealis e alética de possibilidade são os meios lexicais de expressão do descomprometimento. Igualmente advs de aspecto habitual geram esse efeito.

- (2) *Provavelmente*, o Brasil pára para ver os jogos da Copa.
(3) *Talvez*, o Brasil pára/pare para ver os jogos da Copa.
(4) *Possivelmente*, o Brasil pára/pare para ver os jogos da Copa.

O fato de assumirmos a proposta de Cinque (1999) nos leva a considerar como crucial o seguinte fato: se os AdvPs de aspecto habitual são modalizadores no PB, conseqüentemente deverão sê-lo nas demais línguas do mundo, já que as relações da hierarquia funcional (em termos de distinções funcionais, ordenação dessas distinções e licenciamento *spec/head*) são definidas como um construto da UG: trata-se de princípios não sujeitos à variação paramétrica (Cinque, 1999, p. 132).

Neste capítulo, forneceremos a argumentação necessária para sustentar e corroborar a nossa hipótese de que os advs que indicam aspecto habitual são modalizadores. Já que assumimos Cinque (1999), para fazer jus a esse quadro teórico, vamos, em 6, fornecer evidências translingüísticas de que o X^0 de aspecto habitual também veicula modalização: nesse sentido, o adv habitual em Spec checa com o núcleo de $Asp_{\text{Habitual}}P$ não só o traço [habitual] característico dessa projeção, mas também o traço $[\mu]$, de modalização, que compreende as noções de (i) indeterminação da factualidade do conteúdo proposicional e (ii) descomprometimento do falante.

Isso significa, para nós, que $Asp_{\text{Habitual}}P$ caracteriza-se por duas noções: a *habitualidade* – que tem a ver com uma situação característica de um período de tempo prolongado (Comrie, 1976, p. 27) – e a *modalização* μ – indeterminação da factualidade da proposição e descomprometimento do falante –.⁴⁶

Para iniciar a discussão, apresentamos a questão dos traços caracterizadores de cada XP particular – da árvore cinqueniana –, justificando a necessidade de se considerar traços adicionais na entrada lexical de cada núcleo (e, conseqüentemente, de cada AdvP).

1. Os XPs de Cinque e seus traços (semânticos) característicos

Além da ordenação hierárquica de AdvPs (e dos núcleos funcionais correspondentes), fato de que Cinque (1999) se vale para postular as 32 projeções funcionais em IP, *há um outro ponto importante a ser considerado*, que justifica a pertinência da ‘explosão’ do IP, por Cinque (Cinque, 1999, p. 128 *et seq.*). Trata-se da postulação de um traço que cada núcleo funcional traria em sua *entrada lexical*. Antes, porém, de avançarmos na descrição desse sistema de marcação e valores de traços em Cinque (1999), faz-se necessária uma breve revisão do sistema de traços no Programa Minimalista de Chomsky (1995), a fim de evitarmos possíveis equívocos no desenvolvimento de nosso trabalho.

1.1. A questão dos traços funcionais no Programa Minimalista

Como se sabe, no Programa Minimalista (Chomsky, 1995), uma expressão lingüística (π, λ) satisfaz as condições para a interface em PF e LF. π e λ têm de ser, nesse sentido, compatíveis (um determinado som não pode ter um significado qualquer). C_{HL} (o *Sistema Computacional da Linguagem Humana*) projeta um arranjo de escolhas lexicais em (π, λ) . Dada uma numeração N (conjunto de itens do léxico para serem selecionados), C_{HL} projeta N em (π, λ) . C_{HL} tem uma propriedade fundamental, a de checagem de traços (cf. Chomsky, 1999 (1995), p. 318), operação esta que determina o movimento, em caso de *último recurso*.

π e λ têm uma constituição distinta. Assim, o que se interpreta na interface do sistema articulatório-perceptual não é interpretável no sistema conceitual-intencional e vice-versa. A computação bifurca em algum momento em duas partes, uma formando π e outra formando λ . Chomsky pressupõe que não haja qualquer interação entre essas duas computações.

Num dado ponto da computação para LF, aplica-se a operação do *Spell-Out* sobre a estrutura Σ (um conjunto de objetos sintáticos) já formada. O *Spell-Out* retira desse conjunto

⁴⁶ Vamos na realidade argumentar que *veicular aspecto habitual* significa: (i) *expressar a habitualidade* de Comrie (1976) e (ii) *gerar um efeito modalizador*.

de objetos sintáticos Σ os elementos relevantes para λ . O resíduo Σ_L projeta-se em λ por operações semelhantes às usadas para formar Σ .

Σ também é projetado em π , mas por operações diferentes da computação $N-\lambda$: Σ continua, portanto, em PF e Σ_L continua em LF.

Em termos de traços lexicais, Chomsky (1995) distingue dois tipos: os que recebem apenas interpretação fonológica e os que recebem interpretação apenas na interface com o sistema conceitual-intencional. Há a distinção *traços formais*, acessíveis à derivação (traços do tipo de $[\pm N]$, $[\pm \text{plural}]$) e *traços semânticos*, não acessíveis no decurso da derivação.

Os traços fonológicos são retirados pelo *Spell-Out*, ficando disponíveis apenas à componente fonológica; os traços semânticos e os formais, uma vez deixados pelo *Spell-Out*, podem ser acessíveis à computação não visível para LF.

Na computação $N-\lambda$, os traços que funcionam são os traços formais (FF). FF(IL) refere-se ao conjunto de traços formais de um item lexical, que funciona em $N-\lambda$.

Um dos elementos de variação lingüística é a força de um traço: um traço formal pode ser forte ou não; se forte, obriga movimento visível. (5) restringe a dimensão $[\pm \text{forte}]$ (cf. Chomsky, 1995):

- (5) Se F é forte, F é um traço de uma categoria não substantiva e F é checado por um traço categorial.

N e V(verbos principais) possuem traços fortes e um traço forte pede sempre uma determinada *categoria* no seu domínio de checagem (e não, digamos, um Caso ou traços- ϕ).

Há um ponto importante sobre a postulação de categorias funcionais no léxico, no Programa Minimalista, que vale a pena mencionar. Segundo Chomsky, essa postulação “[...] tem de ser justificada, quer por condições de *output* (de interpretação fonética e semântica), quer por argumentos intrínsecos à teoria. A responsabilidade recai sobre quem propõe tais categorias e isso muitas vezes não é fácil.” (Chomsky, 1995 (1999), p. 332, trad. de E. Raposo)

Cinque (1999), como vimos, postula 32 XPs funcionais para hospedarem AdvPs e X^0 s de natureza funcional. Mas justifica esse sistema: cada núcleo desses XPs viria com uma interpretação *default* ou marcada. Esse sistema de marcação e de atribuição de valores ao item funcional já no léxico tem maior poder explicativo do que uma mera postulação de X^0 s, sem justificação em termos de condições de *output*, simplesmente para garantir o mapeamento da estrutura hierárquica na ordenação linear (Haumman, 2007, p. 50).

São reconhecidas, como categorias funcionais, em Chomsky (1999 (1995), p. 332), T, C, D e Agr. As três primeiras têm propriedades semânticas; Agr, não. T caracteriza-se pelos

traços [\pm finito]; D é o lugar da referencialidade; C é o indicador de força [declarativa, interrogativa, etc.]. Agr não tem importe semântico.

Chomsky (1995, capítulo IV) desenvolveu uma teoria sobre a checagem de traços. Este mecanismo de verificação desenvolve três papéis principais:

1.º) traços fortes devem ser checados antes de o *Spell Out* desencadear movimento aberto. Já que o movimento é tomado como sendo uma *operação de último recurso*, que se aplica quando necessário, a checagem de traços é tomada como sendo a única motivação para o movimento. A teoria da checagem, nesse sentido, é um motor do movimento. (Roberts, 2001, p. 95).

2.º) explicar a variação translingüística;

3.º) explicar certas relações morfológicas entre constituintes sintáticos, particularmente relações de Caso e Concordância.

Em relação à terceira função, a teoria propõe que traços interpretáveis (traços categoriais, traços ϕ) não sejam deletados (“deleted”) pela checagem, apenas ‘apagados’ (“erased”), porquanto permanecem disponíveis à interpretação em LF; traços como AgrS são não-interpretáveis, por isso são deletados, já por não terem interpretação em LF.

Roberts (2001) critica esse sistema da teoria de Chomsky (1995) por introduzir um número de redundâncias e problemas conceituais. Introduz, por exemplo, na derivação, traços cuja única proposta é serem deletados (p. ex. traços de AgrS, que existem apenas no componente propriamente sintático, o C_{HL}). “Na teoria minimalista, as propriedades da sintaxe são vistas como determinadas pelas interfaces; propriedades puramente sintáticas, com a exceção possível de restrições de economia, desempenham um papel negligenciável.” (Roberts, 2001, p. 97). O que Roberts critica nesse ponto é a proliferação de traços motivados apenas sintaticamente. Tais traços são introduzidos na derivação e posteriormente deletados (*deleted*), já por não serem interpretáveis em LF. Roberts & Roussou (1997, *apud* Roberts, 2001, p. 98) propõem que os mecanismos da checagem possam ser substituídos pelas operações de *concatenar* (da qual o *movimento* é um subcaso, Chomsky (1995)) e a interpretabilidade na interface.

A proposta de Roberts (2001), alternativa à teoria da checagem, postula que o movimento, a variação translingüística e algumas propriedades morfofonológicas são reflexos de uma propriedade única do C_{HL} , que atua nas interfaces, a saber, a *interpretabilidade nas interfaces*, que mapeia um traço sintático em uma expressão PF ou LF.

[...] todos os traços têm uma interpretação em LF, i.e., há um conjunto de traços substantivos, e [...] as línguas variam no sentido de esses traços serem ou não interpretáveis em PF (realizados morfofonologicamente). Um traço F que requer uma realização em PF é indicado F*. [...]

[T]odos os traços-LF são interpretáveis no sentido de Chomsky, e todos os traços-PF são fortes nesse sentido. (Roberts, 2001, p. 100).

No sistema de Roberts, um traço funcional F de realização-PF é indicado F*. Para o autor, não há seleção nas línguas entre o conjunto de traços universais disponíveis. Toda língua conta com esse inventário. A diferença reside no fato de a língua realizar ou não morfofonologicamente o traço. O léxico, nessa concepção, é visto como depositário dos seguintes elementos:

- a. categorias lexicais;
- b. universais substantivos, codificados como traços de núcleos funcionais;
- c. * é atribuído a b. de modo particular nas línguas.

A realização em PF de F* pode dar-se de três modos: por movimento, por concatenação (inserção lexical) ou por ambos, a depender do léxico. A *concatenação*, a mais econômica, é preferida ao movimento. Se o léxico não conta com matriz fonológica para F*, dá-se o movimento de um material para F.

Uma diferença bastante forte entre a proposta de Roberts (2001) e a de Chomsky (1995) tem a ver com a realização do traço na interface. Para Roberts, não há traço não interpretável em LF. Já no sistema de Chomsky, o caso abstrato é não interpretável, fraco potencialmente. Para Roberts & Roussou (2003), os traços (funcionais) semânticos são *sempre interpretáveis* em LF.

Roberts & Roussou reelaboraram Cinque (1999), no que diz respeito à interpretação dos traços funcionais. Cinque (1999) propõe que cada XP venha com um núcleo caracterizado, no léxico, por um valor de marcação (*markedness*). Seguindo a tradição estruturalista de R. Jakobson, Cinque propõe que cada núcleo funcional venha com a especificação de um valor (marcado ou *default*). Esses valores estariam disponibilizados pela UG. Cada um dos traços que caracterizam os núcleos de cada uma das 32 distinções funcionais (e, por conseqüência, dos AdvPs com os quais os núcleos checam os traços) estariam presentes *em todas as sentenças da língua*, com o valor *default* ou *marcado*. O valor marcado teria a ver com a realização morfológica do traço; o valor *default* com a não realização.

Segundo Roberts (2001), a proposta de Cinque (1999) e a sua divergem em alguns pontos. A de Roberts, por exemplo, leva em conta a *realização dos núcleos funcionais*; a de Cinque (1999), conforme apontado acima, parte da noção de valores dos núcleos funcionais. No sistema de Cinque, não há parametrização no que diz respeito à marcação dos traços: esses traços são disponíveis a todas as línguas, como uma ‘herança’ da UG, ao passo que, no sistema de Roberts & Roussou (2003) e Roberts (2001), derivam de uma propriedade formal

do algoritmo de aprendizagem. Ainda, na abordagem de Cinque, a marcação dos traços é uma noção substantiva, lexical, ao passo que, no sistema de Roberts os traços são assumidos como noções formais (daí o choque entre o sistema de Roberts (2001) e o de Chomsky (1995)): assumir Roberts implica, obviamente, excluir Chomsky (1995), no que diz respeito à interpretabilidade dos traços em LF; o sistema de Cinque não deveria apresentar quaisquer problemas a quem assume Chomsky (1995), já pelo fato de Cinque assumir que os traços são noções lexicais.

Embora a proposta de Roberts seja interessante, por tratar da pertinência da interpretabilidade dos traços nas interfaces, assumimos a proposta de Cinque (1999), tal qual traçada na esteira jakobsoniana, pelo fato de a marcação substantiva dos valores em Cinque ser considerada como derivada da UG. Se os traços que propomos para os advs modalizadores de descomprometimento (o traço μ , cf. 1.3, adiante) caracterizam inerente e universalmente os advs epistêmicos, *irrealis*, aléticos de possibilidade e os habituais, é mais natural assumir a proposta de Cinque (1999), caracterizada pela marcação substantiva. Não encontraremos problemas com a assunção de Chomsky (1995) aqui – segundo o qual traços formais não são checados em LF –, ao propormos que o traço μ , por exemplo, faz parte da entrada lexical do AdvP, já por não estarmos assumindo Roberts.

1.2. Os traços funcionais dos X⁰s da árvore de Cinque

Cada XP se caracterizaria por um valor marcado e um valor *default* do traço funcional. Esses traços *sempre* se fariam presentes, por necessidades de interpretação em LF. Tomando por base essa assunção, o autor postula, como vimos, que as línguas do mundo têm à sua disposição esse conjunto completo de XPs funcionais (realizados ou não foneticamente via AdvPs e X⁰s), tal qual repetidos a seguir.

- (6) *A hierarquia funcional de Cinque (1999, p. 106)*
- | | | | | | |
|---------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------|
| [<i>francamente</i> | Modo _{ato de fala} | [<i>felizmente</i> | Modo _{avaliativo} | [<i>evidentemente</i> | Modo _{evidencial} |
| [<i>provavelmente</i> | Modalização _{epistêmica} | [<i>uma vez</i> | T (Passado) | [<i>então</i> | T (Futuro) |
| [<i>talvez</i> | | | | | |
| Modo _{irrealis} | [<i>necessariamente</i> | Modalização _{necessidade} | [<i>possivelmente</i> | Modalização _{possibilidade} | |
| [<i>normalmente/geralmente</i> | Asp _{habitual} | [<i>novamente</i> | Asp _{repetitivoI} | [<i>frequentemente</i> | Asp _{frequentativo} |
| [<i>intencionalmente</i> | Modalização _{volitiva} | [<i>rapidamente</i> | Asp _{celerativo} | [<i>já</i> | T (Anterior) |
| [<i>no longer</i> | Asp _{terminativo} | | | | |
| [<i>ainda</i> | Asp _{continuativo} | [<i>sempre</i> | Asp _{perfectivo(?)} | [<i>só</i> | Asp _{retrospectivo} |
| | Asp _{durativo} | [<i>caracteristicamente(?)</i> | Asp _{genérico/progressivo} | [<i>completamente</i> | Asp _{completivo(I)} |
| [<i>tutto</i> | Asp _{completivo} | [<i>bem</i> | Voz | [<i>rápido/cedo</i> | Asp _{celerativo(II)} |
| [<i>frequentemente</i> | Asp _{frequentativo(II)} | [<i>completamente</i> | Asp _{completivo(II)} | | |

Cada um dos XPs mencionados em (6) se caracteriza por um traço semântico relevante. Esses XPs, como vimos, se fazem presentes em todas as sentenças da língua

(Cinque, 1999, p. 131-133). Tal assunção é uma realidade possível na teoria de Cinque, visto que os núcleos necessariamente portam um valor marcado e um valor *default*:

Já sugeri que se os núcleos necessariamente vêm com um valor marcado e um valor *default*, é concebível que todas as sentenças utilizem a estrutura funcional completa, com a combinação necessária das escolhas marcada e *default*. (Cinque, 1999, p. 133)

Nesse sentido, (7a) e (7b), a seguir, em termos de estrutura funcional, são equivalentes: a diferença jaz no fato de (7b) apresentar ‘mais morfologia’ do que (7a).

- (7) *Inglês* (Cinque, 1999, p. 131)
- a. Prices rise.
(Os preços aumentam)
- b. Prices must not have been being raised
(Os preços não devem ter estado a ser aumentados)

Essa proposta de Cinque poderia se chocar com o que é mais comum de se assumir em Sintaxe Minimalista: justificar a presença de um XP na sentença se, na *numeração*, um adv ou núcleo funcional da referida distinção se fizer presente (Chomsky, 1995). Cinque defende que a hierarquia está *sempre* presente, já pela necessidade de interpretação, em termos de interface LF. Assim, um XP apresenta a interpretação *default* ou marcada: a interpretação *default* é motivada pela falta do preenchimento de um núcleo, enquanto que a interpretação marcada diz respeito à realização do núcleo funcional da referida distinção funcional.

Em relação, por exemplo, à projeção modo do ato de fala, a literatura sobre ilocução assume que o modo declarativo corresponde à forma não-marcada. Assim, as outras ilocuições (interrogativa, imperativa, hortativa, etc.) receberão a interpretação marcada. AdvPs de ato de fala (p. ex. *francamente*), se realizados foneticamente, recebem a interpretação *default* [declarativo], por serem incompatíveis com sentenças não declarativas.

Sobre a modalização epistêmica, o autor associa o valor marcado [-comprometimento] à presença do núcleo, já que toda sentença da língua expressa naturalmente um comprometimento do falante em relação ao que diz. A presença do adv traz também a interpretação marcada. Na tabela a seguir, apresentamos alguns dos X⁰s de Cinque com seus respectivos padrões de marcação:

X ⁰ Funcional	Default	Marcado
Mood Speech Act	declarativo	- declarativo
Mood Evaluative	-[- felicidade]	- felicidade
Mood Evidential	evidência direta	- evidência direta
Mod Epistemic	comprometimento	- comprometimento
Mood irrealis	realis	irrealis
Mod aleth possib	- [- possível]	- possível
AspHabitual	-[+ habitual]	+ habitual

Quadro: XPs funcionais de Cinque: interpretação *default* e marcada de X⁰s e AdvPs

1.2.1. Assimetrias na hierarquia de Cinque: a questão dos traços adicionais

Para verificar se AdvPs aspectuais habituais são de fato modalizadores, vamos ordená-los em uma mesma sentença com os advs tradicionalmente assumidos por Cinque como modalizadores. Se os advs habituais são modalizadores, deverão gerar sentenças estranhas se co-ocorrerem com os advs que a literatura reconhece como modalizadores. Esse quadro é esperado se assumimos, com Jackendoff (1972), e Cinque (1999), que advs de mesma natureza não podem co-ocorrer.

No entanto, esse ponto não é resolvido mesmo em Cinque (1999), que propõe a teoria. Ao introduzirmos a condição τ , na próxima subseção, vamos, com base em dados de adverbiais e evidências independentes, propor que C_{HL} bloqueia sentenças em que um XP funcional conta com a repetição de um determinado traço (funcional). De fato, como ficará claro na seção seguinte, é por isso que *normalmente* não pode aparecer em uma mesma sentença que *provavelmente*, um modalizador epistêmico prototípico:

- (8) * Provavelmente a seleção brasileira normalmente é a favorita em toda Copa.

Esse fato questiona em certa medida a proposta de ordenação hierárquica de Cinque, segundo a qual deveríamos esperar (9a-b):

- (9) a. provavelmente > normalmente (sentença gramatical)
b. * normalmente > provavelmente

(8), entretanto, parece figurar como uma assimetria à proposta de Cinque, esquematizada em (9). E, mais do que isso, *provavelmente* e *normalmente* não podem co-ocorrer em nenhuma ordem, salvos os casos apresentados abaixo, na seção 3. Ocupariam, portanto, os advs *normalmente* e *provavelmente* a mesma posição de Spec na árvore de Cinque? Nossa resposta é ‘não’. Essa não é a saída que propomos, já pelo fato de haver o núcleo de modalidade epistêmica que precede o núcleo de aspecto habitual. Além disso, *provavelmente* não pode co-ocorrer com os outros modais (irrealis, *talvez* e aléticos de possibilidade, *possivelmente*) – em nenhuma ordem (cf. seção 2, a seguir) – e, em Cinque, são apresentadas evidências da contraparte nuclear para propor a existência desses XPs modalizadores distintos. Como explicar, então, essa assimetria na hierarquia de Cinque?

Ao tratar, no francês, da agramaticalidade de *pas* e *plus* na mesma sentença (nas duas ordens *logicamente* possíveis (*pas* > *plus* e *plus* > *pas*)), Cinque (1999, p. 5 *et seq.*) explica que, embora esse quadro sugira que tais advs ocupem a mesma posição, por reagirem um à presença do outro – é assim que são postulados os XPs em Cinque –, não se deve interpretar

os fatos deste modo. Além da co-ocorrência, deve-se levar em conta um outro fator: a transitividade, que seria o critério decisivo aqui. Assim *pas* ocupa uma posição maior do que *plus*, já que *pas* > *déjà* e *déjà* > *plus*; logo: *pas* > *plus*.

Embora a ordenação seja tomada como um critério crucial para o reconhecimento das diferentes projeções funcionais, ela está subordinada, portanto, em Cinque, às relações de transitividade. Nos casos em que dois advs não são possíveis em quaisquer ordens (caso de *pas* e *plus*), a relação de transitividade será crucial para a determinação da ordenação hierárquica.

Em nota, Cinque (1999, p. 168, nota 10) explica que a impossibilidade de *pas* e *plus* aparecerem na mesma ocorrência em francês se explica *em virtude do fato de existir uma “proibição” de “pas” co-ocorrer com elementos inerentemente negativos*.⁴⁷

- Francês (Cinque, 1999, p. 5)
- (10) * Ils n’ont *pas plus* téléphoné.
(Eles não telefonaram não mais)
- (11) *Ils n’ont *plus pas* téléphoné.
(Eles não mais não telefonaram)

Em hindi, um adv alético de necessidade (*zaruur hii*, ‘necessariamente’) não pode co-ocorrer, em nenhuma ordem, com um alético de possibilidade (*sambhavtah*, ‘possivelmente’) (cf. Bhatia, *online*, p. 19). O PB e o japonês também não permitem a co-ocorrência de advs aléticos (de necessidade e possibilidade), embora esses itens ocupem a posição de especificador de XPs distintos:

- (12) a. ??? Necessariamente, os homens primitivos possivelmente caçavam de manhã.
b. * Possivelmente, os homens primitivos necessariamente caçavam de manhã.
- (13) Japonês
a’. ??/**Mosi-ka site*, *karera-wa kanarazu fukugaku-suru-daroo*.
(Possivelmente eles necessariamente vão ser readmitidos.)
b’. **Kanarazu, karera-wa kanarazu*.....
(Necessariamente eles possivelmente vão ser readmitidos)

Partindo-se dos pressupostos (1) e (2):

- (1) segundo Cinque (1999), *pas* e *plus* não podem co-ocorrer em francês: esses itens são considerados *itens de polaridade negativa* (cf. Cinque, 1999, p. 168, nota 10);
- (2) em hindi, PB e japonês, advs aléticos não podem co-ocorrer em nenhuma ordem.

⁴⁷ Cf., em Cinque (1999, p. 168, nota 10), que o elemento *plus*, em francês, porta uma força negativa autônoma.

estabelece-se a seguinte linha de raciocínio: *há traços adicionais na entrada dos advs especificadores e X⁰s correspondentes* – além do traço ‘primitivo’ e caracterizador de cada XP em particular (os traços definidos por Cinque para cada uma das entradas lexicais dos advs e núcleos funcionais) –.

Vamos propor, portanto, que *pas* e *plus* compartilham um traço [+ *polaridade negativa*] e os advs aléticos de possibilidade e necessidade compartilham um traço adicional [+ *alético*], o que explicaria as sentenças degradadas de (10-13).

Vamos estender o mesmo raciocínio dos traços adicionais ao caso de *normalmente* e *provavelmente/talvez/possivelmente* (cf. (8), acima) e *provavelmente, talvez, possivelmente* entre si. Segundo a nossa argumentação, esses advs compartilham um traço adicional [μ] – definido na seção 1.3, abaixo –, o que explica, dada a atuação da Condição τ , definida no item a seguir, a agramaticalidade das ocorrências em que aparecem.

1.2.2. A Condição τ

Conforme mostramos nos dados anteriores, AdvPs habituais não podem co-ocorrer com AdvP epistêmicos (cf. (8)). Vimos também que outros advs modalizadores (aléticos de possibilidade e necessidade) e advs de polaridade negativa não podem co-ocorrer.

Há um fato independente (da sintaxe do italiano) que caminha na mesma direção que essas assimetrias da hierarquia de Cinque. Esse fato envolve núcleos de natureza funcional, hospedados no CP estendido de Rizzi (1997, 2005). Miotto (2001, p. 105), citando Rizzi (1997), diz que, no espaço do CP estendido, um item *Fin* está em *distribuição complementar* com um item *Force* e vice-versa: ou aparece um, ou aparece outro. Se concorrem pela mesma posição, não haveria por que expandir ainda mais o CP. Mas (14) e (15) advogam em favor da expansão:

- (14) *Italiano* (Rizzi, 1997; cf. discussão em Miotto, 2001, p. 105)
- a. Credo che il tuo libro, loro lo apprezzerebbero molto.
(Acredito che o seu livro, eles o apreciariam muito.)
- b. * Credo, il tuo libro, che loro lo apprezzerebbero molto.
(Acredito, o seu livro, que eles o apreciariam muito.)
- (15) a. * Credo di il tuo libro, apprezzarlo molto.
(Acredito de o seu livro, apreciá-lo muito.)
- b. Credo, il tuo libro, di apprezzarlo molto.
(Acredito, o seu livro, de apreciá-lo muito.)

Se não se recorrer a adjunção, o tópico à direita de *che* e à esquerda de *di* leva à conclusão de que os itens preenchem núcleos diferentes: *che* mais alto, *di*, mais baixo.⁴⁸

⁴⁸ *Che* e *di* provavelmente devem compartilhar algum traço relacionado ao tipo de verbo que os seleciona.

Esse dado nos coloca diante de questões importantes em Sintaxe sobre a *distribuição complementar*: não seria lícito postular que a distribuição complementar teria a ver com o fato de dois itens não poderem co-ocorrer por ocuparem *a mesma posição no marcador sintagmático*. As razões apresentadas acima mostram que a noção de distribuição complementar deveria ser revista, no sentido de poder capturar também o fato de itens ocuparem posições distintas e específicas na árvore, mas nunca co-ocorrerem.⁴⁹

Fato parecido é o que ocorre com AdvPs que ocupam o Spec de uma mesma projeção funcional. Em termos de árvore de Cinque, uma sentença não seria bem formada se contasse com dois advs deônticos:

- (16) ???/* Necessariamente Sérgio obrigatoriamente faz as tarefas.

Em (16), estamos diante de dois advs aléticos de necessidade (deônticos). A má formação da sentença se deve ao fato de ambos os AdvPs apresentarem o traço [*necessidade*]. Esse traço é o traço caracterizador da projeção Mod_{Necessity}P (Cinque, 1999, p. 130). Nesse sentido, a sentença é bloqueada dado o fato de os itens em questão ‘trazerem’, em sua entrada lexical, o mesmo traço funcional [*necessidade*].

Deve ficar claro que não apenas os traços específicos de cada distinção funcional são cruciais para que uma sentença seja bloqueada. O *output* de outros traços que itens funcionais apresentam em comum (digamos aqui ‘secundários’) num mesmo domínio, por exemplo o IP estendido de Cinque, é a agramaticalidade da sentença. O caso das partículas funcionais do

⁴⁹ Em chinês, não há palavras-*wh* específicas como em inglês, por exemplo. Há um indefinido, *shema*, que, dependendo do elemento funcional com o qual co-ocorre, assmirá o traço deste elemento, gerando interpretação [+ *wh*] ou interpretação [+ *yes/no*]:

- | | | | | |
|-----|------------------------------------|----------------------------------|--------------|------------------|
| (i) | <i>Chinês</i> | (Roberts & Roussou, 2003, p. 32) | | |
| a. | <i>Qiaofang</i> | <i>mai-le</i> | <i>sheme</i> | <i>ma</i> |
| | <i>Qiaofang</i> | comprar-asp | indefinido | Q _{y/n} |
| | (O Qiaofang comprou alguma coisa?) | | | |
| b. | <i>Hufei</i> | <i>chi-le</i> | <i>sheme</i> | (ne) |
| | <i>Hufei</i> | comer-asp | indefinido | Q _{wh} |
| | (O que Hufei comeu?) | | | |

Em (ia), a co-ocorrência de *sheme* com *ma* carrega a interpretação *yes/no question* para o indefinido *sheme*. Em (ib), a co-ocorrência de *shema* com *ne* carrega a interpretação *wh* para o indefinido. Mas o ponto mais interessante para a nossa discussão aqui refere-se ao fato de que *ne* e *ma* estão em distribuição complementar (Roberts & Roussou, 2003, p. 31-32). Ambos *ne* e *ma* apresentam um traço funcional distintivo (respectivamente [+ *wh*] e [+ *yes/no*]). O que explicaria, então, o fato de essas duas partículas funcionais do chinês estarem em distribuição complementar, i.e., não poderem co-ocorrer na mesma sentença? O traço adicional [+Q]. Ambos *ne* e *ma* são itens funcionais *interrogativos*. Parece existir uma condição na sentença que bloqueia a co-ocorrência de traços funcionais semelhantes e cruciais para a interpretação em LF.

Ian Roberts (comunicação pessoal) discorda desta nossa interpretação dos dados de (ia-b), em virtude do fato de *ma* e *ne* estarem em *distribuição complementar*, ocupando, no caso, segundo ele, *a mesma posição em CP*, o que não acontece com os advs citados acima, que ocupam Specs de XPs distintos. O argumento de Roberts poderia ser questionado se se mostrar, assumindo-se o CP estendido de Rizzi (1997, 2005), que *ma* e *ne*, embora se aloquem no espaço CP, ocupem posições funcionais em projeções distintas do CP.

chinês *ma* e *ne* que estão em distribuição complementar (cf. nota 49) é um exemplo claro: *ma* se caracteriza pelos traços [+ Q, + y/n]; *ne* pela matriz de traços [+ Q, + wh]. Embora os traços ‘primários’ dessas partículas sejam respectivamente [+ y/n] e [+ wh] – tanto que a interpretação do indefinido *sheme* está na dependência desse traço –, o fato de *ma* e *ne* estarem em distribuição complementar (Roberts & Roussou, 2003, p. 31-32), nos leva a concluir que *mesmo traços ‘secundários’* – neste caso o traço [+Q] – bloqueiam sentenças, gerando como produto uma ocorrência agramatical.

Tendo em vista os fatos das partículas *ma* e *ne* do chinês, dos núcleos *che* e *di* do CP italiano, dos advs de necessidade e possibilidade no hindi, PB e japonês, dos advs *pas* e *plus* do francês e dos advs modalizadores de descomprometimento (cf. seção 2, a seguir), podemos definir a *condição τ* como uma restrição de C_{HL} que bloqueia como agramaticais as sentenças que envolvem itens funcionais de mesmo traço, se ocorrem em um mesmo XP funcional:

(17) *Condição τ*

Um domínio funcional estendido (CP, IP, DP) não pode contar com mais de um especificador ou mais de um núcleo que apresentem um mesmo traço (funcional).⁵⁰

Segundo essa condição, que opera sobre XPs *funcionais estendidos* (o CP de Rizzi (1997), o IP de Cinque (1999) e o DP⁵¹), um domínio funcional não pode abrigar dois ou mais especificadores que portam⁵² um mesmo traço ou dois ou mais núcleos que portam um mesmo traço.⁵³ A condição *Condição τ* dá conta não somente de explicar por que advs

⁵⁰ Há a possibilidade de se incluir como domínio funcional vP. Não investigamos, entretanto, em nossa pesquisa, a extensão dessa condição a esse domínio, o que aponta para a necessidade de estudos futuros.

⁵¹ Há propostas na literatura de se estender o domínio do DP. Uma delas, a de Cinque (2005), propõe que o DP contenha os XPs DemP, NumP e AP. A condição τ parece ter aplicação mesmo nesses domínios.

⁵² Ao nos referirmos à condição τ , valemo-nos aqui das expressões “que portam um mesmo traço” ou “que apresentam um mesmo traço” para evitar o termo “que compartilham o mesmo traço”, utilizado, em outros trabalhos da literatura, para fazer referência a uma relação de concordância, estabelecida, por exemplo, entre o especificador e o núcleo de uma projeção. Na teoria dos especificadores funcionais, utilizamos o termo “compartilhamento de traços” para as relações de *spec/head agreement* dentro de um mesmo XP cinqueniano.

⁵³ A condição é clara e envolve itens funcionais de mesmo tipo (p. ex., especificador e especificador ou núcleo e núcleo). Ian Roberts (comunicação pessoal) questionou-nos, quando ainda estávamos elaborando esta *condição*, sobre a possibilidade de, em inglês, *probably* (AdvP Mod_{Epistemic}) poder co-ocorrer com *might* (Mod_{Epistemic}⁰).

- (i) You *probably might* have undergone difficulties to get a closer and perfect shave without cuts. (<http://www.helium.com/tm/68531/probably-might-undergone-difficulties>) (Provavelmente você teria tido dificuldades para obter um barbear mais fino e perfeito sem cortes.)

De fato, é esperado, por razões internas à própria teoria de Cinque (1999), que o AdvP, em Spec, possa co-ocorrer com o núcleo da mesma projeção, como é o caso de (i): se há a checagem dos traços na relação de *Spec/Head agreement*, é natural que o AdvP especificador co-ocorra com o seu núcleo. O mesmo fato é possível em português:

habituais não podem co-ocorrer com advs modais tradicionais; essa condição, por nós formulada e enunciada em (17), deverá, se verdadeira, ter uma aplicabilidade mais geral em Sintaxe: deverá ser capaz de explicar as assimetrias da hierarquia funcional de Cinque (por que AdvPs que ocupam Specs distintos no IP estendido não podem co-ocorrer em nenhuma ordem (p. ex., advs de necessidade com advs de possibilidade)).

Advogando em favor de sua pertinência e adequação está a sua aplicação a outros domínios funcionais: o CP estendido de Rizzi (1997) – cf. a distribuição dos núcleos *che* e *di* no italiano e o caso das partículas *ma* e *ne* no chinês – e o DP (cf., em (18), a seguir, que o DP “o meu filho” conta com dois Ds “o”, há, portanto, a repetição do traço [referencialidade]); (19), do italiano, apresenta o mesmo problema, dada a duplicação do artigo definido *il*.

(18) * *O* meu *o* filho é muito estudioso.⁵⁴

(19) *Italiano*

* *Il il* ragazzo ha bisogno di studiare le scienze del linguaggio.

(*O o* garoto precisa de estudar as ciências da linguagem.)

Sentenças mal formadas envolvendo itens do inventário funcional da língua deverão ser explicadas em termos de *condição* τ : a gramática da língua bloqueia ocorrências envolvendo itens de um mesmo tipo alocados em um mesmo XP funcional.

Assim, a Condição τ explicará a agramaticalidade de (10 e 11) – envolvendo os itens de traço [+ polaridade negativa] *pas* e *plus* do francês –, de (12-14) – envolvendo AdvPs aléticos de necessidade e possibilidade, em virtude do traço [+ alético] por eles compartilhado –, o caso das partículas funcionais chinesas *ma* e *ne* [+Q]⁵⁵, e logicamente resolverá o nosso problema: AdvPs aspectuais habituais são modalizadores, porquanto apresentam o traço [μ] como os outros modalizadores de descomprometimento. O que viria a ser esse ‘traço [μ]’? Antes de defini-lo propriamente, com apoio em Narrog (2005) e na noção de

(ii) Normalmente, Leandro estudava matemática nas tardes de sexta.

Em (ii), *normalmente*, em Spec, checka traços com o morfema de aspecto habitual *-ava* que ocupa a posição de núcleo de Asp_{Hab}P. A condição τ não exclui, portanto, a possibilidade de Spec e núcleo de uma mesma projeção co-ocorrerem, dada a necessidade de checagem de traços. Mais do que isso, a condição τ é uma condição sobre categorias do mesmo tipo (Spec-Spec e X^0 - X^0).

⁵⁴ Dada a possibilidade de os complementos de um dado D₁ (de DP₁) conterem outros Ds encaixados – cada um com traços [+D] (de ‘referencialidade’, além de outros traços funcionais ([+ Num] [+ Gen], p. ex.)) –, m-comandados por D₁ –, deve-se desconsiderar, aqui, os DPs encaixados, que engendram um domínio próprio: “O filho do amigo do papai estuda a língua italiana no Centro de Cultura”: “[DP₁ [D₁ O [NP filho [PP de [DP₂ [D₂ o [NP amigo [PP de [DP₃ [D₃ o papai]]]]]]]]]]]...”.

⁵⁵ Será bastante pertinente pensar que, mesmo em PB (e logicamente em nenhuma língua natural, se a nossa hipótese estiver correta), não é possível gerar uma sentença boa em que ambas as distinções [+wh] e [+y/n] se façam presentes, dado o traço [+Q] compartilhado. Observe a resposta de Géia à pergunta de Rúbia:

(i) Rúbia: - Quem que a Silvete encontrou?

Géia: -??*/* Sim!

A condição τ bloqueia a sentença-resposta de Géia como agramatical, em virtude do fato de ela contar com a matriz de traços [+ wh, + y/n], o que é impossível, em virtude do fato de ambos, [wh] e [y/n], serem [+Q].

(des)comprometimento do falante (Dall’Aglío-Hattner, 1996), explorada em larga escala por literaturas de cunho funcionalista, vamos, na subseção seguinte, fazer um breve comentário sobre o descomprometimento do falante (e advs de descomprometimento), visando a formalizar essas noções.

1.2.3. O descomprometimento do falante e os advérbios modalizadores de descomprometimento

O traço μ se caracteriza pela interação de dois componentes: a modalização (no sentido de Narrog (2005)) e o descomprometimento do falante em relação ao que diz na proposição.⁵⁶

Já definimos modalização, em termos de Narrog (2005), no capítulo II (cf. seção 1.3). Segundo a definição dessa autora, os advs modalizadores são aqueles que tornam a proposição indeterminada em relação a seu estatuto de factualidade. São modalizadores em Narrog: os evidenciais (*evidentemente*), os epistêmicos (*provavelmente*), os aléticos de necessidade (*necessariamente*), os advs irrealis (*talvez*) e os aléticos de possibilidade (*possivelmente*)⁵⁷. Incluímos nesse grupo os advs habituais, já que também tornam a proposição indeterminada em relação a sua factualidade (cf. cap. I, seção 3; cap. II, seção 1.3; cap. IV, seções 2, 3, 4).

O (des)comprometimento do falante em relação ao que expressa no conteúdo proposicional é uma das extensões da modalização epistêmica e da evidencialidade (Dall’Aglío-Hattner, 1996, p. 171). Enunciados em que a modalização evidencial/epistêmica se faz presente podem ser marcados positiva ou negativamente em relação ao comprometimento. Nos casos em que o falante apresenta o estado de coisas como verdadeiro, dizemos que o enunciado é marcado positivamente no que diz respeito ao comprometimento; enunciados em que o falante apresenta dúvidas em relação ao que diz, são marcados

⁵⁶ Poder-se-ia contra-argumentar: como acomodar, em um modelo de língua-I, um ‘sujeito’ da intenção? Como tratar, numa gramática de língua-I, de questões em interface com a Pragmática? A Gramática Gerativa dos últimos anos, com os avanços na teoria sintática, tem dado vez a essa possibilidade. No modelo de Cinque (1999) *isso é possível*. O autor inclui no marcador sintagmático noções que durante anos têm ficado à margem dos trabalhos de sintaxe formal. [comprometimento] é também, em Cinque, um traço caracterizador do XP epistêmico. Essa ‘inclusão’ não é, entretanto, arbitrária: há motivações de natureza sintática para tal: Cinque baseia-se em dados de uma série de línguas e dialetos para propor, por exemplo, que o ‘descomprometimento do falante’ é sinalizado já na sintaxe da língua. Aqui estamos estendendo esse traço também aos outros XPs modais (irrealis, possibilidade e aspecto habitual), acrescentando a indeterminação da factualidade da proposição (para diferenciar do traço [comprometimento] de Cinque).

⁵⁷ É importante levar em conta o descomprometimento do falante, já que advs aléticos de necessidade (*necessariamente*) e advs evidenciais (*evidentemente*) também são modalizadores em Narrog (2005) (cf. capítulo I, seção 3). Diferenciam-se, entretanto, dos epistêmicos, irrealis, aléticos de possibilidade e aspectuais habituais pelo fato de esses, mas não aqueles, expressarem descomprometimento do falante em relação ao conteúdo proposicional.

negativamente em relação ao comprometimento (i.e., o falante se descompromete com o que diz no conteúdo proposicional).

Nesse sentido, o uso de advs epistêmicos (*provavelmente*), irrealis (*talvez*), aléticos de possibilidade (*possivelmente*) e aspectuais habituais (*normalmente*) expressam descomprometimento do falante em relação ao que diz. O falante, ao valer-se desses advs, sinaliza que não se compromete com a verdade contida no conteúdo proposicional. Assim, em

- (20) *Provavelmente/talvez/possivelmente/normalmente*, os alunos da UNICAMP almoçam no bandeirão.

o uso de qualquer um dos advs grifados expressa um descomprometimento do falante em relação ao que diz na proposição: o falante se furta de se comprometer com o valor de verdade do que está dizendo.

1.3. O traço μ

Mostramos na seção 1.2.1 que haveria traços adicionais ('secundários') aos traços específicos (definidores de cada XP em Cinque), para dar conta de assimetrias na hierarquia não previstas por esse autor: ordens que deveriam ser (logicamente) possíveis, por envolverem advs c-comandados por outros advs, são bloqueadas. Parece haver a atuação de uma outra 'força' a bloquear sentenças que contam com traços semelhantes em uma mesma projeção funcional.

Nas seções anteriores mencionamos dois aspectos importantes à caracterização de um subgrupo de modalizadores, *os modalizadores μ* , que, além de tornarem indeterminado o estatuto factual da proposição, expressam descomprometimento do falante.

É hora de formalizar, portanto, essas noções, em termos de traço. O traço μ corresponde à seguinte conceituação:

- | | |
|----------|---|
| (i) | indeterminação da factualidade da proposição; |
| E | |
| (ii) | descomprometimento do falante. |

É importante, na definição desse traço, a consideração de ambas as alíneas: (i) e (ii), pelo fato de que (ii) restringe o grupo dos modalizadores de Narrog (2005) – que também inclui os evidenciais e os aléticos de necessidade – aos seguintes advs especificadores: epistêmicos, irrealis, aléticos de possibilidade e aspectuais habituais.

Esse traço é, portanto, crucial para explicar por que AdvPs modalizadores (de descomprometimento) não podem co-ocorrer entre si nas línguas.

2. Advérbios aspectuais habituais: uma nova subclasse de modalizadores?

Como vimos, Bellert (1977) seria um dos trabalhos mais citados na literatura lingüística sobre advs sentenciais. Dentro do grupo por ela denominado – tomando como base o trabalho de Jackendoff (1972) – de “advs sentenciais”, distingue-se o subgrupo dos advs modais, cujos representantes seriam itens como *probably, certainly, surely, evidently*, por ela considerados predicados a respeito dos quais o argumento é a verdade da proposição expressa pela sentença (não o fato, evento ou estado de coisas descrito pela sentença em questão) (Bellert, 1977, p. 343). Os aspectuais habituais do tipo de *normalmente, geralmente* estariam excluídos do grupo dos modais no trabalho de Bellert e nos trabalhos seguintes, que tomaram a análise de Bellert por base.

Os testes que propomos neste capítulo deverão apresentar razões fidedignas e pertinentes para o porquê de incluir os aspectuais no grupo dos modalizadores. A partir da nossa hipótese sobre a pertinência da *Condição τ* , uma das principais evidências de que dispomos para a consideração desses itens como advs modalizadores vem do fato de os habituais não poderem co-ocorrer (no espaço IP) com outros AdvPs tratados como modalizadores pela literatura do assunto, a saber, os epistêmicos (*provavelmente*), *irrealis* (*talvez*) e *aléticos de possibilidade* (*possivelmente*).

A explicação que temos para a agramaticalidade das ocorrências a seguir acerta a natureza modalizadora dos AdvPs mencionados: AdvPs aspecto habitual, AdvPs epistêmicos, AdvPs modo irrealis e AdvPs aléticos de possibilidade compartilham o traço $[\mu]$, o que faz com que um reaja à presença de outro, se co-ocorrendo no mesmo domínio funcional (o espaço IP). Nas ocorrências a seguir, colocamos os advs modalizadores (reconhecidos pela literatura) para reagirem entre si. Estendemos o mesmo raciocínio aos habituais, colocando-os para reagir com os advs que a literatura tem reconhecido como tal. Limitamo-nos nesta seção (para a simplificação e facilitação da leitura) a apresentar, para cada caso, dados para duas ou três línguas: uma delas o PB, necessariamente.⁵⁸ Ao final de nossa dissertação, no *Apêndice*, apresentamos os resultados dos mesmos testes, aplicados às outras línguas, no intuito de corroborar o poder explicativo de nossa proposta ao tratar de um fato universal.

Epistêmicos e irrealis

- (21) **Provavelmente* os homens primitivos *talvez* caçassem/caçavam de manhã.
(22) *Hebraico*

⁵⁸ Uma vez que assumimos Cinque, segundo o qual *epistêmicos* > *irrealis* > *aléticos de possibilidade*, não há a necessidade de apresentar aqui os resultados para as ordens reversas.

- | | | | | | |
|------|--|-------------------------|---------------------|-------------|-----------------------------|
| | <i>*Kanir'e</i> | <i>Haanashim</i> | <i>hakadmonim</i> | <i>ulai</i> | <i>hayú</i> |
| | provavelmente | os homens | primitivos | talvez | Asp _{Hab} -passado |
| | <i>tsadim</i> | <i>baboker.</i> | | | |
| | caçar | de manhã | | | |
| | (Provavelmente os homens primitivos talvez caçavam de manhã) | | | | |
| (23) | <i>Japonês</i> | | | | |
| | <i>*Tabun,</i> | <i>buraziru-zin-wa,</i> | <i>mosi-ka-site</i> | | <i>ii</i> |
| | provavelmente | brasil-pessoa-TOP | talvez | | bom |
| | <i>hito-daroo</i> | | | | |
| | pessoa-marcador epistêmico | | | | |
| | (Provavelmente os brasileiros talvez são pessoas boas) | | | | |

Os dados de (21-23) apresentam os advs epistêmicos (que correspondem ao adv português *provavelmente*) e *irrealis* (*talvez*, em português), alocados na zona pré-vP, ou seja, no espaço IP, o que explica o porquê de os informantes não terem hesitado em julgá-las agramaticais.

Irrealis e aléticos de possibilidade

- (24) **/?? Talvez os teóricos dos especificadores possivelmente vão tentar responder às críticas da Adjunção.⁵⁹*
- (25) *Dialeto romano*
** Forse Maria possibilmente sta a racconta una storia ai fii.*
 (Talvez a Maria possivelmente conta uma história aos filhos)
- (26) *Lingala*
** Presque* *ba* *bresiliens* *bazali* *possiblement*
 talvez os brasileiros SER:plur possivelmente
bato *malamu.*
 pessoas boas
 (Talvez os brasileiros possivelmente são/sejam boas pessoas.)

As observações feitas ao grupo de sentenças anterior, envolvendo epistêmicos e *irrealis* devem ser estendidas aos dados de (24-26).

Epistêmicos e aléticos de possibilidade

- (27) ** Provavelmente os brasileiros possivelmente são pessoas boas.*
- (28) *Inglês*
** Probably, John possibly wins his games.*
 (Provavelmente o John possivelmente ganha seus jogos)
- (29) *Chinês*
??dagai, *Baxiren* *keneng*
 provavelmente brasileiros possivelmente

⁵⁹ Essa sentença pode ser considerada menos degradada por algum falante. Talvez haja alguma interação entre os advs μ e o *aspecto* do verbo. O aspecto habitual e o iterativo (imperfectivo, portanto) parecem interagir com os advs e possibilitar a leitura degradada. O uso do aspecto perfectivo parece gerar sentenças não tão degradadas envolvendo dois advs μ :

- (i) **/?? Provavelmente, o João talvez comeu o bolo.*
 (ii) **/?? Presumivelmente, a Claudina e a dona Maria possivelmente vêm nos visitar na sexta-feira da Paixão.*

Essa interação, que deixamos de lado na investigação presente, precisa de ser estudada em trabalhos futuros.

<i>shi</i>	<i>hao</i>	<i>ren.</i>
SER	boa	pessoa
(Provavelmente os brasileiros são pessoas boas)		

Os dados envolvendo os advs que a literatura de modo geral reconhece como modais apresentam resultados reagentes em todos os casos: haveria uma restrição a dois advs μ se alocados no mesmo domínio funcional IP (a zona pré-vP). Se os aspectuais habituais de fato forem modalizadores, espera-se que as sentenças que apresentarem aspectuais habituais e um outro modalizador sejam degradadas em algum grau.

Epistêmicos e aspectuais habituais

- (30) * Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã.
- (31) *Italiano*
 ??? Probabilmente gli uomini primitivi normalmente cacciavano di mattino.
 (Guglielmo Cinque, comunicação pessoal)
 (Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã.)
- (32) *Lingala*

* <i>Pene pene</i>	<i>ba</i>	<i>bresiliens</i>	<i>bazali</i>
Provavelmente	os	brasileiros	SER:plu
<i>généralement</i>	<i>bato</i>	<i>malamu.</i>	
geralmente	pessoas	boas	

 (Provavelmente os brasileiros geralmente são pessoas boas)
- (33) *Bósnio/servo-croata*
 ? Vjerovatno *on* obično *navraća* *u*
 Provavelmente ele normalmente vem ao
moju kancelariju.
 meu escritório
 (Provavelmente ele normalmente vem ao meu escritório.)
- (34) *Inglês* (I. Roberts, comunicação pessoal)
 *Probably primitive men generally used to hunt in the morning.
 (Provavelmente os homens primitivos geralmente caçavam de manhã.)

Tendo algum efeito modalizador, o adv de aspecto habitual reage à presença de epistêmicos, que também portam o traço [μ]. Embora o adv habitual atue como aspectualizador, gera matizes de modalização, o que explica a anomalia das ocorrências.

Irrealis e aspectuais habituais

- (35) *Talvez os homens primitivos normalmente caçavam de manhã.
- (36) *Dialeto romano*
 * *Forse Maria de solito racconta una storia ai fi.*
 (Talvez a Maria normalmente conta uma história aos filhos)
- (37) *Coreano*

* <i>Öjjömyon</i>	<i>wonsiin-eun</i>	<i>ilbangeok-euro</i>
talvez	homem primitivo:NOM	normalmente
<i>achime</i>	<i>sanhang ha kon</i>	<i>haet-et-da</i>
manhã- LOC	caça-ACC AspHab	fazer-PASS

 (Talvez os homens primitivos normalmente caçavam de manhã)

Novamente, línguas de famílias diferentes apresentam o mesmo comportamento, em relação ao efeito modalizador gerado pelo aspectual habitual.

- (38) * Possivelmente os brasileiros normalmente são boas pessoas.
(39) *Italiano*
* Possibilmente i brasiliani normalmente/di solito/solitamente sono buoni giocatori.
(Possivelmente os brasileiros normalmente/geralmente são bons jogadores.)

As sentenças apresentadas nessa seção parecem questionar a proposta de Cinque (1999), tal qual originariamente proposta: era de se esperar que advs de XPs distintos pudessem co-ocorrer entre si. A assimetria não acerta apenas os advs modalizadores, mas também a relação destes com os habituais. Esse quadro ‘inesperado’ à proposta inicial do autor não invalida, entretanto, a validade da hierarquia universal.

Conforme os julgamentos das sentenças apresentadas nessa seção, modalizadores μ não podem co-ocorrer entre si, se alocados num mesmo domínio funcional (o espaço IP, onde atuam como sentenciais). Se os AdvPs epistêmicos, irrealis e aléticos de possibilidade são modalizadores e reagem entre si, conseqüentemente os aspectuais habituais também seriam modalizadores nesse sentido, porquanto reagem à presença desses outros advs reconhecidamente modalizadores. Os dados oferecem fortes evidências de que os aspectuais habituais são modalizadores nas línguas naturais.

A condição τ explica naturalmente a agramaticalidade das sentenças discutidas nesta seção, envolvendo advs de descomprometimento: esses AdvPs compartilham o traço $[\mu]$ e estão alocados no mesmo domínio funcional, o espaço IP.⁶⁰

Na seção 3, apresentamos os casos que poderiam falsear a nossa hipótese sobre o efeito modalizador dos advs de aspecto habitual, por não envolverem as restrições da condição τ . Como veremos, *esses casos em nada afetam a validade do nosso achado*, já pelo fato de não sofrerem as restrições dessa condição.

3. Alguns aparentes contra-exemplos

Há casos em que é possível encontrar dois advs μ (ou, como vamos mostrar, um adv μ , posicionado em IP – espaço designado pela UG para a atuação de advs sentenciais (cf. cap. III) – e um adverbial homófono de um outro μ) em uma mesma ocorrência. Esses casos não invalidam, entretanto, a nossa análise sobre o efeito modalizador dos aspectuais habituais.

⁶⁰ No capítulo III, havíamos intuitivamente introduzido a condição τ , quando tratamos da impossibilidade, nas seções 2, 3 e 4, de advs modalizadores que expressam descomprometimento de co-ocorrerem entre si no espaço IP. O IP estendido de Cinque é a zona que a UG disponibiliza a AdvPs sentenciais. Estão fora, portanto, dessa restrição os casos em que os padrões canônicos de ordenação de advs forem rompidos. Estão fora também os casos em que um homófono do adv μ se aloca na zona direita da sentença para focalizar um XP. Enfim, essa condição envolve os casos em que os advs μ aparecem em sua configuração canônica, i.e., à esquerda de vP, no espaço IP.

Os casos de homofonia, em relação aos aspectuais habituais, envolvem adverbiais que atuam como focalizadores não-inerentes e advs que atuam em XPs mais baixos (Spec-Asp_{Frequentative}P(I), p. ex.).

3.1. Quando um AdvP μ é um focalizador

Um dos casos em que é possível a co-ocorrência de um aspectual habitual e um outro adv μ é quando o aspectual habitual é um focalizador não inerente:

- (40) Probabilmente gli uomini primitivi cacciavano normalmente di mattina. (Guglielmo Cinque, comunicação pessoal)
(Provavelmente os homens primitivos caçavam normalmente de manhã)

Em (40), o AdvP *normalmente*, que precede o PP *di mattina*, aí se aloca justamente para focalizar esse PP. Devemos tratar de *normalmente*, em (40) como um focalizador, cf. a paráfrase a seguir:

- (40a) I storicamente non sappiamo perfettamente se cacciavano *la mattina o la sera*.
(Não sabemos, historicamente, se caçavam *de manhã* ou *de noite*).

Estamos, portanto, em (40a), diante de um caso de foco contrastivo. Esses casos de aproveitamento de um adv homófono de um AdvP alto na zona direita da sentença – como focalizador não-inerente – foram já explorados no capítulo anterior. Basta aqui dizer que as observações feitas naquele capítulo, se estendem aos advs de aspecto habitual. Nesses casos, o adverbial é um focalizador. Em Cinque (1999), o aproveitamento de AdvPs como focalizadores é tratado como um caso de aparente restrição à hierarquia universal. Nesse sentido, apoiando-nos no próprio Cinque (1999), podemos verificar que a sentença (40) não invalida as nossas observações. Basta confrontá-la com (41):

- (41) ??? Probabilmente gli uomini primitivi normalmente cacciavano di mattino. (G. Cinque, comunicação pessoal)
(Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã)

e com (40a), acima. (42), a seguir, também é agramatical: *normalmente/di solito* precede o VP e não estamos diante de um caso de focalização.

- (42) *Probabilmente Silvia di solito/normalmente giocava a pallavolo con le sue amiche.
(Provavelmente a Silvia normalmente jogava vôlei com as suas amigas.)

Há ainda casos em que o adv *normalmente*, embora esteja precedendo o predicado de uma SC, ainda atua como focalizador. Trata-se dos casos a seguir, do grego.

<i>Grego</i>					
(43)	<i>Pithanos</i>	<i>i</i>	<i>Braziliani</i>	<i>ine</i>	<i>sinithos</i>
	Provavelmente	os	brasileiros	são	normalmente
	<i>kali</i>	<i>antropi</i>			
	boas	pessoas			
	(Provavelmente os brasileiros normalmente são pessoas boas)				
(44)	<i>Isos</i>	<i>i</i>	<i>Braziliani</i>	<i>ine</i>	
	Talvez	os	brasileiros	são	
	<i>sinithos</i>	<i>kali</i>	<i>antropi.</i>		
	normalmente	boas	pessoas.		
	(Talvez os brasileiros normalmente são pessoas boas.)				

(43'-44')

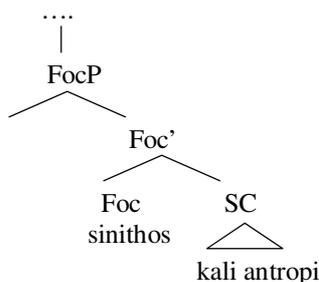


Fig. 13 – O FocP [*sinithos kali antropi*]

Como capturar o valor focalizador do adv de aspecto habitual *sinithos* em (43-44)? Uma saída é aplicar o teste da oração focal (Quirk et al., 1972, 1985). Aplicamos o correspondente em inglês e pedimos o parecer de Artemis Alexiadou (comunicação pessoal). Segundo ela, em (43-44), *sinithos* parece, de fato, atuar como focalizador e as paráfrases (43a, 44a) se aplicam, segundo ela, às sentenças (43-44):

- (43a) It is usually good people that probably Brazilians are.
(É normalmente boas pessoas que provavelmente os brasileiros são.)
- (44a) It is usually good people that perhaps Brazilians are.
(É normalmente boas pessoas que talvez os brasileiros são/sejam.)

Casos envolvendo homófonos dos advs μ como focalizadores não devem, portanto, constituir uma ameaça à nossa hipótese sobre o valor modalizador dos advs habituais. Já em Cinque (1999, p. 3-4), o aproveitamento focalizador de advs é apresentado como um caso que poderia *apenas aparentemente* falsear sua proposta de ordenação hierárquica dos 32 XPs funcionais. Na esteira de Cinque, portanto, justificamos o uso focalizador do adv como argumento para sustentar que, nesse caso, já não se trata de um adv μ sentencial, mas de um adv μ focalizador homófono.

3.2. Quando um AdvP está na posição de Spec de um outro AdvP

Uma das alíneas em que Cinque apresenta um dos casos em que a ordenação hierárquica universal de AdvPs é (apenas) aparentemente violada refere-se a quando um adv atua como modificador de um outro adv, ocupando a posição de especificador do referido

- Italiano*
 (48) ??? Probabilmente Silvia forse gioca a pallavolo.
 (Provavelmente a Sílvia talvez jogue vôlei.)
 (47) a. ?? Gianni probabilmente sarà forse ancora in grado di aiutarci.
 (O G. provavelmente estará talvez ainda em condições de nos ajudar)

é possível perceber que ocorrências envolvendo os mesmos AdvPs que (47), com material sentencial intervindo entre eles (cf. (48) e (47a)), entretanto, são consideradas degradadas. Nesse sentido, (47) teria sido aceita tão somente pelo fato de um AdvP atuar como modificador do outro, posicionando-se, portanto, em Spec desse outro AdvP.⁶¹

3.3. Quando a Sintaxe de uma língua particular dispõe apenas de adverbiais para a marcação formal do aspecto

Línguas como o alemão, em que o aspecto vem expresso via advs, sentenças do tipo de:

- (49) *Alemão*
Wahrscheinlich *haben* *die primitiven* *Menschen* *normalerweise*
 provavelmente ter os primitivos homens normalmente
am morgen *gejagt.*
 de manhã caçar.
 (Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã)

são consideradas gramaticais. Ao passo que sentenças do tipo de:

- (50) *Alemão*
 * *Wahrscheinlich* *haben* *die* *primitiven* *Menschen*
 provavelmente ter os primitivos homens
möglicherweise *am* *morgen* *gejagt.*
 talvez de manhã caçar.
 (Provavelmente os homens primitivos talvez caçavam/caçassem de manhã)

são degradadas. O que explica a gramaticalidade de (49), que envolve dois advs μ , a saber, *wahrscheinlich* (provavelmente) e *normalerweise* (normalmente) e a agramaticalidade de (50), que também envolve dois advs μ , *wahrscheinlich* (provavelmente) e *möglicherweise* (talvez)?

O problema reside no fato de o aspecto imperfectivo em alemão ser expresso via advs (*immer* (sempre), *oft* (frequentemente), *normalerweise* (normalmente)). Nesse sentido, em

⁶¹ Na realidade, (47) foi considerada degradada pela nossa informante italiana. (47) é considerada gramatical, em Cinque (1999), motivo porque trazemos a sentença à discussão. O problema foi Cinque ter-se valido de (47) para postular a ordenação AdvPs epistêmicos (*probabilmente*, *provavelmente*) > AdvPs irrealis (*forse*, *talvez*). Como valer-se de uma ocorrência em que um AdvP ocupa a posição de Spec de um outro AdvP (tendo o adv *probabilmente* escopo (apenas) sobre o AdvP *forse* e o complexo *probabilmente forse*, escopo sobre toda a sentença) para legitimar uma ordenação hierárquica em que supostamente *probabilmente* e *forse* ambos seriam sentenciais? (47) jamais poderia ser utilizada para legitimar essa ordenação. O mais estranho é o fato de o próprio Cinque propor que casos em que um AdvP ocupa a posição de Spec de um outro AdvP não tornam ilegítimas as relações hierárquicas.

(49), o adv *normalerweise* (*normalmente*) não concorre com *wahrscheinlich* (*provavelmente*) para a indeterminação da factualidade da proposição. *Normalerweise* atua para a expressão da imperfectividade, o que explica a gramaticalidade da sentença em que co-ocorrem. Já em (50), *wahrscheinlich* concorre com *möglicherweise* (*talvez*), o que explica a má formação da sentença: ambos são AdvPs μ e nenhum dos dois está na sentença para outros fins (como *normalerweise* em (49)).

Sentenças do tipo de (51) serão possíveis apenas se *normalerweise* atuar como modificador de *immer* (*sempre*). Não é possível alocar *normalerweise* em outra posição:

- (51) *Alemão*
Wahrscheinlich *haben die primitiven Menschen*
 provavelmente ter os primitivos homens
normalerweise *immer am morgen gejagt.*
 normalmente sempre de manhã caçar.
 (Provavelmente os homens primitivos normalmente sempre caçavam de manhã)

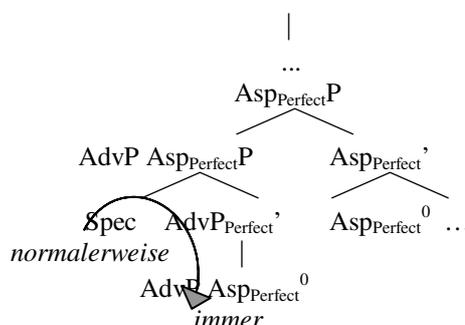


Figura 15 – [Spec-AdvP_{Perfect}P *normalerweise* [AdvPAsp_{Perf}⁰ *immer*]]

A impossibilidade de alocação de *normalerweise* em outra posição se deve provavelmente ao fato de *normalerweise* se chocar com *wahrscheinlich* (*provavelmente*), um outro AdvP μ , dada a restrição imposta pela condição τ . Logo, se *immer*, na sentença, serve à expressão do aspecto, *normalerweise* estaria “livre” para atuar como adv μ . Estando *wahrscheinlich* a desenvolver essa função, a co-ocorrência deste AdvP com *normalerweise* é bloqueada pela condição τ .

3.4. Quando se cria um contexto que legitime apenas a leitura aspectual do AdvP

Houve sentenças (envolvendo um adv habitual e um outro AdvP μ , ambos posicionados em IP) que os informantes de algumas línguas como o inglês e o japonês julgaram como possíveis. As ocorrências a seguir, do inglês, ilustram esses casos:

- (52) *Inglês*
 a. – Why does John’s wife always answer the phone?
 – ?Perhaps John is usually busy.

- (Por que a mulher do John sempre atende o telefone?
Talvez o John normalmente esteja ocupado)
- b. – Why does John always win?
– Possibly John usually cheats.
(Por que que o John sempre ganha?
Possivelmente o John normalmente trapaceia.)

Em (52), o adv *always* (*sempre*) da frase anterior, legitima a leitura tão somente aspectual do AdvP *usually* (*normalmente*), o que permite a sua co-ocorrência com *perhaps* (*talvez*), em (52a), e com *possibly* (*possivelmente*), em (52b). Não há violação da condição τ , já pelo fato de *usually* instanciar tão somente uma leitura aspectual,⁶² não mais modalizadora nesse caso.

Estamos seguros sobre o valor tão somente aspectual de *usually* nesses casos: *always* legitima a leitura aspectual do adv que pode co-ocorrer com um AdvP μ , sem prejuízo de gramaticalidade para a sentença. Entretanto, não está ainda de todo claro em que posição *usually* seria gerado nesse caso. Certamente não seria gerado na posição de Spec-Asp_{Hab}P, por não ser, nesse caso, um adv aspectual habitual (aspectuais habituais acionam leitura modalizadora). Provavelmente, o adv *usually* seria um AdvP Asp_{Frequentative}, nessas circunstâncias, dado o fato de o aspecto habitual e o aspecto freqüentativo (iterativo) serem, por vezes, reconhecidos por falantes de algumas línguas como a manifestação de uma mesma distinção aspectual.

Além disso, os dados a seguir parecem sugerir que, em casos semelhantes a esses, *geralmente* e *habitualmente*, no PB, seriam gerados na posição de Spec-Asp_{Frequentative}P, por co-ocorrerem com *provavelmente* ou *normalmente* em sentenças de contexto como as anteriores:

- (53) A: – Por que que a comadre Nereide sempre atende o telefone?
B: – Normalmente/provavelmente o compadre Sebastião
geralmente/habitualmente/freqüentemente está ocupado

Essas observações são de caráter apenas tentativo, mas parecem validar as observações do parágrafo anterior sobre os casos em que *normalmente*, *geralmente*, *habitualmente* etc. seriam gerados em posição mais baixa na hierarquia. Nos casos em que os advs *normalmente*, *geralmente*, *habitualmente* co-ocorreriam com um outro modalizador μ , eles seriam advs iterativos/freqüentativos (da mesma classe de *freqüentemente*) (cf. (53)).

⁶² Há um detalhe interessante sobre esses dados de (52). Pedimos a Eric Potsdam (Universidade da Flórida), comunicação pessoal, o julgamento de sentenças envolvendo *perhaps/probably* e *usually*, alocados no espaço pré-vP, onde atuariam como sentenciais. Potsdam julgou necessário a criação de um contexto para dar os julgamentos. Assim, claro está, há um aproveitamento modalizador dos aspectuais habituais de fato, tanto que, para facilitar o julgamento, o informante criou um contexto (em que o adv *usually* não seria modalizador, apenas aspectual) que conduziu à gramaticalidade da ocorrência.

As observações feitas aos dados de (52), para o inglês, estendem-se ao PB:

(54)

Hubert: - O Nakajima sempre ganha medalhas nas Olimpíadas de Matemática. Ele é um CDF! Puxa-vida! que gênio que ele é!!! Ele sempre treina exercícios de matemática, né?

Thomas: - Provavelmente ele normalmente estuda durante a manhã na escola e treina à tarde em casa.

(55)

Artemis: - Nossa, o Guglielmo emagreceu tanto! Jesus! O que que ele fez?

Noam: - É, ele tá treinando na academia perto de casa e fazendo regime.

Irena: - Regime!? Mas eu sempre vejo ele (o vejo!) lá na cantina comendo salgado!

Noam: - É! Provavelmente ele normalmente come salgado na cantina pra não ir de barriga vazia para a academia.

(56)

Margarete: - A Dagmar raramente vem aqui em casa para visitar a vovó Anunciata! Isso me deixa tão chateada!

Patrícia: - Provavelmente elas normalmente se vêem na feira: a vovó não sai de lá!

Os dados (54-56), acima, conduzem a uma leitura tão somente aspectual do adv *normalmente*, tanto que é possível a sua co-ocorrência com *provavelmente*, um outro adv μ . Não há violação da condição τ : *normalmente*, nesse caso, não é um modalizador, apenas um adv aspectual. Conforme dissemos antes, propomos, tentativamente, que, nesses casos, o adv *normalmente* seria um outro item lexical, gerado em Spec-Asp_{Freq}P, já não seria um adverbial habitual, porquanto os habituais acarretam modalização.

Em (57), a seguir, propomos uma leitura modalizadora para o adv *normalmente*. A condição τ bloqueia a sentença, por contarmos com dois advs μ no espaço IP:

(57) (Em um congresso de Sintaxe, Aquiles e Sonia apresentam a dissertação de mestrado de Aquiles):

Debatedor (para Aquiles): - Eu não estou cá muito certo, estou bastante mais confuso. (Es)tava eu cá a pensar um bocadinho... Não sei bem onde queres chegar com esses dados. Parece-me que anterior aos dados forçaste uma leitura, um contexto que induziu, mediante uma série de testes a envolver advérbios de incerteza, os teus informantes a julgarem agramaticais as sentenças com advérbios “mi” tradicionais e os teus aspectuais habituais. Não estou muito certo, mas provavelmente teríamos que mudar um pouco a tua metodologia, para capturar, portanto, dados menos artificiais. Não acho também que seja muito produtivo andar cá e lá a colectar dados via e-mail, sem um controle talvez um pouco assim bastante mais preciso. Parece-me que esse conjunto de factores interferiu directamente nos teus resultados.

Aquiles: - Sonia, já discutimos isso bastante na sua sala. Quer comentar?

Sonia: - As coisas não parecem ser bem assim. Pode ser que você tenha alguma razão em relação à hipótese inicial ter influenciado os julgamentos para o PB, já que foram julgados pelo Aquiles, por mim, e pelos colegas dele que já conheciam a proposta da pesquisa dele. Quanto aos e-mails, pode ser que até fosse preciso mesmo um controle maior. Ele bem que se esforçou! Enviou e-mails e mais e-mails, mas infelizmente não podemos exigir muito dos falantes-informantes nesse tipo de interação. A cada julgamento de sentença inesperado, ele enviava novos e-mails, com outros testes para capturar qual era de fato o valor do advérbio em questão. Mas, mesmo no caso dos dados coletados face-a-face, é desgastante para o informante esse tipo de exercício. Os informantes provavelmente se baseiam sim em um contexto para fornecerem os julgamentos. Mas há casos claros em que sequer o falante sabia qual era o objetivo do Aquiles: para L. P., informante do bósnio, por exemplo, ele sequer chegou a comentar o que queria com aqueles dados e os julgamentos foram pontuais: “Vjerovatno” (provavelmente) soa muito estranho com “obično” (normalmente). Já H. N., de quem Aquiles aproveitou a definição de modalização, e que tinha discutido a proposta com o Aquiles e considerado possível estender a definição dele aos advérbios de aspecto habitual, julgou

“tabun” (provavelmente) e “hutuu” (normalmente) possíveis na mesma sentença, e acredita na possibilidade de os advérbios de aspecto habitual serem modalizadores, se se tomar a sua definição.

Debatedor: ?? - Provavelmente, eles normalmente dão o julgamento que lhes parece mais natural.

(57) ilustra um caso de *normalmente* como adv μ , o que bloqueia o seu uso concomitante ao de *provavelmente*.

Sentenças em que a co-ocorrência de um adv μ com um adv de aspecto habitual são possíveis, como as apresentadas a seguir – para o japonês e para o hindi –, se devem certamente ao fato de o falante considerar apenas o valor aspectual do adv habitual:

- (58) *Japonês*
Tabun, provavelmente *buraziru-zin-wa*, brasil-pessoa-TOP *hutuu* normalmente
ii hito-daroo. bom homem-marcador epistêmico
 (Provavelmente os brasileiros normalmente são boas pessoas)
- (59) *Mosikasite* talvez *buraziru-zin-wa* brasil-pessoa-TOP *hutuu* normalmente
ii hito kamosirenai bom homem kamosirenai
 (Talvez os brasileiros normalmente são boas pessoas)⁶³
- (60) *Hindi*
Sambhavtah provavelmente *vo aadatanusaar* ela habitualmente *bacoon* crianças
ko kahaanii sunaatii para história contar *hai* SER:PRESENTE
 (Provavelmente ela habitualmente conta histórias às crianças)
- (61) *Shaayad* talvez *vo aadatanusaar* ela habitualmente *bacoon* crianças
ko kahaanii sunaatii para história contar *hai* ser:PRES
 (Talvez ela habitualmente conta a história para as crianças.)

Casos semelhantes a esses, em que é possível a co-ocorrência de um adv habitual e um outro adv μ , são encontrados no hebraico. Assim, uma sentença do tipo de:

- (62) *Hebraico*
Hu kanir'e be-derex klal me'axer.
 Ele provavelmente normalmente chega tarde.
 (Provavelmente, ele costuma atrasar)

admite a paráfrase (em inglês):⁶⁴

⁶³ Heiko Narrog e Tomoko Sakama (comunicação pessoal) consideram as sentenças envolvendo *tabun/mosikasite* e *hutuu* gramaticais. Entretanto, estão de acordo sobre o efeito modalizador de *hutuu* (adv de aspecto habitual). H. Narrog, em particular, é a teórica de cuja definição de modalização nos valem. Em seu trabalho (Narrog, 2005), H. Narrog não menciona os aspectuais habituais como modalizadores. Mas, em comunicação pessoal, diz concordar sobre a inclusão desses advs no grupo dos modalizadores, tendo em vista a sua definição sobre modalização.

⁶⁴ Agradecimentos à atenção, comentários e o julgamento da sentença, por Zohar Livnat.

- (62a) It is probable that he arrives quasi/almost always late, not almost always early.
(É provável que ele chega quase sempre tarde, não quase sempre cedo)

(62a) deixa claro que, em (62), o adv *be-dereḥ klal* (*normalmente*) não foi empregado como modalizador, motivo por que é possível a sua co-ocorrência com o adv μ *kanir'e* (*provavelmente*). Em hebraico, não há morfemas que indicam aspecto habitual. (Zohar Livnat, comunicação pessoal). O aspecto habitual/iterativo no presente é expresso através dos equivalentes hebraicos das expressões modais *todo dia, sempre, em geral* etc. ou do verbo *costumar*. (Eliana Langer, comunicação pessoal).

Assim, evidente está, o adv *be-dereḥ klal* não foi empregado como adv μ : antes, serve à expressão da iteratividade, que envolve, por sua vez uma leitura contrastiva (*ele chega tarde, não cedo*). Casos como esse, portanto, estão longe de serem contra-argumentos ao uso modalizador dos advs de aspecto habitual.

Não obstante esses aparentes contra-exemplos, a hipótese do traço μ , que assegura o valor modalizador dos AdvPs habituais, apresenta-se como um critério sintático interessante para o reconhecimento de AdvPs modalizadores.

Os casos em que um adv classificado como 'aspectual habitual' não gera efeito modalizador (como nas ocorrências apresentadas nesta seção, em que o suposto habitual atuava tão somente como adv aspectual/quantificador e não como habitual modalizador) devem ser postos à parte, e considerados tão somente como instâncias do aproveitamento iterativo do adverbial. Ao que nos parece, o adv *normalmente* não é um adv de aspecto habitual nos usos (58-62), mas um adv de aspecto iterativo (ou freqüentativo). Seria um caso de homonímia: uma mesma forma adverbial como *normalmente/usually/solitamente/etc.* seria (i) aspectual habitual e, portanto, μ – nos contextos em que não haveria outras 'forças' para o aproveitamento desses advs para outras funções, como as mencionadas nessa seção –, ou (ii) aspectual freqüentativo/iterativo – quando co-ocorreria com um adv μ –.

Como vimos anteriormente, na literatura, diz Comrie (1976), por vezes o aspecto habitual tem sido confundido com o iterativo (freqüentativo). Provavelmente, nos casos envolvendo um adv μ (*provavelmente, talvez, possivelmente*) e o aspectual *normalmente*, este último seria tão somente aspectual iterativo/freqüentativo (Spec de um XP mais baixo do que Spec-Asp_{Hab}P).

No entanto, não dispomos até o momento de dados que identifiquem com clareza o Spec de qual XP aspectual o adv *normalmente* não habitual (não- μ , portanto) ocupa. O fato de crermos que nesses casos ele seja um homônimo freqüentativo/iterativo do habitual explica-se pela seguinte razão: a confusão na literatura (segundo Comrie, 1976) sobre o que considerar aspecto habitual e sobre o que considerar aspecto iterativo pode indicar que essas noções

aspectuais sejam bastante próximas, sendo por vezes reconhecidas por alguns falantes como categorias não-discretas. Artemis Alexiadou (comunicação pessoal), por exemplo, considera degradada a sentença:

- (63) *Grego*
 ?? *Sinithos* *i* *proistoriki* *anthropi* *kinigusan*
 Normalmente os pré-históricos pessoas caçavam-3plur
sihna
 freqüentemente *to proi*
 de manhã.
 (Normalmente, os homens primitivos freqüentemente caçavam de manhã)

Um dado como esse parece mostrar que em línguas como o grego moderno não haveria uma distinção entre aspecto habitual e aspecto freqüentativo. Baseando-nos nesses casos, vamos propor, tentativa e provisoriamente, que nos usos não modalizadores de *normalmente*, o adv empregado seria um homônimo do *normalmente* habitual; ou seja, um *normalmente* freqüentativo/iterativo. Esse quadro aponta para a necessidade de estudos futuros.

4. AdvPs de aspecto habitual > AdvPs de freqüência

O problema trazido à luz na seção anterior – sobre a distinção aspecto habitual/aspecto freqüentativo – envolve uma questão bastante complexa: alguns informantes (inclusive lingüistas que trabalharam com AdvPs aspectuais) relutam em considerar AdvP Asp_{Habitual}P e AdvP Asp_{Frequentative}P como advs distintos.

Santana (2005), por exemplo, considera que AdvPs de aspecto habitual (*habitualmente*, *normalmente*, *geralmente*) constituiriam, com os advs freqüentativos (*freqüentemente*), uma única classe no PB. A discussão que apresentamos a seguir argumenta *contra* essa proposta, já pelo fato de os primeiros, mas não os segundos, atuarem como modalizadores não só no PB, mas universalmente.

Para Santana, um aspectual habitual não poderia co-ocorrer com um AdvP de freqüência no PB. Os dados de (64), a seguir, (cf. (94), de Santana, 2005) são as sentenças de que este autor se vale para chegar a essa conclusão.

- (64) a. *Usualmente geralmente ele não come carne.
 b. *Habitualmente geralmente ele não come carne.

Entretanto, ao que nos parece, haveria aqui uma confusão em relação ao que se considerar como adv representante da classe dos aspectuais habituais ou da classe dos aspectuais de freqüência. *Geramente* e *usualmente* pertencem à mesma classe de AdvPs, a

saber, a classe dos advs aspectuais habituais. O problema da interpretação dos dados de (64), por Santana, tem que ver, parece-nos, com o fato de ele ter considerado *geralmente* um AdvP de freqüência.

Usualmente e *geralmente* na zona pré-VP são advs da mesma classe, motivo por que não podem co-ocorrer. Evidência adicional para o fato vem dos dados a seguir, em que *geralmente* – genuinamente um AdvP de aspecto habitual – precede um AdvP de freqüência, como *frequentemente*, mas não o pode seguir, estando os dois alocados na zona pré-VP, ou seja, no espaço do IP estendido de Cinque (1999):

- (65)
- a. Geralmente os brasileiros frequentemente são pessoas boas.
 - b. Geralmente os homens primitivos frequentemente caçavam de manhã.
 - c. Geralmente, Fábio, Rosana e Castorina frequentemente estudam juntos para os exames da escola.
 - d. Usualmente/normalmente, o bandeirão da UNICAMP frequentemente serve maçã de sobremesa.⁶⁵
 - e. Usualmente, Seu Agenor faz frequentemente caminhada antes das corridas de táxi.

Como se vê, nos dados acima, AdvPs habituais co-ocorrem com AdvPs de freqüência, o que mostra que em PB a co-ocorrência é possível: habituais e frequentativos não constituem, portanto uma mesma classe (diferentemente do que Santana (2005) propõe). A ordem reversa não é possível, o que era já esperado em termos de Cinque (1999) (cf. ocorrências de (65') a seguir):

- (65')
- a. ?/* Frequentemente, os brasileiros geralmente são pessoas boas.
 - b. ?/* Frequentemente, os homens primitivos geralmente caçavam de manhã.
 - c. ?/* Frequentemente, Fábio, Rosana e Castorina geralmente estudam juntos para os exames da escola.
 - d. ?/* Frequentemente, o bandeirão da UNICAMP usualmente/normalmente serve maçã de sobremesa.
 - e. ?/* Frequentemente, Seu Agenor usualmente faz caminhada antes das corridas de táxi.

Evidência adicional para a pertença dos AdvPs *normalmente/geralmente/usualmente* e *frequentemente* a XPs diferentes em PB vem do comportamento distinto desses AdvPs diante de ocorrências envolvendo alguns predicados *i-level* (no sentido de Chierchia, 1995), como se observa no par de sentenças a seguir:

- (66)
- a. Geralmente/normalmente, os brasileiros são pessoas boas.
 - b. ?? Frequentemente, os brasileiros são pessoas boas.

⁶⁵ No dialeto do interior de São Paulo, tomado como base para a maioria dos julgamentos das sentenças do PB, o AdvP *usualmente* é muito pouco comum. Utilizamos, entretanto, esse AdvP aqui para “dialogar” com as ocorrências de Santana (2005).

AdvPs habituais, por admitirem uma leitura modalizadora, aceitam a co-ocorrência com predicado *i-level*, em sentenças do tipo de (66) (cf. (66a)). Sentenças do tipo de (66b), envolvendo AdvPs de frequência, não admitem a leitura modalizadora, o que talvez explique, em certo sentido, a sua anomalia. Certamente, esse fato pode ser tomado como evidência independente para a constatação do efeito modalizador dos advs de aspecto habitual e, conseqüentemente para a pertença desses AdvPs a XPs distintos do XP a que pertencem os freqüentativos.

Esse fato também é observado no japonês. Segundo os dados a seguir, fornecidos por H. Narrog (comunicação pessoal), *hutuu* (*normalmente*) pode aparecer em uma sentença com predicado *i-level*; já *yoku* (*freqüentemente*), não pode, fato que, além de apontar para a natureza modalizadora do primeiro, serve para mostrar por que deveriam ser mantidos em Specs de XPs distintos.

<i>Japonês</i>				
(67)	Hutuu-wa	buraziru-zin-wa	ii	hito-tati-da.
	normalmente-top	brasil-pessoa-top	boa	homem-plu-cop
	(Normalmente, os brasileiros são boas pessoas.)			
(68)	? Buraziru-zin-wa	yoku	ii	hito-da
	brasil-pessoa-top	freqüentemente	boa	homem-cop
	(Freqüentemente, os brasileiros são boas pessoas)			

Assumindo-se Cinque (1999), espera-se que AdvPs habituais sejam hospedados em Spec Asp_{Habitual}P e que AdvPs frequência ocupem a posição Spec de Asp_{Freqüentative}P. Já em Cinque (1999, p. 90 *et. seq.*), este fato é claro para o italiano e para as línguas investigadas naquele trabalho. As ocorrências acima, do japonês, e as ocorrências a seguir, de nosso banco de dados e de Cinque (1999), corroboram a pertinência – dada a universalidade dos fatos da Sintaxe – de se manter habituais e freqüentativos em XPs distintos por pertencerem a classes distintas:⁶⁶

- | | | |
|------|----|--|
| (69) | a. | Di solito Laura spesso fa le spese con Silvia. |
| | b. | Normalmente, a Laura freqüentemente faz as compras com a Silvia. |
| (70) | a. | Mario è di solito spesso costretto a rimanere a casa. (C) |
| | b. | Normalmente o Mário é freqüentemente obrigado a ficar em casa. |
| (71) | a. | *? Mario è spesso di solito costretto a rimanere a casa. (C) |
| | b. | * Freqüentemente o Mário é normalmente obrigado a ficar em casa. |

Segundo os dados de (69-71), se um AdvP habitual precede um AdvP de frequência indefinida, a sentença é possível; as sentenças de (71), que apresentam a ordem reversa, são degradadas. As ocorrências de (69b, 70b e 71b) são evidências adicionais para o fato de que

⁶⁶ Para os exemplos de (69-71), as ocorrências (a) são sentenças do italiano; as ocorrências (b) são versões de (a), para o PB, com julgamentos; por isso, dispensam as glosas de (a). As ocorrências do italiano indicadas por (C) foram retiradas de Cinque (1999, p. 91). As outras, de nosso banco de dados.

normalmente/geralmente e freqüentemente ocupam a posição de Spec de XPs distintos no PB (contrariamente à análise de Santana (2005)).

Também no japonês, no chinês e no coreano, AdvPs habituais podem co-ocorrer com AdvPs de freqüência (cf. (72), a seguir, do japonês, (73), do mandarim chinês e (74) do coreano). De acordo com (72a) e (73a), AdvPs habituais > AdvPs freqüentativos em chinês e coreano, já que o inverso não é possível ((72b) e (73b)):

- (72) *Japonês*
Gensi-zin-tati-wa hutuu asa-ni
 primitivo-pessoa-plu-top normalmente manhã-adv
yoku kari-o si-ta mono-da
 freqüentemente caçar-ACC fazer-pASS coisa-cop
 (Geralmente os homens primitivos freqüentemente caçavam de manhã.)
- (73) *Chinês*
 a. *Tongchang, yuanchi ren changchang*
 geralmente primitiva pessoa freqüentemente
zai zaoshang dalie
 de manhã caçar
 (Geralmente os homens primitivos freqüentemente caçavam de manhã.)
 b. * *Changchang yuanchi ren tongchang zai zaoshang dalie.*
 (Freqüentemente os homens primitivos geralmente caçavam de manhã)
- (74) *Coreano*
 a.) *Ilbangeok-euro/daetchero wonsiin-eun*
 normalmente/geralmente homem-primitivo:NOM
jaju achime sanhang ha kon haet-et-da
 frequentemente manhã-LOC caça-ACC AspHab fazer-PASS
 (Normalmente os homens primitivos freqüentemente caçavam de manhã)
 b.) * *Jaju wonsiin-eun ilbangeok-euro/daetchero*
 freqüentemente homem-primitivo:NOM normalmente/geralmente
achime sanhang ha kon haet-et-da
 manhã-LOC caça-ACC AspHab fazer-PASS
 (Freqüentemente os homens primitivos normalmente/geralmente caçavam de manhã)

(72), (73) e (74) oferecem mais evidências para a pertinência de se considerar os advs aspectuais habituais e os advs de freqüência indefinida (iterativos) como advs de natureza diferente. Não só no PB esses itens ocupam Specs de XPs distintos, mas também no italiano, chinês, japonês e coreano (e, na esteira de Cinque (1999), nas demais línguas).⁶⁷

As ocorrências a seguir, fornecem motivações adicionais para se propor que esses advs ocupam posições de Spec de XPs distintos: Asp_{Hab}P e Asp_{Frequentative}P (ainda que falantes de algumas línguas, consideram esses advs como pertencentes a uma mesma classe).⁶⁸

- (75) a. Probabilmente/forse/possibilmente Sempronio freqüentemente lavora fuori.

⁶⁷ O problema do grego, que nos foi apontado por A. Alexiadou (comunicação pessoal) necessita de investigação futura.

⁶⁸ As sentenças em (a), do italiano, apresentam o correspondente, em (b), para o PB, com julgamento de gramaticalidade, motivo por que omitimos a tradução.

- (76) b. Provavelmente/talvez/possivelmente o S. freqüentemente trabalha fora.
 a. * Probabilmente/forse/possibilmente i brasiliani normalmente/di solito/solitamente sono buoni giocatori.
 b. * Provavelmente/talvez/possivelmente os brasileiros normalmente são bons jogadores.
- (77) *Coreano*
 a.) Amado/ǒjjǒmyon wonsiin-eun jaju
 provavelmente/talvez homem primitivo:NOM freqüentemente
 achime sanhang ha kon haet-et-da
 manhã- LOC caça-ACC AspHab fazer-PASS
 (Provavelmente/talvez os homens primitivos freqüentemente caçavam de manhã)
- b.) *Amado/ǒjjǒmyon wonsiin-eun daetchero
 provavelmente/talvez homem primitivo: NOM normalmente
 achime sanhang ha kon haet-et-da
 manhã- LOC caça-ACC AspHab fazer-PASS
 (Provavelmente/talvez os homens primitivos normalmente caçavam de manhã)

(75-77), acima, fornecem evidências independentes para a pertença de *normalmente* e *freqüentemente* a XPs distintos, dado o fato de o primeiro, habitual, não poder co-ocorrer com AdvPs modalizadores (cf. ocorrências de (76a,b e 77b)); o segundo, *freqüentemente*, pode co-ocorrer com modalizadores (cf. (75a,b e 77a)), dado o fato de *freqüentemente* não ser de natureza modalizadora. Tomamos esse fato como evidência adicional para a pertinência de se manter os AdvPs aspectuais *normalmente* e *freqüentemente* em Specs de XPs distintos, diferentemente do que sugerira Santana (2005).

Há ainda dois pontos importantíssimos aqui sobre os dados (75-77) que vale a pena discutir. Como dito anteriormente, Jon Ortiz de Urbina (comunicação pessoal) sugeriu-nos que o efeito modalizador dos advs de aspecto habitual poderia ser uma questão de implicatura pragmática, não um problema de sintaxe/semântica, propriamente dito, pois o efeito mitigativo de descomprometimento do falante que emerge pelo uso do adverbial aspectual se deve ao fato de esses AdvPs não serem quantificadores universais. A consequência seria um efeito modalizador via implicatura pragmática.

Segundo a nossa análise, entretanto, embora a modalização gerada por AdvPs de aspecto habitual gere esse efeito de ‘implicatura pragmática’, não se deve anular o fato de, já na sintaxe dos advs habituais, o efeito modalizador vir à luz (cf. seção 5). O segundo ponto tem uma importância singular em nossa dissertação e *deve ficar bem claro* a partir da discussão de (75-77): poder-se-ia questionar se o efeito modalizador dos AdvPs de aspecto habitual não seria uma espécie de subproduto da quantificação por eles gerada. Por esse viés, a modalização gerada por advs habituais seria, na realidade, um efeito da quantificação adverbial.⁶⁹ Não parece, contudo, ser este o caso: não seria lícito tratar da modalização gerada pelos advs habituais como um subproduto da quantificação por eles gerada, uma vez que os

⁶⁹ Esse problema foi-nos trazido à luz pela prof.a Ruth E. V. Lopes e pelo prof. J. Ortiz de Urbina, a quem agradecemos o questionamento.

advs aspectuais habituais são os únicos aspectuais quantificadores que geram esse efeito modalizador. *Se a modalização fosse um subproduto da quantificação adverbial, os outros advs aspectuais quantificadores (dentre eles os freqüentativos) deveriam, na mesma medida, gerar modalização de descomprometimento, o que, de acordo com (75a,b) e (77a), não acontece*: advs de freqüência não reagem à presença de advs modais μ ; não há violação da condição τ , justamente pelo fato de os quantificadores freqüentativos não serem advs μ .

Na seção a seguir, colocamos um ponto importante a ser discutido no panorama geral de estudos sobre AdvPs: o lugar da sintaxe nos estudos dos adverbais. Vamos propor, na esteira de Cinque (1999), tomando por base a comparação de sentenças envolvendo AdvPs-AdvPs e outras envolvendo APs-APs, que uma abordagem sintática teria condições de resolver problemas de análise adverbial sem a necessidade de se recorrer a teorias semânticas. Os dados que apresentaremos questionam, por sua vez, teorias de orientação mais semântica, como as de Ernst (2002, 2004, 2007), segundo o qual posicionamento, interpretação e escopo de advs é uma questão de semântica propriamente dita, independentemente da sintaxe.

5. A natureza sintática do valor modalizador dos AdvPs aspectuais habituais

O Programa Minimalista assume que as sentenças são forma (sons/significantes) e significado (Chomsky, 1995; Hornstein, Nunes & Grohmann, 2005, p. 7). Os níveis de representação mantidos no Programa Minimalista, a saber os níveis de interface PF e LF, advogam claramente a favor dessa assunção.

Dizer que a motivação para a hierarquia universal, rigidamente fixa, de projeções funcionais (tal qual proposta em Cinque, 1999) é sintática – e, por extensão, argumentar que o valor modalizador dos advs de aspecto habitual é capturado sintaticamente – não significa desconsiderar as assunções do Programa Minimalista, apontadas no parágrafo anterior, nem mesmo desconsiderar que a modalização seja uma categoria Semântica (uma série de trabalhos propuseram que a modalização é uma categoria Semântica (cf., dentre outros, Lyons, 1977; Narrog, 2005; Busmman, 2006)).

Nesta seção, apresentamos evidências de que o efeito modalizador dos advs aspectuais habituais é facilmente capturado levando-se em conta critérios sintáticos. Esses critérios, em especial o apresentado em 5.1., trazem questões interessantes (e muito intrigantes) às teorias semânticas disponíveis, que costumam comparar o comportamento dos advs e dos adjetivos correspondentes, para advogar em favor de uma análise semântica independente da sintática.

5.1. A assimetria AdvPs e APs correlatos

A motivação para a hierarquia universal, rigidamente fixa, de projeções funcionais é determinada primitivamente: a hierarquia é um construto do sistema computacional da UG, apenas indiretamente relacionada, portanto, a propriedades lógicas ou semânticas. Há várias razões apresentadas em Cinque (1999: 134 *et seq.*; 2004: 685-689) para a primazia da análise sintática em relação à semântica no que diz respeito à ordenação de AdvPs e às relações de escopo entre eles (e essas observações podem se estender à nossa análise dos advs modalizadores aspectuais habituais). A principal delas é que a ordem relativa dos elementos funcionais não pode ser determinada por princípios lógico-semânticos (Cinque, 1999, seção 6.3; 2004, p 685, nota 5). Segundo a hierarquia universal, *AdvP Mod Evidential* > *AdvP Mod Epistemic*:

- (78) *Inglês* (Cinque, 1999, p. 135)
a. Allegedly John will probably give up.
(Dizem que o John provavelmente vai desistir)
b. * Probably John will allegedly give up.
- (79) *Italiano* (Cinque, 1999, p. 135)
a. (?) Evidentemente Gianni ha probabilmente lasciato l'albergo.⁷⁰
(Evidentemente o G. provavelmente deixou o hotel)
b. * Probabilmente Gianni ha evidentemente lasciato l'albergo.

Se a motivação para a rigidez e universalidade da hierarquia fosse devida a princípios lógico-semânticos, dever-se-ia esperar a agramaticalidade de (80), a seguir, em que um predicado evidencial está sob o escopo de um predicado epistêmico e a agramaticalidade de (81), seguinte, em que um predicado epistêmico precede um avaliativo (um AdvP epistêmico não pode preceder um AdvP avaliativo (cf. 81a)):

- Italiano* (Cinque, 1999, p. 135)
(80) È probabile che sia evidente che lui è il colpevole.
(É provável que seja evidente que ele seja o culpado)
(81) È probabile che sia per me una sfortuna che Gianni è stato licenziato.
(É provável que seja para mim um azar que o João foi mandado embora)
(81a) * Probabilmente Gianni è sfortunatamente stato licenziato.

A gramaticalidade de (80) aponta para a natureza sintática da hierarquia de projeções funcionais: se a motivação para as relações de escopo da hierarquia fosse devida a princípios puramente semânticos (80) deveria ser agramatical, à semelhança de (79b), que envolve um

⁷⁰ Cinque (1999, p. 174, nota 37), explica que os AdvPs evidenciais, “[...] que algumas vezes são colocados na classe dos advs epistêmicos (“modais”), deveriam ser colocados em uma classe distinta”, o que é sugerido pelo fato de que, enquanto a ordem *probabilmente* > *evidentemente* não é possível, a ordem *evidentemente* > *probabilmente* é admissível. No caso, Cinque julga a sentença gramatical (cf. Cinque, 1999, p. 174, n. 35). Ele se baseia, entretanto, em um trabalho de Belletti (1990, p. 130, n. 29), segundo a qual uma sentença do tipo de (79a) seria estranha (?), motivo porque o autor manteve a indicação “?” entre parênteses.

modalizador epistêmico tomando um evidencial sob o seu escopo; igualmente dever-se-ia esperar a agramaticalidade de (81), dado o fato de (81a) ser inaceitável.

A hipótese do traço [μ] – sobre a natureza modalizadora dos AdvPs epistêmicos, irrealis, aléticos de possibilidade e aspectuais habituais – é igualmente legitimada por princípios sintáticos, o que sugere que os AdvPs de aspecto habitual podem ser tratados como modalizadores já na Sintaxe.

Segundo os dados (82) e (83), a seguir, um AdvP epistêmico não pode co-ocorrer com um AdvP aspecto habitual em nenhuma ordem (* AdvP epistêmico > AdvP habitual; * AdvP habitual > AdvP epistêmico). Se a motivação para essa agramaticalidade fosse lógico-semântica (não primitivamente sintática, portanto), esperar-se-ia que um predicado epistêmico jamais co-ocorresse com um predicado habitual, o que não é verdade (cf. (82a) e (83a'b')), a seguir). Esses fatos nos levam a concluir que um tratamento sintático, *a priori*, dá conta de resolver a hipótese do valor modalizador dos advs de aspecto habitual:

- (82) * Provavelmente os ladrões normalmente vão entrar no banco depois do expediente.
(82a) É provável que vai ser normal a entrada dos ladrões no banco depois do expediente.
(83) *Italiano*
a. *Probabilmente i futuri papi solitamente saranno sudamericani.
(Provavelmente os futuros papas geralmente serão sul-americanos)
b. *Solitamente i futuri papi probabilmente saranno sudamericani
(Normalmente os futuros papas provavelmente serão sul-americanos)
a'. È possibile che sia normale che Tiago giochi a pallavolo con i suoi amici.
(É possível que seja normal que o Tiago jogue vôlei com os seus amigos.)
b'. È normale che sia possibile che Tiago giochi a pallavolo con i suoi amici.

A conclusão de Cinque (1999) para a ordenação sintática dos núcleos funcionais e para a natureza da hierarquia funcional, pode, portanto, conforme demonstramos acima, ser estendida à hipótese do valor modalizador dos advs de aspecto habitual. “Se a ordem sintática das projecções funcionais não pode ser reduzida a ‘relações de escopo semântico’ entre os AdvPs” (cf. Cinque, 1999: 136), conseqüentemente a hipótese do valor modalizador também encontra uma motivação sintática, *a priori*.

Dados como os discutidos nessa seção argumentam fortemente a favor da natureza *a prioristicamente* sintática quer da hierarquia de projecções funcionais, quer do valor modalizador dos advs de aspecto habitual. Além disso, questionam fortemente teorias semânticas disponíveis sobre AdvPs (em especial as teorias do escopo semântico/adjunção, como a de Ernst (2002, 2007)) que aparentemente nada teriam a oferecer como contra-argumento aos dados apresentados nessa seção, já pelo fato de esses dados mostrarem que a Semântica encontraria problemas para explicar *naturalmente* questões de ordenação de advs e a questão do valor modalizador dos advs aspectuais habituais.

5.2. Construções AdvPs μ (+ COMP) no pashto

O pashto parece oferecer evidência sintática adicional para o estatuto modalizador de AdvPs Asp_{Hab}. Em Ramat & Ricca (1998), os autores dizem que algumas línguas, como o francês, admitiriam a construção *advérbio modal + complementizador* (QUE):

- (84) *Francês*
 Probablement (qu') il va pleuvoir.
 provavelmente COMP EXPL ir chover
 (Provavelmente vai chover)

Em pashto, construções *AdvPs (+ COMP)* são possíveis e envolvem justamente AdvPs μ . Os advs μ podem ou não ser seguidos de COMP em posição inicial na sentença em pashto:

- Pashto*
- (85) *Shyed* (CHE) *bal* *kall* *ba* *zâ*
 Talvez COMP próximo ano FUTURO eu
beach *ta* *larshan*
 praia para ir
 (Talvez eu vá à praia no ano que vem).
- (86) *Monkenada* (CHE) *bal* *kall*
 provavelmente COMP próximo ano
ba *zâ* *beach* *ta* *larshan*
 FUT eu praia para ir
 (Provavelmente eu vá à praia no ano que vem)
- (87) *Amooman* (che) *Mariah* *kh-pal* *kar*
 normalmente (QUE) Mariah seu-POSS trabalho
kh-pal *supervisor* *ta* *kh-kara* *kawi.*
 seu- POSS supervisor para mostrar PRES
 (Normalmente, a Mariah mostra seu trabalho ao orientador)
- (88) *Zarouri* (*che) *Mariah* *kh-pal* *kar*
 necessariamente (QUE) Mariah seu-POSS trabalho
kh-pal *supervisor* *ta* *kh-kara* *kawi.*
 seu- POSS supervisor para mostrar PRES.
 (Necessariamente, a Mariah mostra seu trabalho ao orientador)

Em (85-87), as ocorrências envolvendo os AdvPs μ *shyed* (irrealis: *talvez*), *monkenada* (epistêmico: *provavelmente*) e *amooman* (aspectual habitual: *normalmente*) podem ou não apresentar o complementizador *che* depois do adv. Um adv alético de necessidade, como *zarouri* (*necessariamente*) – cf. (88) – não pode aparecer em uma construção *AdvP + COMP*.

Estes dados são evidências sintáticas interessantes, para a nossa proposta, já que a configuração sintática *AdvP (+ COMP)* é possível apenas com advs μ . E aspectuais habituais são, conforme já argumentamos, advs μ . Além disso, esses dados do pashto corroboram a pertinência de o lingüista reconhecer que os advs μ constituem uma classe de AdvPs (formada

pelos epistêmicos, irrealis, aléticos de possibilidade e aspectuais habituais), tal qual propomos em nossa dissertação.⁷¹

6. X⁰s de aspecto habitual: um núcleo também modalizador?

Cinque (1999, capítulo 3) baseia-se em diversos trabalhos descritivos sobre a ordenação de núcleos funcionais, a fim de fornecer um esquema de ordenação das distinções funcionais, válido universalmente. O autor assume que os esquemas parciais de ordenação (aberta) de morfemas funcionais nas línguas podem ser tomados como subsequências de uma seqüência universal única de X⁰s funcionais, presentes em todas as línguas (Cinque, 1999, p. 52).

Já ficou claro dos capítulos anteriores que, segundo a teoria de Cinque (1999), os advs, alocados em Spec, ordenam-se rigidamente e essa ordenação rígida e fixa é também observada na contraparte nuclear. Mais do que isso, os advs especificadores correspondem em número e tipo semântico aos núcleos à direita. Sendo assim, se a nossa hipótese sobre o uso modalizador dos advs de aspecto habitual for verdadeira, é esperado que os núcleos também gerem esse efeito modalizador. Asp_{Hab}P seria, nesse sentido, uma projeção modalizadora como um todo.

Já que o objetivo de nossa dissertação é fornecer argumentos pró-natureza modalizadora de AdvPs do tipo de *normalmente* e *geralmente*, faz-se necessário verificar se em alguma língua haveria a expressão clara da distinção funcional modalização e aspecto habitual no formato nuclear.

Evidência adicional para o nosso achado (de que os advs de aspecto habitual são modalizadores) provém da contraparte nuclear em dados do grego moderno. Em uma sentença do tipo de:

- (89) *Grego*
I proistiriki anthropi sinithizan na kinigun to proi
Os pré-históricos homens imperfectivo/habitual caçar de manhã
(Os homens pré-históricos caçavam de manhã.)

o imperfectivo habitual *sinithizan* admite, no grego moderno, a mesma leitura modalizadora que o adv *sinithos* (*normalmente*) traz à luz. A paráfrase (89a) aplica-se a (89), o que ratifica a

⁷¹ O francês, uma língua cuja sintaxe adverbial dispõe da construção *AdvPs* (+ *COMP*) com advs modais não ofereceria suporte a essa conclusão, já que advs de aspecto habitual não admitem a co-ocorrência com o complementizador *que*, enquanto que outros AdvPs admitem essa co-ocorrência (epistêmicos (*probablement*), irrealis (*peut-être*), evidenciais (*évidemment*). (Charlotte M. C. Galves e Didier Demolin, comunicação pessoal).

leitura modalizadora do imperfectivo habitual em grego moderno: a paráfrase apresenta um verbo modal (*poderia*) e um quantificador (*pelo menos*):

(89a) Poderia ter havido pelo menos um homem pré-histórico que não caçasse de manhã.

O núcleo $\text{Asp}_{\text{Hab}}^0$ de fato admite uma leitura modalizadora em grego. Há uma conexão forte entre $\text{Asp}_{\text{Habitual}}^0$ (representado pelo verbo *sinithizo* (= *use to*, em inglês)) e o AdvP *sinithos*, em Spec.⁷² Nesse sentido, a questão de o AdvP $\text{Asp}_{\text{Habitual}}$ ser naturalmente um modalizador se confirma dado o fato de, em grego moderno:

- (1) a contraparte nuclear (o verbo no aspecto habitual-imperfectivo) *admite* uma leitura modalizadora (cf. paráfrase (89a), acima);
- (2) há uma conexão morfológica em grego moderno entre o AdvP, em Spec, *sinithos*, e o núcleo $\text{Asp}_{\text{Habitual}}^0$: ambos apresentam o morfema *sinith-*.

Nesse caso, a pertinência de se considerar como modalizadores os advs de aspecto habitual *é muito mais real do que aparente*, porquanto contamos, em grego moderno, com as evidências mencionadas para a contraparte nuclear. Se, seguindo Cinque (1999), os AdvPs são funcionais, devido a alocação em Spec, e entram em uma relação de *spec/head agreement* com o núcleo funcional à direita, estando ambos dominados pelo mesmo XP, é natural que, no caso do aspecto habitual, não apenas o AdvP $\text{Asp}_{\text{Habitual}}$ porte a distinção [+modalizador], mas também o X^0 e todo o $\text{Asp}_{\text{Habitual}}\text{P}$.

Em basco, há uma partícula, *ohi*, que indica aspecto habitual. Em uma sentença do tipo de:

(90) *Basco* (Ortiz de Urbina, 1989, *cit. in* Cinque, 1999)
Eda-n ohi du.
 beber-PERF HAB Aux.agr
 (Ele normalmente bebe)

ohi expressa aspecto habitual. Não é um adv, mas um X^0 (Cinque, 1999; Jon Ortiz de Urbina, comunicação pessoal).⁷³ Em (90), *ohi* gera o mesmo efeito mitigativo que o adv (basco)

⁷² Agradecimentos a Artemis Alexiadou pela discussão dos dados de (89-89a) e por ter-nos apontado a conexão entre o AdvP habitual e o núcleo de aspecto habitual.

⁷³ Jon Ortiz de Urbina disse-nos que *ohi* não pode ser considerado um adv, por não poder coordenar-se com um adv. Além disso, *normalean* (normalmente), um adv habitual do basco, pode co-ocorrer com *ohi*, o que não seria possível se *ohi* também fosse um adv:

(i) *Normalean, Eda- ohi du.*
 normalmente beber-PERF HAB Aux.agr
 (Ele normalmente bebe)

normalean, um habitual (cf. a glosa). Há uma forte relação semântica entre o X^0 e o adv em Spec. Noutras palavras, $Asp_{Habitual}P$ como um todo é de natureza modalizadora.

Ainda segundo Ortiz de Urbina, *-t(z)en*, um afixo verbal imperfectivo, que também veicula aspecto habitual, gera o mesmo efeito mitigativo de descomprometimento do falante em relação ao conteúdo proposicional que o adv habitual *normalean* e a partícula *ohi*.

- (91) *Basco*
Jon trenez etortzen da hona
 Jon de trem vir-IMPF aux aqui
 (O Jon vem aqui de trem.)

No PB, a mesma observação é válida em relação ao aspecto habitual. Em sentenças como:

- (92) O Leandro *costumava* comer maçã no café da manhã.
 (93) Luís *jogava* futebol aos domingos.
 (94) Seu Isidoro *costumava* fumar um palheiro depois do jantar.

há um efeito de mitigação do valor de verdade da proposição, já pelo uso do aspecto habitual. Ao ser alçado a $Asp_{Hab}P$, o verbo faz emergir essa leitura quantificadora não-universal que gera efeitos de indeterminação do estatuto de factualidade da proposição (à semelhança do uso de um adv de aspecto habitual), ao checar o traço μ com Asp_{Hab}^0 . Se os advs em Spec checam traços com o X^0 , eis mais uma evidência forte de que os advs de aspecto habitual são modalizadores: $Asp_{Habitual}^0$ é também de natureza modalizadora.

No coreano, a partícula *kon* indica aspecto habitual (imperfectivo) e também gera efeito de modalização:

- Coreano*
 (95) Chelswu-num cangnangam-ul mantul-kon ha-ass-ta.
 Chelswu-TOP brinquedo-ACC fazer-AspHab fazer-PASS-declar.
 (O Chelswu fazia brinquedo) (cf. Cinque, 1999, p. 67)
 (96) *Nu-num il-io-il-e nu-ke il-u-na kon he-ta.*
 Você-TOP no domingo mais tarde acordar AspHab passado-declar.
 (Você acordava mais tarde no domingo)

Segundo o informante para os dados do coreano, (95-96) podem ser entendidos como eventos que aconteciam “quase sempre”. Nesse sentido, há um efeito mitigativo de descomprometimento do falante.

(i) oferece suporte, ainda, à postulação da condição τ : essa condição não impõe restrições à co-ocorrência de especificadores e núcleo da mesma projeção, já pelo fato de esses itens funcionais checarem os traços por eles compartilhados (*spec-head agreement*). Se *ohi* fosse um AdvP, (i) deveria ser bloqueada pela condição τ , o que não acontece.

Em inglês, a mesma leitura modalizadora emerge pelo uso do marcador de aspecto habitual *used to*:

- (97) *Inglês*
Susan used to swim every day.
(A Susan costumava nadar todo dia.)

Interessante aqui a conexão entre *used to* e o adv habitual inglês *usually*, em termos de morfologia, como no grego moderno.

O uso do aspecto habitual que indica uma série de eventos ou episódios tomados como um todo (Lyons, 1977; Comrie, 1976), quer expresso via AdvPs habituais, quer expresso no formato X^0 , gera um efeito de indeterminação da factualidade da sentença, que faz emergir um descomprometimento do falante em relação ao que diz na proposição. Uma vez que Asp_{Hab}^0 é também um núcleo modalizador μ , temos uma evidência mais do que clara de que os AdvPs Asp_{Hab} são modalizadores. Na realidade, a projeção $Asp_{Hab}P$ é uma projeção μ .

Este argumento é bastante forte no âmago da teoria dos especificadores funcionais e já pela sua força dispensaria quaisquer outras evidências. Se aqui se assumisse uma das teorias de adjunção disponíveis, perder-se-ia, *a priori*, esta generalização. Mais uma razão para se assumir as teorias dos advs especificadores funcionais.

7. Sumário

Ao longo deste capítulo oferecemos a argumentação para propor que os advs de aspecto habitual devem ser considerados modalizadores.

Na seção 1, cuidamos de apresentar a noção de traços, tal qual definida e utilizada no Programa Minimalista e em Cinque (1999). Além da ordenação hierárquica de AdvPs (e dos núcleos funcionais correspondentes), há um fato que corrobora a pertinência do reconhecimento dos diversos XPs funcionais no espaço IP: um traço que cada adv e núcleo funcional correspondente trariam em sua entrada lexical. Esse traço funcional na entrada lexical se realizaria quer pelo valor marcado, quer pelo *default*. Todas as línguas do mundo teriam à sua disposição esse conjunto completo de XPs funcionais, que emergiriam (de forma completa) em todas as sentenças da língua por meio do valor *default* ou pelo valor marcado.

Além desses traços caracterizadores de cada adv e núcleo correspondente, faz-se necessário o reconhecimento de outros traços (aqui denominados ‘traços adicionais/secundários’) na entrada lexical dos advs e núcleos. Esses traços explicariam a anomalia de sentenças envolvendo advs que, segundo a hierarquia, deveriam ser gramaticais em uma das ordens possíveis. Valendo-nos do caso da impossibilidade da co-ocorrência, em

francês, dos itens de polaridade negativa *pas* e *plus* (*cit. in* Cinque, 1999, p. 168, nota 10), e da impossibilidade de co-ocorrência de advs aléticos de possibilidade e necessidade em PB, hindi e japonês, propusemos a existência de traços adicionais que, por serem compartilhados por AdvPs de XPs distintos, explicariam a impossibilidade de esses itens co-ocorrerem. Para dar conta dessas assimetrias não tratadas por Cinque (1999), postulamos a atuação da *condição* τ (cf. seção 1.2.2), que descarta ocorrências em que itens funcionais de mesmo tipo (Spec-Spec ou núcleo-núcleo), que portam algum traço em comum, co-ocorrem no domínio do IP estendido. A condição τ , um mecanismo restritor de C_{HL} , atuaria nos domínios funcionais estendidos (CP, IP e DP). Evidência independente para sustentar a validade dessa restrição viria do chinês, em que as partículas funcionais *ma* e *ne* (respectivamente [+y/n], [+wh]) estão em distribuição complementar (cf. Roberts & Roussou, 2003, p. 31 *et seq.*), não sendo possíveis de co-ocorrerem. Essas partículas é que carregam que tipo de significado [+Q] será o assumido pelo indefinido *sheme*. O CP estendido do italiano também oferece suporte à condição τ : *che* e *di* estão em distribuição complementar em núcleos do CP estendido.

Introduzimos em 1.2.3 a noção de ‘descomprometimento do falante’ que pode ser expressa via advs epistêmicos (*provavelmente*), *irrealis* (*talvez*), aléticos de possibilidade (*possivelmente*) e aspectuais habituais (*normalmente*, *geralmente*, *habitualmente*). O (des)comprometimento do falante em relação ao que expressa no conteúdo proposicional é uma das extensões da modalização epistêmica (Dall’Aglio-Hattner, 1996, p. 171). A noção do descomprometimento faz-se necessária para diferenciar o grupo dos advs epistêmicos, *irrealis*, aléticos de possibilidade e aspectuais habituais do grupo maior de advs modalizadores de Narrog (2005), que inclui, além desses, os evidenciais (*evidentemente*, *allegedly*, *reportedly*) e os aléticos de necessidade (*necessariamente*).

No caso, os advs modalizadores que expressam descomprometimento do falante foram aqui denominados AdvPs modalizadores de descomprometimento ou modalizadores μ . Na seção 1.3, definimos o traço μ , que corresponde à seguinte caracterização: (i) indeterminação da factualidade da proposição; e (ii) descomprometimento do falante.

Na seção 2, apresentamos dados translingüísticos segundo os quais os advs de aspecto habitual exprimem modalização μ . As sentenças apresentadas nessa seção apontaram que modalizadores [μ] não podem co-ocorrer entre si, se ambos estiverem alocados no espaço IP, dada a restrição imposta pela *condição* τ . Se os AdvPs epistêmicos, *irrealis* e aléticos de possibilidade são modalizadores e reagem entre si, conseqüentemente os aspectuais habituais também seriam modalizadores nesse sentido, já por reagirem à presença dos advs modalizadores ‘tradicionais’.

Um dos casos em que um adv de aspecto habitual co-ocorre com um outro AdvP μ foi tratado em termos de aproveitamento focalizador do AdvP aspectual, alocado, nesses casos, à direita de vP. A gramaticalidade da sentença estaria explicada, pelo fato de *não* haver uma violação à condição τ .

Em 3.2. apresentamos a possibilidade de dois advs μ co-ocorrerem, dado o posicionamento de um deles no Spec do outro, atuando como modificador. Nesses casos, não só a co-ocorrência de AdvPs μ é permitida, mas também os padrões de ordenação reversos.

Na seção 3.3., apresentamos ocorrências do alemão, em que advs de aspecto habitual poderiam co-ocorrer com advs μ : em alemão, a imperfectividade vem formalmente sinalizada por adverbiais. Nesse caso, um adv do tipo de *normalerweise* ('normalmente') estaria livre em uma sentença para co-ocorrer com um adv μ , já que *normalerweise* seria uma das opções para a expressão da imperfectividade.

O uso de um adv aspectual na oração que precede uma sentença em que co-ocorrem um adv μ e um aspectual do tipo de *normalmente* (e seus respectivos correspondentes nas diversas línguas) foram trazidos à luz (em 3.4) para explicar casos de gramaticalidade que seriam inesperados em termos de *condição τ* . A geração de 'contextos' permite, portanto, a emergência tão somente de um valor aspectual de advs correspondentes a *normalmente*. Nesses casos, o aspectual seria um homônimo do *normalmente μ* , provavelmente gerado em Spec-Asp_{Frequentative}P. Por ora, propomos que nessas circunstâncias o adv (*normalmente*) é da mesma natureza que iterativos do tipo de *frequentermente*. No entanto, faz-se necessário um estudo futuro que confirme a pertença deste *normalmente* ao XP freqüentativo, se for o caso.

O binômio aspecto habitual/aspecto freqüentativo (ou iterativo) foi o tópico discutido na seção 4. Argumentamos, contra Santana (2005), que no PB há a distinção Asp_{Hab}P e Asp_{Frequentative}P. Esta distinção já era proposta em Cinque (1999). Valemo-nos de dados do PB, italiano, chinês, coreano para propor que os AdvPs Asp_{Hab}, mas não AdvPs Asp_{Frequentative}, são modalizadores nas línguas naturais. O efeito de modalização *não é um subproduto da quantificação*, pois, se o fosse, ambos os advs mencionados (habituais e freqüentativos) – e os demais advs quantificadores de Lewis (1975) – apresentariam o mesmo comportamento em ocorrências envolvendo AdvPs μ , *por serem quantificadores*. Os habituais reagem à presença de AdvPs μ ; os freqüentativos, não. *A modalização μ é inerente aos advs habituais*.

Os fenômenos aqui estudados, envolvendo a modalização μ (de descomprometimento do falante), podem ser facilmente capturados por teorias sintáticas. O questionamento sobre o valor modalizador desses advs parece ser *a priori* uma questão de sintaxe adverbial (cf. 5.1), já que uma sentença envolvendo predicados modalizadores apresentam julgamentos de gramaticalidade diferentes das sentenças envolvendo advs modalizadores. Dados como esses

colocariam questões e problemas intrigantes aos semanticistas, o que aponta para a necessidade de estudos futuros naquelas áreas.

Como evidência independente para o efeito modalizador dos advs habituais, apresentamos dados do pashto sobre construções *AdvPs (+ COMP)*, que, além de mostrarem a pertinência de se considerar a classe dos advs modalizadores μ como uma classe coesa, corroboram o efeito modalizador dos advs habituais: AdvPs μ , mas não outros, admitem construções *AdvP (+ COMP)*.

Na seção 6, discutimos a relação AdvP-núcleo. Se (i) o adv em Spec checa traços com o núcleo que o licencia, e (ii) se o adv tem traços de modalizador, uma consequência lógica e esperada é que o X^0 de aspecto habitual gere também esse efeito modalizador, para que seja possível a checagem dos traços. Esse comportamento foi observado e, com base nos dados do grego, coreano, inglês, PB e basco, propusemos que não só o AdvP $Asp_{Hab}P$ é modalizador, mas também Asp_{Hab}^0 . Nesse sentido, a expressão do aspecto habitual significa, para nós, a veiculação da habitualidade de um estado de coisas (Comrie, 1976) e a geração de um efeito de indeterminação da factualidade da proposição (modalização).

Nada mais a dizer, acreditamos que as evidências apresentadas nesta seção corroboram a nossa hipótese inicial sobre o valor modalizador dos advs de aspecto habitual. Essas evidências, de validade universal, mostram que o efeito modalizador gerado pelos advs aspectuais é inerente a $Asp_{Hab}P$. Se os trabalhos da literatura lingüística pós-Bellert (1977) encontram nessa referência as razões para considerarem como modalizadores os advs epistêmicos, irrealis e aléticos de possibilidade, acreditamos que as razões empírico-teóricas fornecidas em nosso trabalho, que se baseia em dados de diversas línguas, igualmente fornecem evidências fortes para se considerar como modalizadores os advs habituais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Era, havendo Deus completado no dia sétimo a obra que tinha feito, descansou nesse dia de toda a obra que fizera." (Gênesis 2, 2).

A pergunta inicial de nossa pesquisa pode ser sintetizada na frase: os advs de aspecto habitual geram modalização nas línguas naturais?

Diante das evidências aqui apresentadas – especialmente no capítulo IV –, acreditamos que *o valor modalizador dos advs de aspecto habitual não é um fato acidental da gramática: AdvPs Asp_{Hab} são inerentemente modalizadores. De fato, não só os advs de aspecto habitual, mas também a categoria aspecto habitual como um todo é uma categoria modalizadora.* Essa observação deveria ser esperada como uma consequência do enfoque teórico aqui assumido: sendo a proposta de Cinque (1999) de fato universal, não apenas o adv alocado em Spec Asp_{Hab}P deveria ser modalizador, mas também o núcleo de aspecto habitual.

No capítulo IV, apresentamos evidências de que AspHab⁰ também é um núcleo modalizador nas línguas naturais (cf. seção 6). A observação de dados do grego, do coreano e do basco – que contam com a realização morfofonológica (em formato nuclear) do aspecto habitual – nos possibilitou chegar à conclusão de que universalmente AspHab⁰ é *inerentemente* um núcleo modalizador.

Um dos possíveis modos de se explicar e formalizar o fenômeno em termos de análise minimalista da sintaxe – e A. Alexiadou (comunicação pessoal), sugeriu-nos essa saída – seria pensar que o adv habitual se alçaria em LF para checar algum traço de modalidade. Estaríamos diante de uma das duas opções que a sintaxe oferece às línguas para a capturação da distinção funcional: movimento ou concatenação.

Preferimos optar pela concatenação, por ser mais parcimoniosa (Chomsky, 1995; Roberts & Roussou, 2003) e por derivar naturalmente o fenômeno da modalização aspectual habitual na linguagem humana: se os advs devem checar traços com os núcleos, sendo os AdvPs e os núcleos ambos do tipo [μ], não há a necessidade de se postular movimento.

Para capturar o efeito modalizador dos advs de aspecto habitual, recorreremos a testes de reação AdvP-AdvP em diversas línguas. Para validar esses testes, propusemos a condição τ , uma contribuição agregada de nossa pesquisa à teoria da Gramática: dois itens funcionais de mesma categoria (Specs ou X⁰s), em um mesmo domínio (o espaços estendidos do CP, do IP ou do DP), não poderiam co-ocorrer se apresentassem traços semelhantes. Um XP funcional não poderia contar com dois traços de mesma natureza, o que de certa forma deve refletir uma propriedade geral da linguagem humana que é operar *economicamente*.

As razões para o porquê de termos sugerido a condição τ , são as seguintes: segundo a árvore de Cinque (1999), dada a ordenação $XP_A > XP_B > XP_C > XP_D$, esperar-se-ia que, tendo em vista a distribuição complementar, dois AdvPs dessa série pudessem co-ocorrer, respeitando-se esse padrão de ordenação. Assim:

AdvP_A > AdvP_B (seria uma sentença gramatical), mas

* AdvP_B > AdvP_A (seria uma sentença mal formada).

Deveríamos esperar que, empiricamente, um AdvP, por preceder outros AdvPs na hierarquia, poderia co-ocorrer com eles. Entretanto, dados do *hindi* (Bhatia, *online*), do PB e do japonês (cf. cap. IV, seção 1.2.1) sobre os advs aléticos (de necessidade e possibilidade), têm mostrado que nem sempre as ordens logicamente possíveis que a árvore de Cinque propõe têm realidade na Sintaxe das línguas: haveria uma restrição que bloquearia determinadas ordens (a *Condição τ* , cf. cap. IV, seção 1.2.2).

A condição τ teve, como evidência independente, a impossibilidade de co-ocorrência das partículas *ne* e *ma* do mandarim chinês (Roberts & Roussou, 2003), dado o fato de compartilharem o traço [+Q]. Foi proposta, *a priori*, para se explicar as assimetrias inesperadas pela árvore de Cinque. Se verdadeira, deverá dar conta não apenas do caso dos modalizadores μ , dos aléticos e das partículas do chinês, mas de *todas as assimetrias da hierarquia universal, domínio IP*, das assimetrias no CP estendido de Rizzi (1997) e das assimetrias no DP. Noutras palavras, *essa condição opera sobre domínios funcionais*.

Evidências adicionais vieram de interpretações de sentenças (cf. cap. I, seção 3.) e da sintaxe do pashto (cf. cap. IV, seção 5.2), que apresenta a construção AdvP μ + COMP.

Acreditamos ter respondido à pergunta inicial de nossa pesquisa e, como produto deste trabalho, acreditamos ter contribuído com o seguinte:

(1) com a teoria dos *especificadores funcionais*: Tomando por base o trabalho de Müller de Oliveira (1993) sobre os testes sintáticos para o reconhecimento de advs sentenciais, argumentamos, contra Cinque (1999; 2004), que os advs de aspecto habitual também podem atuar como advs de sentença. Na realidade, outros critérios, além dos mencionados em Cinque, devem ser considerados na avaliação do estatuto sintagmático de um adv;

(2) com a teoria lingüística geral: os aspectuais habituais (adv e núcleo) geram modalização μ . Dizer que o aspecto habitual indica a repetição de um estado de coisas inerentemente [+indutivo] (Bhat, 1999; Comrie, 1976) é um modo de definir essa categoria gramatical. Uma outra é optar pela definição: aspecto habitual, além de contribuir com a

expressão semântica da categoria aspecto, ao quantificar sobre eventos ou processos, é o subtipo aspectual veiculador de modalização;

(3) para a Teoria da Gramática: a postulação da condição τ . Trabalhos recentes em Sintaxe (Cinque, 1999; Speas, 2004; Roberts & Roussou, 2003) têm proposto que traços funcionais projetam distinções funcionais. Cinque, de modo particular, trouxe aos estudos de sintaxe a possibilidade de tratar de categorias em interface com a semântica/pragmática antes deixadas de lado nas pautas de pesquisas dos sintaticistas.

A condição τ , se for verdadeira, deverá explicar todo o tipo de degradação de sentenças, impulsionada pela presença de dois traços funcionais semelhantes em um domínio funcional (CP, IP ou DP estendidos). Recorrer à condição τ seria um modo de explicar as assimetrias inesperadas pela árvore de Cinque: se estar em distribuição complementar significa ocupar a mesma posição em termos de marcador sintagmático, como explicar a impossibilidade de advs μ co-ocorrerem? Como explicar o fato de adverbiais aléticos não co-ocorrerem? A condição τ ofereceria uma solução;

(4) para a análise sintática adverbial: a contribuição com o reconhecimento das zonas onde advs de sentença podem atuar (*slots* pré-estabelecidos pela UG (cf. Cap. III)).

Se as evidências aqui apresentadas forem verdadeiras, contamos com mais uma classe de modalizadores na teoria lingüística.

- a.) * *Amado* *wonsiin-eun* *öjjömyon* *achime*
provavelmente homem primitivo: NOM talvez manhã-LOC
sanhang ha *kon* *haet-et-da*
çaça-ACC AspHab fazer-PASS
(Provavelmente os homens primitivos talvez caçavam de manhã)
- b.) * *Öjjömyon* *wonsiin-eun* *amado* *achime*
talvez homem primitivo: NOM provavelmente manhã-LOC
sanhang ha *kon* *haet-et-da*
çaça-ACC AspHab fazer-PASS
(Provavelmente os homens primitivos talvez caçavam de manhã)
- (12) *Turco*
??*Muhtemelen, ilkel adam-lar belki sabah-lar-ı avla-n-ır-dt.*
provavelmente primitivo homem-pl. perhaps morning- pl-acc caçar-refl.-aorist-pass
(Provavelmente, os homens primitivos talvez caçavam de manhã.)

II) ‘Irrealis’ e aléticos de possibilidade

- (13) *Dialeto romano*
* *Forse Maria possibilmente sta a racconta una storia ai fii.*
(Talvez a Maria possivelmente conta uma história aos filhos)
- (14) *Italiano*
* *Forse i brasiliani possibilmente sono buoni giocatori.*
(Talvez os brasileiros possivelmente são bons jogadores.)
- (15) * Talvez os homens primitivos possivelmente caçavam/caçassem de manhã.
- (16) *Lingala*
* *Presque ba bresiliens bazali possibilment bato malam.*
talvez os brasileiros SER:plur possivelmente pessoas boas
(Talvez os brasileiros sejam possivelmente boas pessoas.)

III) Epistêmicos e aléticos de possibilidade

- (17) *Inglês*
* *Probably, John possibly wins his games.*
(Provavelmente o John possivelmente ganha seus jogos)
- (18) *Italiano*
* *Probabilmente i brasiliani possibilmente sono buoni giocatori.*
(Provavelmente os brasileiros possivelmente são bons jogadores.)
- (19) *Chinês*
??*dagai, Baxiren keneng shi hao ren.*
Provavelmente brasileiros possivelmente SER boa pessoa
(Provavelmente os brasileiros são pessoas boas)

IV) Epistêmicos e aspectuais habituais

- (20) * Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã.
- (21) *Italiano*
??? *Probabilmente* gli uomini primitivi normalmente cacciavano di mattino.
(Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã.)
- (22) *Lingala*
* *Pene pene ba bresiliens bazali généralement bato malam.*
Provavelmente os brasileiros SER:plu geralmente pessoas boas
(Provavelmente os brasileiros geralmente são pessoas boas)
- (23) *Chinês*
* *Yuanshi ren dagai tongchang xiguan*
primitivo pessoa provavelmente geralmente
za i zaoshang dalie
em manhã caçar
(Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã)
- (24) *Bósnio/servo-croata*
* *Vjerovatno on obično navraća u moju kancelariju.*
Provavelmente ele normalmente vem ao meu escritório.

- (25) *Dialetto romano*
 * *Probabilmente Maria de solito sta a racconta una storia ai fii.*
 (Provavelmente Maria normalmente conta uma história aos filhos).
- (26) *Coreano*
- a.) * *Amado* *wonsiin-eun* *ilbangeok-euro*
 provavelmente homem primitivo: NOM normalmente
achime *sanhang ha* *kon* *Haet-et-da*
 manhã- LOC caça-ACC AspHab Fazer-PASS
 (Provavelmente os homens primitivos normalmente caçavam de manhã)
- b.) * *Amado* *wonsiin-eun* *daetcheró* *achime*
 provavelmente homem primitivo: NOM geralmente manhã- LOC
sanhang ha *kon* *haet-et-da*
 caça-ACC AspHab fazer-PASS
 (Provavelmente os homens primitivos geralmente caçavam de manhã)
- c.) * *Ilbangeo-euro* *wonsiin-eun* *amado*
 normalmente homem primitivo: NOM provavelmente
achime *sanhang ha* *kon* *haet-et-da*
 manhã-LOC caça-ACC AspHab fazer-PASS
 (Normalmente os homens primitivos provavelmente caçavam de manhã)
- d.) * *Datcheró* *wonsiin-eun* *amado*
 geralmente homem primitivo: NOM provavelmente
achime *sanhang ha* *kon* *haet-et-da*
 manhã-LOC caça-ACC AspHab fazer-PASS
 (Geralmente os homens primitivos provavelmente caçavam de manhã)

V) ‘Irrealis’ e aspectuais habituais

- (27) Talvez os homens primitivos normalmente caçavam de manhã.
- (28) *Italiano*
 *Forse i brasiliani normalmente/di solito/solitamente sono buoni giocatori.
- (29) *Dialetto romano*
 * *Forse Maria de solito racconta una storia ai fii.*
 (Talvez a Maria normalmente conta uma história aos filhos)
- (30) *Lingala*
Presque ba bresiliens bazali généralement bato malamu.
 talvez os brasileiros SER:plural geralmente pessoas boas
 (Talvez os brasileiros normalmente são pessoas boas.)
- (31) *Coreano*
 * *Öjjömyon* *wonsiin-eun* *ilbangeok-euro*
 talvez homem primitivo: NOM normalmente
achime *sanhang ha* *kon* *haet-et-da*
 manhã- LOC caça-ACC AspHab fazer-PASS
 (Talvez os homens primitivos normalmente caçavam de manhã)

VI) Aléticos de possibilidade e aspectuais habituais

- (32) * Possivelmente os brasileiros normalmente são boas pessoas.
- (33) *Italiano*
Possibilmente i brasiliani normalmente/di solito/solitamente sono buoni giocatori.
 (Possivelmente os brasileiros normalmente/geralmente são bons jogadores.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXIADOU, A. *Adverb Placement: A Case Study in Antisymmetric Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1997.
- _____. On Aspectual and temporal adverbs. In: PHILIPPAKI-WARBURTON, I.; NICOLAIDIS, K; SIFIANOU, M. (Eds.) *Themes in Greek Linguistics: Papers from the First International Conference on Greek Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994, p. 145-152.
- AUSTIN, J.; ENGELBERG, S; RAUGH, G. Current issues in the syntax and semantics of adverbials. In: _____. (Eds.) *Adverbials: The interplay between Meaning, Context, and Syntactic Structure*. Amsterdam, Philadelphia: Bejamins, 2004.
- BARBOSA, J. S. *Grammatica philosophica da lingua portuguesa*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1881.
- BAYER, J. *Directionality and Logical Form: On The Scope of Focussing Particles and Wh-in-situ*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996.
- BEIJER, F. On the Relative Order of IP-adverbials. Disponível na página: <http://www.englund.lu.se/research/workingpapers/pdf/Fabian2.pdf> Consulta: 1º de outubro de 2007.
- BELLERT, I. On semantic and distributional properties of sentential adverbs. *Linguistic Inquiry*. 8(2):337–351, 1977.
- BHAT, D. N. S. Category of Aspect. In: _____. *The Prominence of Tense, Aspect and Mood*. Amsterdam/Philadelfia: John Benjamins Publishing Company, 1999, p. 43-62.
- BHATIA, A. *Testing Cinque's hierarchy: Adverb Placement in Hindi*. Disponível na página: <http://ling.wisc.edu/lso/wp/6/bhatia.pdf> Consulta: 1. outubro de 2007.
- BUSSMANN, H. *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*. London: Routledge, 2006.
- BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. Modality in Grammar and Discourse: An Introductory Essay. In: _____. (Eds.) *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., p. 1-14.
- CASTELEIRO, J. M. Análise gramatical dos advérbios de frase. *Biblos (Coimbra)*, 1982, p. 99-109.
- CASTILHO, A. T. *A predicação adverbial no português falado*. Tese (Livre-Docência) FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

- CASTILHO, A. T.; MORAES DE CASTILHO, C. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado*. vol.2: Níveis de análise linguística.. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, p. 199-247.
- _____. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado*. vol.2: Níveis de análise linguística.. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992, p. 213-260.
- CHIERCHIA, G. Individual-Level Predicates as Inherent Generics. In: CARLSON, G. N.; PELLETIER, F. J. (Eds.) *The Generic Book*. Chicago: The Chicago University Press, 1995, p.176-223.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Massachusetts: MIT Press, 1965.
- _____. Remarks on Nominalization. In: JAKOBS J.; ROSEBAUM, P. (Eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham: Ginn, 1970.
- _____. *Barriers*. Cambridge: MIT Press, .1986
- _____. *O Programa minimalista*. (1995) Tradução de E. Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.
- _____. *The Minimalist Program*. MIT Press, Cambridge, 1995.
- CINQUE, G. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1999.
- _____. Issues in Adverbial Syntax. *Lingua* 114, 2004, p. 683-710.
- _____. Deriving Greenberg's Universal 20 and Its Exceptions. *Linguistic Inquiry*, n. 36, 2005, p. 315-332.
- COMRIE, B. *Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COSTA, J. A Multifactorial Approach to Adverb Placement: Assumptions, Facts, and Problems. *Lingua*, 114:6 (June), 2004, p. 711-753.
- _____. Adverbs and the Interaction of Levels of Grammar. In: MATOS, G. et al. Eds.) *Interfaces in Linguistic Theory*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1997, p. 109-128
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M Uma análise funcional da modalidade epistêmica. *Alfa*, vol. 40, 1996, p. 151-173.
- _____. A construção do efeito de (des)comprometimento do falante. *Estudos Lingüísticos*, v. XXVI, 1997, p. 261-269.
- DASCAL, M. A relevância do mal-entendido. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, n. 11, 1986, p. 199-217.

- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Part 1: The Structure of the Clause. Edited by K. Hengeveld. 2nd, rev.ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIK, S. C. et al. The Hierarchical Structure of the Clause and the Typology of Adverbial Satellites. In: NUYTS, J.; BOLKESTEIN, A. M.; VET, C. (Eds). *Layers and levels of representation language theory: A functional view*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 1990.
- ERNST, T. *The syntax of adjuncts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- _____. Principles of adverbial distribution in the lower clause. *Lingua*, 114:6, 2004.
- _____. On the role of semantics in a theory of adverb syntax. *Lingua*: 117 (June), 2007.
- EVA, B. *A Scope-Based Theory of Hungarian Adverb Licensing*. (MA Thesis), Szeged, 1999.
- FILLMORE, C. The case for case. In: BACH, E., HARMS, R.T. (Eds.). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston Inc., 1968, p. 1–88.
- GASPARINI-BASTOS, S. D. Algumas considerações sobre os advérbios modalizadores epistêmicos que indicam certeza. *Estudos Lingüísticos*, v.XXIX, 2000, p. 561-566.
- GREENBAUM, S. *Studies in Adverbial English Usage*. London: Longmans, 1969.
- HAIDER, H. Adverb placement – convergence of structure and licensing. *Theoretical Linguistics*, v. 26, 2000, p. 95-134.
- _____. Pre- and post-verbal adverbials in OV and VO. *Lingua*, 114, 2004, p. 779-807.
- HAUMANN, D. *Adverb Licensing and Clause Structure in English*. Amsterdam: John Benjamins Pub Co, 2007.
- HENGEVELD, K. *Mood and Modality*. Amsterdam: University van Amsterdam, s.d.; (ms).
- HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- ILARI, R. (Org.) *Gramática do português falado*. vol.2: Níveis de análise lingüística.. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.
- ILARI, R. Sobre os advérbios apectualizadores. In: ____ (Org.) *Gramática do português falado*. vol.2: Níveis de análise lingüística. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

- ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado*. Vol.1: A ordem. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, 1996, p. 63-141.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. *Semântica e representações do sentido*. Campinas: Departamento de Lingüística, IEL/Unicamp, 2003.
- JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.
- KAYNE, R. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1994.
- KATO, M.; CASTILHO, A. T. Advérbios modalizadores: um novo núcleo predicador ? D.E.L.T.A. 7 (1): 409-424, 1991.
- LAENZLINGER, C. *Adverbs, pronouns, and clause structure in Romance and Germanic*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.
- LARSON, R. K. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 335-391, 1988.
- LEWIS, D. Adverbs of Quantification. In KEENAN, E. (Ed.) *Formal Semantics of Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975, p. 3-15.
- LONZI, L. Il sintagma avverbiale. In: RENZI, L.; SALVI, G. (Org.) *Grande grammatica italiana di consultazione*. v. II. Bologna: Il Mulino, 1997.
- LYONS, J. *Semantics*. vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MANINNEN, S. Book Review of CNQUE, G. (1999) *Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistic perspective*. *J. Linguistics*, 41, 2005, p. 452-457.
- MEIRA, B. J. Review of CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective*. New York: Oxford University Press, 1999. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos* (Campinas), 46(2), 2004, p. 283-290.
- MIOTO, C. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista Letras* (Curitiba), n. 56, 2001, p. 97-139.
- MORAES DE CASTILHO, C. M. *Os delimitadores no português falado no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Campinas: IEL/UNICAMP, 1991.
- MÜLLER DE OLIVEIRA, G. Os advérbios sentenciais e os testes sintáticos. *Letras* (Santa Maria/RS), v.5., jan/jun, 1993, p. 101-120.
- NARROG, H. On defining modality again. *Language Sciences*, 27/2, 2005, p. 165-192.
- PALMER, F. R. *Mood and Modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

- PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.) *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. v.3. São Paulo: Cortez, 2004.
- PEZATTI, E. G.; CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais da ordem de constituintes. *D.E.L.T.A. (São Paulo)*. vol.13, n.2, 1997, p. 191-214.
- POLLI, T. C. *Sintaxe adverbial: uma abordagem gerativa dos advérbios - em mente*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo, 2002.
- POLLOCK, J-Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP, *Linguistic Inquiry*, 20, 3, 1989, p. 365-474.
- _____. Review of CINQUE, G. (Ed.) (2002). *Functional Structure in DP and IP: The Cartography of Syntactic Structures*. Vol. 1. Oxford: Oxford UP. In: *Language*, vol. 82, number 2, 2006, p. 426-428.
- POTSDAM, E. Review of ERNST, T. (2002) *The Syntax of Adjuncts*. Cambridge, Cambridge University Press. *Language*, volume 80, 2003, p. 594-598.
- PROBST, L. *Advérbio: um estudo sobre os PPs circunstanciais no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Florianópolis, UFSC. 2002.
- QUIRK, R. et al. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman, 1985.
- _____. *A Grammar of the Contemporary English*. London: Longman, 1972.
- RAMAT, P.; RICCA, D. Sentence Adverbs in the Languages of Europe. In: AUWERA, J.; BAOILL, D. P. (Eds). *Adverbial Constructions in the Languages of Europe*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1998.
- RIZZI, L. The Fine Structure of Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997.
- _____. Locality and Left Periphery. In: _____. (Ed.) *The Structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures*. vol. 2. New York: Oxford University Press, 2005.
- ROBERTS, I. Language Change and Learnability. In: BERTOLO, S. (Ed.) *Language Acquisition and Learnability*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 81-125.
- ROBERTS, I. ROUSSOU, A. Parameters, functional heads and language change. In: _____. *Syntactic Change: A Minimalist Approach to Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SANTANA, M.S. *A sintaxe do advérbio*. (Dissertação – Mestrado em Lingüística). Rio de Janeiro, UFRJ, 2005.

SHIELDS, R. Russian Adverbs and Relativized Minimality. *LSO Working Papers in Linguistics*, 5: *Proceedings of WIGL*, 2005, p. 152-167.

SMITH, C. S. *The Parameter of Aspect*. 2nd. Edition. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers, 1997.

SPEAS, M. Evidentiality, logophoricity and the syntactic representation of pragmatic features. *Lingua*, 114, 2004, p. 255–276.

TENANI, L. E. Marcação prosódica das inserções parentéticas. In: _____. *Análise prosódica das inserções parentéticas no cópús do projeto da Gramática do Português Falado*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Campinas: UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem, 1996, p. 63-91.

TESCARI NETO, A. *A ordenação dos satélites de nível três em sentenças do português europeu falado*. Relatório de Iniciação Científica, n.º 02, apresentado à FAPESP, 2004.

_____. *O advérbio realmente no português falado brasileiro e europeu: um estudo funcional*. Relatório de Iniciação Científica n.º 04, apresentado à FAPESP, 2005.

THOMASON, R.; STALNAKER, R. A Semantic Theory of Adverbs. *Linguistic Inquiry*, vol. IV, no. 2., 1973, p. 195- 220.

TOSQUI, P.; LONGO, B. N. A distribuição dos advérbios modalizadores na sentença: Uma análise de base gerativa. *Alfa*, v. 47, n. 1, 2003, p. 85-98.

WILSON, S.; SAYGM, A. *Adverbs and Functional Heads in Turkish: Linear Order and Scope*. Disponível na página: crl.ucsd.edu/~saygin/papers/WECOLpaper.pdf s.d. Data de consulta: 1º outubro de 2007.